

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CFCH – CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

MARCOS PAULO DO NASCIMENTO SILVA

**A PROBLEMÁTICA DO MAL
EM *O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO***

RECIFE, SETEMBRO DE 2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CFCH – CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

A PROBLEMÁTICA DO MAL
EM *O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO*

Dissertação apresentada por Marcos Paulo do Nascimento Silva ao Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco como exigência parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia, sob a orientação do Prof. Dr. Vincenzo Di Matteo.

RECIFE, SETEMBRO DE 2004

Silva, Marcos Paulo do Nascimento.

A problemática do mal em o Mal-Estar na civilização. / Marcos Paulo do Nascimento Silva. -Recife : O Autor, 2004.

111 folhas.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Filosofia, 2004.

Inclui bibliografia.

1. Filosofia - Psicanálise. 2. Problema do mal -Abordagens etimológica, histórica, religiosa, neuropsiquiátrica e sociológica. 3. Teoria freudiana -Surgimento da psicanálise - Influências. 4. Amores civilização - Pacto social - Agressividade e felicidade, 1. Título.

130.2

CDU(2.ed.)

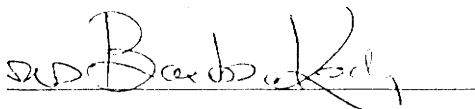
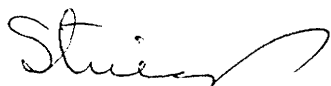
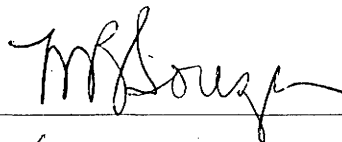
UFPE 128

CDD(22.ed.) BC2005-159

Ata da Reunião da Comissão Examinadora para julgar
a dissertação do aluno MARCOS PAULO DO
NASCIMENTO SILVA deste Programa de Pós-
Graduação em Filosofia, intitulada "A
PROBLEMÁTICA DO MAL EM *O MAL.-ESTAR*
NA CIVILIZAÇÃO".

Julgamento: Às dez horas do dia seis de outubro de 2004, reuniram-se os membros da Comissão Examinadora para julgar a dissertação "A PROBLEMÁTICA DO MAL EM *O MAL.-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO*", de autoria do aluno MARCOS PAULO DO NASCIMENTO SILVA, deste aludido Programa de Pós-Graduação em Filosofia com a participação dos Professores VINCENZO DI MATTEO (Orientador); INÁCIO REINALDO STRIEDER (1º Examinador) e ZEPHERINO DE JESUS BARBOSA ROCHA (2º Examinador); e sob a Presidência do primeiro realizou-se a arguição do candidato. Cumpridas todas as disposições legais a Comissão atribuiu ao candidato o conceito **APROVADO**. Em seguida, o Prof. VINCENZO DI MATTEO, Presidente da Banca Examinadora proclamou o candidato MESTRE pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco. E, nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão da qual para constar, eu, Maria Betânia Souza, secretária do Mestrado em Filosofia, lavrei a presente Ata que dato e assino com quem de direito.

Recife- 06 de outubro de 2004.



RESUMO

O *objeto* de estudo deste trabalho foi uma leitura filosófica do *Mal* na Psicanálise freudiana, mais precisamente no livro *O mal-estar na civilização*. Procuramos determinar as formas e origem do mal, conseqüentemente do sofrimento humano, na referida obra, como também as alternativas apresentadas para diminuir as suas conseqüências. Neste livro, Freud denuncia toda a extensão do desamparo humano, demonstrando a impossibilidade de o superarmos, mostrando, no entanto, que o pensar esta orfandade, é o melhor meio de se amenizar os problemas por este desamparo.

Palavras-Chave

Filosofia; Problema do mal; Psicanálise

ABSTRACT

The object to study this work went the read philosophy disease in the Psychoanalysis freudiana, brit needly in on work “Civilization and its Discontents”. We search determine forms and origem of pain, consequence of human suffering in the reported production how too the alternative introduce for diminish yours consequences.

In the book, Freud complaint all extension of abandoned human, demonstrating the impossibility the overcome, displayning, meanwhile, what to think are orphan, is the best middle the soften problems producedered at this abandoned.

Key Words

Philosophy; Problem of Devil, Psychoanalysis

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	04
CAPÍTULO I – A PROBLEMÁTICA DO MAL	06
1.1. A natureza do Mal	06
1.2. O mal e a civilização	10
1.3. As várias abordagens	11
1.3.1. Perspectiva religiosa	11
1.3.2. Perspectiva filosófica	13
1.3.3. Perspectiva sociológica.	13
1.3.4. Perspectiva neuropsiquiátrica	15
1.3.5. Perspectiva psicanalítica	17
CAPÍTULO II – O PERCURSO INTELECTUAL DE FREUD	18
2.1. A invenção da Psicanálise	17
2.2. Das influências	19
2.3. Das origens do método psicanalítico. Freud o escafandrista do inconsciente.	21
2.4. A virada psicanalítica. Ou de como a Psicanálise modificou o mundo.	24
2.5. Contexto Epistemológico do nascimento da Psicanálise Freudiana	25
2.6. A metapsicologia: a primeira tópica	26
2.7. A primeira teoria da cultura	31
CAPÍTULO III – REFORMULAÇÕES.	36
3.1. O mecanismo da repetição	36
3.2. Repetição versus princípio do prazer	37
3.3. Teoria pulsional freudiana	38
3.4. Pulsão de morte	41
3.5. Segunda Tópica	43

CAPÍTULO IV - EROS E CIVILIZAÇÃO	50
4.1. Eros, Thanatos e Ananke.	50
4.2. Topografia do livro.	54
4.3. As leituras possíveis.	56
4.4. O interesse da psicanálise pela cultura.	58
4.5. A falência do projeto iluminista.	59
4.6. Do sentimento oceânico, da dificuldade de ser feliz, da arte de viver.	61
4.7. Da agressividade.	63
4.8. Amor ao próximo: mandamento impossível.	67
4.9. Fenômeno Cultural e Energética.	72
CAPÍTULO V - THANATOS E CIVILIZAÇÃO.	75
5.1. Por que há uma civilização e não sua ausência?	75
5.2. Civilização, frustração, agressividade.	80
5.3. Cultura e Violência.	86
5.4. Freud, guerra e pacifismo.	87
5.5. A cultura como uma segunda natureza.	90
5.6. Desamparo e mal-estar.	93
5.7. Desamparo, inconsciente, o outro e a violência.	94
CONCLUSÃO	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103

INTRODUÇÃO

O *objeto* de estudo deste trabalho será uma leitura filosófica do *Mal* na Psicanálise freudiana, mais precisamente no livro *O mal-estar na civilização*. Procuraremos determinar as formas e a origem do mal na referida obra, como também as alternativas apresentadas para diminuir as suas conseqüências.

Na obra completa de Sigmund Freud, esse pequeno livro tem uma singular importância. Nele, o fundador da psicanálise irá se utilizar das concepções metapsicológicas acerca da teoria das pulsões e do psiquismo humano para dar conta também do fenômeno cultural, do mal-estar que nele se abriga e das opções éticas que se abrem para o ser humano.

Parte da negação de que existam sentimentos religiosos inatos a impulsionarem os homens a terem comportamentos éticos, identificando na origem destes comportamentos, exigências internas oriundas das pulsões de autoconservação, que posteriormente se mostram estratégias da pulsão de vida sobre a pulsão de morte. Essa última é utilizada pelas pulsões de vida, para trabalhar contra ela própria.

Freud denuncia toda a extensão do desamparo humano, demonstrando a impossibilidade de o superarmos, mostrando, no entanto, que o pensar esta orfandade, é o melhor meio de se amenizar os problemas gerados por este desamparo.

A *justificativa* de se trabalhar a problemática do mal, eminentemente filosófica e teológica, num viés psicanalítico advém do fato de o problema do mal ter também inquietado Freud, sendo obra acima mencionada a sua principal reflexão quanto a esse problema relacionado à civilização. A nossa leitura será de viés eminentemente filosófico.

A metodologia utilizada, por privilegiar os aspectos genéticos do pensamento freudiano não se limitou a uma análise do livro *O mal-estar na civilização*, mas

procurou identificar as tópicas e teorias das pulsões que sustentam as construções de Freud sobre cultura e mal-estar. É verdade que hoje vivemos num contexto cultural diferente e o mal-estar contemporâneo pode até diferir e muito daquele discutido por Freud, todavia para compreendê-lo é pelo menos conveniente, se não necessário, recorrer aos mitos tópicos de Édipo, Narciso, Eros Ananke e Thanatos.

Daí o *desenvolvimento* desta dissertação, em cinco capítulos. No primeiro, abordaremos como o mal foi visto pelas principais correntes filosóficas, pela teologia e pela ciência.

O segundo capítulo será prevalentemente de natureza histórica. Veremos quanto o período vivido por Freud determinou o seu pensamento e a sua produção científica. Acompanharemos o seu itinerário clínico-teórico que o levou à formulação da primeira tópica e da primeira teoria da cultura.

No terceiro capítulo, daremos atenção às reformulações teóricas de Freud, especialmente à conhecida “virada dos anos vinte”, quando surge o conceito de pulsão de morte, fundamental para se entender a segunda teoria da cultura.

No quarto e quinto capítulos, trabalharemos diretamente com o texto em tela, analisando as relações tensas e dramáticas entre Eros, Thanatos e a Civilização. Procuraremos demonstrar que, em Freud, o conceito de mal pode ser substituído sem problemas pelo conceito de sofrimento, frustração, destrutividade, violência. Mostraremos as origens do mal-estar e as suas fontes, segundo o criador da Psicanálise. Veremos quais as soluções propostas por ele para amainarmos a potencialidade desse mal-estar, já que é impossível a sua total eliminação.

Na conclusão, por fim, tencionamos reunir todas as ilações dos respectivos estudos que compõem os capítulos, ou seja, sintetizar o material obtido para daí compormos um panorama da problemática do mal em *O mal – estar na civilização*.

CAPÍTULO I - A PROBLEMÁTICA DO MAL

1.1. A natureza do Mal

Seguindo o conselho de Aristóteles, o de começar pelas coisas primeiras, e posteriormente o conselho de René Descartes, o de começar pelas coisas mais simples e, paulatinamente, ir ascendendo em dificuldades em uma investigação, não encontramos outra forma mais acertada de pôr em prática estes preceitos metodológicos do que começarmos pela etimologia da palavra “Mal”. i.e.-la: “**mal** *adv.* ‘de modo irregular ou diferente do que devia ser’ XIII. Do lat. *male* || **mal** *sm.* ‘aquilo que prejudica ou fere’ aquilo que se opõe ao bem, à virtude, à probidade’ [...]”.¹

O “Mal” já foi por diversas vezes personificado. Talvez a mais comum e mais célebre dessas personificações tenha sido a efetuada pela tradição judaico-cristã: o Diabo.² Mesmo no interior dessas duas culturas religiosas, e nas sociedades que estas influenciaram, a forma física do mal personificado é por demais variável; assim como o seu nome. No *Gênesis*, ele aparece como uma serpente, para depois, por exemplo, aparecer em *Mateus*, pelo que se aduz da leitura com uma feição antropomórfica³. Dante Alighieri, por exemplo, na sua *Divina Comédia*, início do Século XIV, apresenta-o como uma entidade possuidora de três rostos e seis asas com olhos.⁴ John Milton, em seu *Paraíso Perdido*, no final do século XVII, trata-o como o mais belo dos anjos.

¹ DA CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ªed. S. Paulo: Nova Fronteira, 1997.

² Nas palavras do Cardeal Ratzinger “Seja qual for a opinião de alguns teólogos sem consistência, o diabo é para a fé cristã uma presença misteriosa, mas muito real, pessoal e não somente simbólica”. Apud. SOUPA, Anne; MICHÈLE, Bourrat. *Deve-se acreditar no diabo?* São Paulo: Paulinas, 1998. p. 13.

³ [...] *Então foi conduzido Jesus pelo espírito ao deserto, para ser tentado pelo Diabo*[...] Mt. 4, 1. *Bíblia sagrada* Trad. João Ferreira de Almeida. . Em todo esse capítulo, não se faz descrição alguma do *tentador*. Assim, inferimos que na ausência de uma descrição física por parte do Evangelista, que o Diabo se lhe apresentou com uma forma antropomórfica, ou não se materializou. Isto porque, cremos que se tivesse se apresentado de uma forma monstruosa, o Evangelista teria descrito a mesma. Exegese esta que de forma alguma comprometerá o raciocínio aqui adotado.

⁴ Encontramos essa descrição, no último canto do ciclo do inferno, mais precisamente o canto XXXIV.

Quanto às suas denominações, a variedade é maior ainda: Diabo, Cão, Belzebu, Satanás, Satã, Lúcifer, Eblis (para os Muçulmanos), Porco, Maldito e mais uma quase infinidade de nomes. Porém, se é com a cultura judaico-cristã (principalmente nesta última) que o mal personificado ganha projeções globais, em outras culturas tão antigas como a judaica, já se consideravam algumas forças capazes de interferir na conduta humana, para o bem ou para o mal. Assim, nem só de representações físicas, ora repugnantes, ora esteticamente sedutoras, o mal é representado. Os gregos, por exemplo, criam nos “*daimones*”, que poderiam ser do Bem ou do Mal⁵. Seria uma espécie de conselheiro, o que mais tarde no Cristianismo veio a se chamar “anjo da guarda”. O filósofo Sócrates se dizia assessorado por um.

Também, foi o *Mal* “identificado” em outras formas nem tão orgânicas, ou nem tão concretas. Os teóricos do Socialismo “Científico”⁶ Karl Marx e Friedrich Engels, viam-no personificado na forma do Capital.

Para os kardecistas, o *Mal* que há no mundo é carmático.⁷ Isto é, tanto quem sofre estaria purgando penas de vidas passadas, fazendo parte de um intrincado processo da *lei do retorno*. Para alguns psiquiatras, o *Mal* pode advir de desequilíbrios neuroquímicos, assim como também de anomalias neuroanatômicas. Para Sigmund Freud, o *Mal* não seria proveniente de uma penalidade divina devido a alguma desobediência. Nada de transcendental, portanto.

Como se pode observar, são diversas variações explicativas sobre um mesmo tema. Explicações teológicas, filosóficas e científicas que, embora discorde sobre a sua origem concordam em afirmar que o mal existe.

⁵ Palavra de onde deriva o termo demônio.

⁶ Sobre uma discussão a respeito da cientificidade do marxismo ver: POPPER, Karl. *A miséria do historicismo*. Trad. Octanny S. da Mota e Leonidas Hegenberg. S. Paulo: Cultrix/EDUSP, 1980.

⁷ KARDEC, Allan. *O livro dos Espíritos*. Trad. J. Herculano Pires. São Paulo: Editora EME, 1996. Pergunta 634. p.253.

A tradição filosófica ocidental costuma identificar o *Mal* de três formas: *malum physicum*, *malum morale* e *malum metaphysicum*.

O *malum physicum* é identificado com a dor física e psicológica. O *malum morale*, com as questões da moral. O *malum metaphysicum* trata da finitude humana, temporal ou cognitiva. É claro, que esta divisão tem uma função digamos didática, ou, cartesianamente, serve para “dividir” o problema em diversas partes para assim estudá-lo melhor. Dividindo-o, ou não, o *Mal* foi estudado pela grande maioria dos filósofos. Discorreremos brevemente a respeito das “manifestações do Mal”, da maneira que, segundo, algumas correntes filosóficas, ou filósofos acreditavam como o *Mal* se manifestaria. As duas principais questões sempre foram: *Por que o Mal existe? O que origina o Mal?*

É razoável conjecturar, que a partir do momento em que o homo *sapiens* começou a concatenar as primeiras palavras, e foi capaz de formular um silogismo, ele passou a se perguntar a respeito do mal, embora sem ainda estar esse assim denominado.

No Ocidente os primeiros registros a esse respeito advêm dos filósofos gregos. Platão por seu turno tenta desontologizar o Mal. Solução esta que, Sto. Agostinho posteriormente também sustentará, em oposição aos maniqueístas, que afirmavam que o *Bem* e o *Mal* eram princípios como que equivalentes.⁸

Leibniz utilizou-se do princípio da compossibilidade lógica para afirmar que o Mal é necessário. Sustentava que um mundo dotado de perfeição, não comportaria mudanças, logo isso implicaria falta de perfeição. Para ele o mal seria uma carência accidental e ocasional não existindo por si só⁹. Kant foi outro filósofo que deu uma

⁸ AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984. p. 7, 10,11

⁹ Para uma leitura pormenorizada sobre o mal, segundo o viés filosófico, leia-se ROSENFELD, D. *Do mal*. Porto Alegre: LePM, 1988.

substancial contribuição para a discussão da problemática do Mal. Segundo ele, o Mal não é um princípio, mas uma tendência.¹⁰

Afora a condição psicótica, é por demais natural que haja momentos em que o mais pacato dos homens apresente um comportamento equivalente àquele constantemente perverso. Situação tão bem evidenciada por William Shakespeare em sua peça, *Macbeth*, por meio do próprio Macbeth “Quem pode ser prudente, transtornado? Comedido e furioso? Leal e neutro ao mesmo tempo? Homem nenhum. O impulso do meu violento afeto antecipou-se ao freio da razão”.¹¹ Condição esta tão humana, que o contista paranaense Dalton Trevisan, do alto do seu pessimismo quanto à condição humana, disse, por meio de um dos seus personagens, Nelsinho: “No fundo de cada filho de família dorme um vampiro”.¹²

A literatura universal é muito fecunda quando se trata de representar esta dualidade.

“[...] Cheguei à mesma conclusão que o lado moral de meu espírito já me revelara: o homem na realidade não é uno, mas sim dois seres num só. Foi a descoberta disso que me levou à destruição [...]”. São estas as palavras do Dr. Jekyll, na perturbadora novela “O estranho caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde”¹³ do escritor inglês R. L. Stevenson, que defende a existência de uma dupla personalidade em cada homem (que para muitos teria sido uma antecipação das hodiernas pesquisas psiquiátricas a esse

¹⁰ KANT, Immanuel. *A religião nos limites da simples razão*. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1992. p. 45.

¹¹ SHAKESPEARE, William. *Macbeth*. Trad. Manuel Bandeira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Embora, no contexto da peça, essa assertiva, tão verdadeira ao expressar algo que realmente ocorre, seja utilizada hipocritamente pelo personagem. p.42.

¹² TREVISAN, Dalton. *O vampiro de Curitiba*. 29ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998. p. 10

¹³ STEVENSON, R. L. *O Estranho caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde*. Trad. Marques Rebêlo. Rio de Janeiro: Ediouro, 1971. p. 92

respeito). Em qualquer plano que seja estudado, como disse Paul Ricoeur, o mal é um *desafio*.¹⁴

1.2. O mal e a civilização

Não podemos negar que a civilização foi capaz de amainar o “*Mal*” latente no homem. É verdade que aqui se poderia objetar quanto a esse surto civilizatório–otimista. E, para isto, bastaria lembrar que o número de mortos em guerras ou pequenos conflitos, assim como a “tecnologia da morte”, aumentou proporcionalmente com a civilização¹⁵. Porém, aceitar esse argumento seria de uma puerilidade assustadora, em se tratando de um tema tão complexo. Primeiro, porque não podemos confundir progresso tecnológico com a civilidade mesma. Se este é um dos seus fatores mais visíveis, não o é o que mais a caracteriza. Segundo, não podemos confundir civilidade com grau de escolaridade. E nem mesmo com a escolaridade mesma. E logo nesses dias, quando o século passado pode ser considerado o século de maior degradação moral da humanidade. Não estamos aqui, relativizando o que seja “civilização”. E para tanto consideraremos a expressão “civilizado” na acepção grega. Isto é, daquele que é capaz de viver em sociedade, na polis.

Sendo a educação condição necessária para a diminuição do mal no mundo, não é condição suficiente. Grandiosos conhecimentos de Filosofia ou Poesia não foram capazes de arrefecer a bestialidade dos nazistas e comunistas, por exemplo. Nem Platão nem Goethe impediram muitos dos homens, que queriam salvar a humanidade, de chorar copiosamente ouvindo uma ária, ao passo que diante do trucidamento de uma vítima não mostravam nenhum esboço de remorso.

¹⁴ RICOEUR, P. *O Mal: um desafio à Filosofia e à Teologia*. Campinas: Papirus, 1988. p. 51.

¹⁵ JACOB, André. *O homem e o mal*. Lisboa: Piaget, 2000. p.76.

Vejamos o abreviado relato do Psiquiatra Húngaro Viktor Frankl, a esse respeito, ele que foi um sobrevivente de campo de concentração nazista, descreve um assassino nazista com dotes poéticos:

“[...]Ora, no meio da sessão, entrou um lá por acaso o *Kapo* mais temido do campo, a quem tinham posto a alcunha de *Kapo assassino*, e pediram-lhe que recitasse uma das suas poesias, cuja fama tinha corrido o campo. O homem não se fez de rogado, mostrou-nos uma espécie de diário, donde constavam abundantes provas da sua arte de poeta. Lembro que tive de morder os lábios para não soltar uma gargalhada quando comecei a escutar as suas endechas amorosas. Era vital que o *Kapo* tivesse uma boa impressão de mim. Tratei, portanto, de aplaudir o melhor que pude os ridículos madrigais que rimavam constantemente amor com dor, coração com paixão. Assim, atraí os favores de um homem que me poderia tirar a vida no dia em que tivesse a infelicidade de ser colocado sob a sua vigilância”.¹⁶

Episódios como esse levaram Hannah Arendt a cunhar a expressão “banalidade do mal”; e, infelizmente, a vaticinar que “A pratica da violência, como toda ação, muda o mundo, mas a mudança mais provável é para um mundo mais violento”.¹⁷

1.3. As várias abordagens

1.3.1. Perspectiva religiosa

De modo geral, as religiões têm uma idéia comum para a existência do mal sobre a terra, seja o mal moral ou metafísico. A idéia comum é a da “corrupção”. Apesar da enorme discrepância entre elas, relacionadas a muitos assuntos, podemos encontrar, no entanto algo que as interliga. Diz-nos o Professor Olavo de Carvalho:

¹⁶ FRANKL, Viktor. *Um Psicólogo no campo de concentração*. Trad. Nuno Santos. Lisboa: Editorial Aster, s/d. p. 55-56

¹⁷ ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. p. 58. Também: *Eichmann em Jerusalém (um relato sobre a banalidade do mal)*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

“O prodigioso desenvolvimento da Religião Comparada, por exemplo, coloca ante a humanidade de hoje uma evidência que não admite ser escamoteada por nenhum relativismo, militante ou diletante: a perfeita homogeneidade das estruturas e conteúdos da experiência mística entre os grandes espirituais de todas as religiões, em épocas e civilizações as mais distantes e diversas”¹⁸.

Assim, o mal é visto como algo não natural, uma falta, uma falha. Por isto, na forma clássica de Santo Agostinho em seus *Solilóquios* :

“O mal, portanto não é nada, porque foi feito sem o verbo, sem quem nenhum ser real foi feito; ora o mal é mal, porque não possui em si aquele bem donde promana tudo o que existe. Mas as coisas que não existem não foram formadas pelo Verbo, e, por conseguinte, nada são, donde procede ainda que o mal é todo negativo”¹⁹

Max Weber já assinalava, em 1918, algumas conseqüências advindas pelo abandono dos valores ético-religiosos na vida moderna:

"os valores mais sublimes retiraram-se da vida pública, seja para o reino transcendental da vida mística, seja para a fraternidade das relações humanas diretas e pessoais... Não é por acaso que hoje somente nos círculos menores e mais íntimos, em situações humanas pessoais, é que pulsa alguma coisa que corresponda ao pneuma profético, que nos tempos antigos varria as grandes comunidades como um incêndio".²⁰

¹⁸ CARVALHO, Olavo de. *O imbecil coletivo: Atualidades Inculturais Brasileiras*. Rio de Janeiro: Ed. Da Faculdade da Cidade, 1996. p.40

¹⁹ SANTO AGOSTINHO. *Solilóquios*. Trad. Pe. Sena Freitas. Porto-Portugal: Livraria Apostolado da Imprensa, 1897. p. 38.

²⁰ WEBER, Max. A ciência como vocação. In: OGERTH, H. H.; MILLS, C. W. (Orgs.) *Ensaio de Sociologia*, Rio: Guanabara, 1982. p. 182. Em sua carta encíclica *Fides et Ratio*, o Papa João Paulo II ressalva o abandono do transcendental por parte da humanidade, como causador dos relativismos morais e do agnosticismo. PAULO II, João. *Fides et Ratio* São Paulo: Paulinas, 1998. p. 11.

Para algumas correntes religiosas orientais, o Taoísmo, por exemplo, o mal é originado e potencializado pelo desejar, pelo querer²¹. Também alguns movimentos filosóficos e místicos, como a maçonaria, “O mal não é mais que o aspeto negativo do *fruto* do desejo que fascina a vista física (sic)”²².

1.3.2. Perspectiva filosófica

A perspectiva filosófica, melhor dizendo as perspectivas, nem de longe se aproximam de uma mera discordância, são discordantes mesmo.²³ Sendo um filósofo de vertente cristã, as suas posições serão norteadas pela perspectiva da Teologia Oficial. Claro que há as exceções, devido às diversas divisões empreendidas pela reforma luterana como também por algumas particularidades do filósofo. É Kant, por exemplo, quem irá ousar a Teodicéia, em sua obra *A religião nos limites da simples razão*.²⁴

Já para aqueles que rechaçam algum tipo de transcendência espiritual, dirão que o mal advém da própria condição de se ter nascido e se descobrir um *ser para a morte*, um *ente lançado e desamparado no mundo*, em suma, pela inevitável finitude humana.²⁵

1.3.3. Perspectiva sociológica

Com pouquíssimas exceções, o pensamento norteador para discutir o problema do mal, no âmbito sociológico é a teoria marxista da luta de classes. A limitação e simplificação deste viés são patentes. Segundo a idéia marxiana, suprimidas as diferenças sociais (e aqui já se vê a esterilidade desta empreitada) e, conseqüentemente, suprimidas

²¹ TSE, Lao. *Tao te ching. O livro que revela Deus*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2003.

²² ADOUM, Jorge. *Grau do aprendiz e seus mistérios*. São Paulo: Editora Pensamento, 1993. p. 73.

²³ Partindo do princípio do terceiro excluído, fica claro que dentre todas as posições sustentadas ambas não podem estar com a razão. Logo, eis a labuta filosófica. Em seu trabalho infinito buscar a *episteme* em meio à *doxa* reinante.

²⁴ KANT, I. *A religião nos limites da simples razão*. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1992.

²⁵ Para uma abordagem sócio-antropológica desta questão remeto à leitura de BERGER, I. Peter. *Um rumor de anjos*. Rio de Janeiro: Vozes, s/d. Mais precisamente o primeiro capítulo: “A suposta morte do sobrenatural”.

as suas necessidades materiais, o homem alcançaria um estágio onde os estados de violência, outrora gerados pela revolta da diferença social, seriam extintos. E assim, haveria a tão desejada paz na terra. Incrível é como um argumento tão pueril foi capaz (e ainda o é) de mobilizar milhões de pessoas para o seu nefando intuito. Se bem que não é este o único problema do mundo paralelo marxista, problemas estes que não nos cabe discutir aqui.²⁶ Porém, este mundo paralelo respinga as (in) conseqüências da sua mórbida teoria no mundo real, senão vejamos: esse reducionismo de que tudo tem de ser visto pela perspectiva da luta de classes, onde todas as análises devem partir de um viés economicista, induz as pessoas a ver os mais diversos aleijões morais como simples resgates ou protestos sociais.

Em verdade, o mecanismo de ação marxista, a luta de classes, não é novo e tampouco criação sua. É apenas um mecanismo, que poderíamos dizer tem a idade da constituição das comunidades entre os homens. Só, que no pensamento marxista, é elevado ao paroxismo.

É na pessoa de René Girard que a sociologia encontra uma teoria capaz de redimir a sociologia desse viés reducionista. O Prof. Girard foi quem pôs a nu este ancestral comportamento humano, o mimetismo, a inveja, o mecanismo do bode expiatório que cremos ser a melhor explicação sociológica que há para o problema do mal atualmente. Em resumo, o Prof. Girard diz que todas as sociedades são alicerçadas sobre a morte ritual de inocentes. Ou nas palavras do próprio sociólogo, em entrevista ao jornal eletrônico *O indivíduo*:

“Meu ponto de partida é o seguinte: o ato fundamental da sociedade primitiva, que está na origem da nossa, é designar uma vítima, um

²⁶ Ver a esse respeito POPPER, K. *A Miséria do Historicismo*. Trad. Octanny S. Da Mota e Leônidas Hegenberg. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; São Paulo: Cultrix, 1980.

bode expiatório, e cultivar a ilusão de sua culpabilidade para permitir a expulsão de todas as espécies de tensão coletiva”.²⁷

1.3.4. Perspectiva neuropsiquiátrica

O viés neuropsiquiátrico é um dos mais interessantes e instigantes. A neuropsiquiatria é quem faz o intermédio entre muitos procedimentos da Ciência Jurídica no concernente às suas inferições a respeito da imputabilidade ou não de uma ação. Por tratar do cérebro, ao qual se costuma atribuir o estatuto de *a estrutura mais complexa do universo*, os pesquisadores, geralmente, são parcimoniosos nos seus proferimentos. Outrora, porém, nos meados dos séculos 18 e 19, essa parcimônia era artigo raro nesses cientistas, o que se explica pelo clima positivista da época. Fiéis aos cânones que afirmavam que o corpo humano poderia ser estudado analogamente a uma máquina, logo previsível, esses senhores universalizavam as poucas particularidades que os seus experimentos e observações lhes mostravam. E se houve um comportamento humano que muito intrigava os cientistas, este era o comportamento violento. A questão poderia ser assim colocada: “O agente de uma maldade é mau ou é doente?”. É na “resposta” a essa questão que a neuropsiquiatria se debate há séculos. Até hoje, inúmeras foram as propostas de resolução, nenhuma alcançando a unanimidade²⁸.

Dois pontos se destacam na literatura mundial; primeiro, é que parece aceitar-se, unanimemente, a existência de uma determinada personalidade marcadamente criminosa ou, ao menos, inclinada significativamente para o crime. Em segundo, que a diferença principal entre as várias tendências doutrinárias diz respeito à flexibilidade ou inflexibilidade dessa personalidade criminosa, atribuindo ora uma predominância de fatores genéticos, ora de fatores emocionais e afetivos e, ora ainda, fatores sociais e

²⁷ Disponível em <<http://oindivíduo.com/entrevista/renegirard.htm>> Acessado em 31 de Outubro de 2003.

²⁸ *Personalidade Criminosa*. Disponível em <<http://www.psiqweb.med.br/forense/crime.html>>. Acessado em 05 de Agosto de 2003.

vivenciais. E essa última questão estará diretamente relacionada ao arbítrio, juízo e punibilidade do infrator.

Percebe-se o caráter interdisciplinar do tratamento dado por algumas tendências de estudo, mas esta interdisciplinaridade é, também, recente. Como o assunto é por demais extenso e complexo, desenvolvê-lo aqui desnortearia-nos do nosso intento precípuo, porém, rapidamente analisaremos uma das mais polêmicas “tendências doutrinárias” já surgidas na Psiquiatria, que é, sem dúvidas, a do italiano Cesare Lombroso. Lombroso edificou toda a sua teoria sobre bases antropométricas. Segundo essas, todo criminoso denotaria a sua natureza criminosa por alguns traços da sua constituição física, mais principalmente facial. Embora inusitadas e polêmicas, as teorias de Lombroso fizeram escola em todo o mundo, tanto no meio médico como jurídico. Formou-se mesmo uma Escola Lombrosiana.²⁹ A teoria lombrosiana é mais uma daquelas teorias deterministas. Nasce-se assim, e morre-se assim. Embora os seus próprios discípulos e continuadores reconheçam precursores, foi com Lombroso que a idéia de um criminoso nato ganhou foros de cientificidade.³⁰

Atribui-se, também, algumas atitudes violentas a determinadas deformidades nas partes constitutivas do cérebro, deformidades estas de nascimento, adquiridas³¹, ou devido à deficiência de algumas substâncias neuroquímicas no cérebro³². Em geral a neuro-psiquiatria busca saber até onde se pode atribuir, ou não, a culpa ao agente de um delito pois, como diz o Prof. Kaplan:

“Não pode haver intento maldoso, se o estado mental do infrator for tão deficiente, anormal ou doentio ao ponto de havê-lo privado da

²⁹ Cf. ALVES, Roque de Brito. *Criminologia*. Rio de Janeiro: Forense, 1986. p.17.

³⁰ Cf. CASTIGLIONE, Teodolino. *Lombroso perante a criminologia contemporânea*. Bahia: Ed. Sapiência, 1972. p. 25 à 57.

³¹ Cf. DAMÁSIO, Antônio R. *O erro de Descartes. Emoção, Razão e Cérebro humano*. 12ªed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1995.(Col. Fórum da ciência, 29)

³² CF. BALLONE, Geraldo J. “*Componente Biológico da agressão*”. Disponível em, <<http://www.psiqweb.med.br/forense/biocrime.html>>. Acessado em 05 de Agosto de 2003.

capacidade de ter um intento racional. A lei pode ser invocada, apenas, quando uma intenção ilegal é posta em prática. Nem o comportamento, por mais nocivo, nem a intenção de praticar a ofensa constituem, isoladamente, a base para uma ação penal”.³³

1.3.5. Perspectiva psicanalítica

Freud não é um filósofo. Não abordou a problemática do real numa perspectiva metafísica. Sendo um médico, se preocupou fundamentalmente com a dor e o sofrimento humano que ele articulou com o conflito que é travado no mundo intrapsíquico e no mundo cultural

Quando Freud “descobre” a estrutura do inconsciente, faz uma revolução análoga àquela operada por Copérnico e Darwin. Ao afirmar essa estrutura, Freud estava afirmando que o homem não era senhor de si mesmo.³⁴ Um outro conceito, o conceito de pulsão, é em Freud um termo basilar para se entender a sua posição diante do problema do mal.³⁵ A seguir o deslocamento dessas idéias para se entender o ponto de vista psicanalítico sobre o mal. O mal na obra freudiana é um tema recorrente. Porém, não o mal substantivado: Mal. Isto porque, o mal em Freud sempre aparece “traduzido” por expressões como violência, dor, sofrimento etc. Quando a palavra “mal” aparece textualmente em sua obra, vem composta com a expressão “Estar”, daí “Mal-Estar”.

³³ KAPLAN, Harold; SADOK, Benjamin; GREEBER, K. *Compêndio de Psiquiatria: Ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. Trad. Dayse Batista. 7ªed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p.1097.

³⁴ Freud não foi o primeiro a trabalhar com a noção de processos não conscientes. Diz-se que já Platão trabalhava com essa idéia. Posteriormente Descartes, Leibniz entre outros. Ver SCHULTZ, Sidney Ellen. *História da Psicologia Moderna*. São Paulo: Cultrix p.325.

³⁵ Um conceito de difícil interpretação, haja vista ter ficado inconcluso, levando o próprio Freud a dizer que era a teoria das pulsões a sua mitologia. Cf. GARCIA-ROZA, L.. *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Zahar,1990. p. 11

CAPÍTULO II - O PERCURSO INTELECTUAL DE FREUD

2.1. A invenção da Psicanálise

De nada adiantaram os anti-semitismos infundados perpetrados por nazistas e não nazistas contra os judeus. Goraram o anti-semitismo nazista e os propagadores dos “Protocolos dos sábios de Sião”, posto que no século XX foi o século do gênio judeu.³⁶

Nas mais diversas searas do conhecimento humano, ao menos um representante desse povo alargou o conhecimento da humanidade³⁷. Nos estudos da mente humana, insofismavelmente o judeu maior foi Freud: “Meus pais eram judeus e eu próprio continuei judeu” é o que afirma o próprio Freud, em sua autobiografia. Ateu confesso que embora negando um transcendentalismo religioso mantinha-se aberto aos diálogos religiosos.

Nascido aos seis primeiros dias do mês de Maio, em Freiberg, uma pequenina cidade à época pertencente ao império austro-húngaro, no ano de 1856, de maioria católica, os Freud pertenciam à minoria judia residente na cidade. Os pais de Freud eram originários da Tismênia, uma região paupérrima que não oferecia maiores perspectivas de vida para os seus, o que levou seu Jakob, pai de Freud, comerciante de lã, a deslocar-se para Leipzig. Porém, a vida nesta cidade mostrou-se também inviável, haja vista uma combinação de fatores ter deflagrado uma crise no comércio

³⁶ Surgidos na Europa por volta de 1920 a sua falsificação é hoje reconhecidamente indubitável, inclusive com farta documentação a respeito. Remetemos a leitura de CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na era Vargas* (1930-1945). São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 60 ,61. Também COHN, Norman. *A conspiração mundial dos judeus: Mito ou realidade? Análise dos protocolos e outros documentos*. São Paulo: Ibrasa: 1967. p. 78.

³⁷ Não custa nada dizer, que ao reconhecer esta predominância não significa que estamos concordes com a filosofia desses filósofos, pensadores, cientistas etc. nem tampouco estamos fazendo as vezes de um Tobias Barreto redivivo, caso sejam eles judeus alemães.

local: a guerra austro-italiana, a introdução de máquinas na produção têxtil e a não passagem de uma estrada de ferro pela cidade, impedindo o comércio com um grande centro econômico do período: Viena.

Viena foi o novo destino dos Freud, embora tenham passado um ano em Leipzig. Não obstante tenha sido em Viena que Freud encontrou fama e projeção mundiais, os primeiros anos ali foram difíceis. As dificuldades eram concernentes à natural rivalidade humana e também a sua condição judaica, tendo os preconceitos sofridos por Freud só potencializado o seu orgulho de ser judeu.³⁸

Porém, foi ao ouvir do seu pai um episódio em que fora alvo de preconceito por parte de um cristão, aonde o mesmo agiu com um total espírito de submissão, o que, de certa forma, mudou a visão que Freud tinha do seu pai: de modelo heróico a covarde.

No entanto, a personalidade do pai, que praticamente foi quem o alfabetizou, imprimiu em Freud características marcantes que permeiam toda sua vida e obra: humor e pessimismo, uma combinação peculiar, que proporcionou a Freud desenvolver um estilo inconfundível. Da sua mãe, Amalie, Freud herda o sentimentalismo e a idéia de ser um homem predestinado a realizar grandes projetos intelectuais.³⁹ Profecia que Freud absorvera, sem determinismo fatalista porém. Como Einstein devia saber que os gênios são feitos de um por cento de inspiração e noventa e nove de transpiração. E como transpirou Freud. Menino precoce, muito jovem, dezessete anos, já freqüentava os bancos universitários no curso de Medicina. Desde os seus primeiros escritos assomava-se um estilo elegante, literário e conciso de se expressar. Versado em línguas, conhecia o alemão, seu idioma natal, latim, grego, francês, ídiche, italiano, espanhol e inglês.

³⁸ MEZAN, Renato. *Psicanálise, Judaísmo*: Ressonâncias. Rio de Janeiro: Imago, 1995. p. 51.

³⁹ Por ter nascido envolvido pela membrana amniótica, a sua mãe vaticinara tal “profecia”. JONES.E. Cf. *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. p.38.

Iconoclasta e curioso como todo adolescente, acrescentando-se o lampejo de genialidade, Freud embebeu-se da cultura de sua época, quanto mais o curso que optara naquele momento ter por paradigma o mecanicismo. O que não significara, em se tratando de Freud, uma genuflexão aos ditames vigentes, constituindo uma daquelas influências em que o pesquisador ousa ir além das influências.

A influência era a de um período onde reinavam os experimentalismos e as medições, onde só era científico aquilo que pudesse ser quantificado, matematizado. O tempo de deslumbre com a teoria evolucionista, o empirismo, positivismo e fisiologismo o período da fundação da criação, na Alemanha, da *Sociedade Física de Berlim*, que defendia o princípio de que qualquer fenômeno da existência humana era passível de explicações físico-químicas.⁴⁰

Uma outra grande influência foi a da *monadologia* de Leibniz, o que redirecionou Freud para a tomada de uma postura mais dinâmica no que se referia aos seus estudos dos mecanismos e forças vitais. De Leibniz também adveio a tipologia do inconsciente que, depois, encontrou em Freud aquele que a iria descrevê-la pormenorizadamente.⁴¹

2.2. Das influências

Em carta datada de 9/5/1920 endereçada ao pastor, teólogo e psicanalista Oskar Pfister, Sigmund Freud ressalta a este a sua Polypragmasia⁴². Esta qualidade, Freud bem que a poderia atribuir a si mesmo, haja vista a sua ânsia de tentar desvendar tantos

⁴⁰ ASSOUN, Paul Laurent. *Introdução à Epistemologia freudiana*. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1983. p. 68.

⁴¹ MARX, Melvin H; HILLIX, William A. *Sistemas e teorias em Psicologia* Trad.Álvaro Cabral. 10ªed. São Paulo: Cultrix,1997. p.317. Além de não ter criado o conceito vicinal da Psicanálise, inconsciente, Freud também não foi o primeiro a investigá-lo.

⁴² Expressão grega que designa a capacidade de ser produtivo em várias áreas. *Cartas entre Freud e Pfister. 1909 – 1939. Um Diálogo entre a Psicanálise e a fé Cristã*. Trad. Karin Hellen K. Wondracek/Ditmar Junge. Viçosa: Ultimato, 1998. p.103.

segredos da alma humana, valendo-se, para a consecução de tal intento, de um árduo trabalho interdisciplinar. Aliás, são palavras do próprio Freud ao mesmo Pfister: “Precisamos trabalhar em todos os andares ao mesmo tempo.”⁴³ A história da Psicanálise confunde-se com a história mesma de Freud. Homem do seu tempo, Freud foi trespassado por todos os modismos e paradigmas vigentes na sua época. Do mecanicismo de Helmholtz ao evolucionismo de Darwin, o jovem estudante ficou fascinado pelas novas searas descortinadas pela nova ciência.

A Psicanálise é uma construção teórica haurida do espírito da época. Na sua constituição encontramos elementos dos mais diversos matizes teóricos em voga. E como vimos, o período gestacional da Psicanálise era um período demasiadamente cientificista.

Curioso, e com uma disposição hercúlea para o labor intelectual, Freud desde cedo demonstrara a sua vertente enciclopédica. Poucos são os que negam a Freud o epíteto de gênio, deixando-se bem claro que lhe atribuir tal adjetivação não significa que se esteja abalizando tudo o que tenha dito, ou que a Psicanálise funcione como método terapêutico. Como toda concepção teórica, com a envergadura e influência que a Psicanálise alcançou, as suas teorias são amadas ou odiadas. A aversão que a Psicanálise desperta em alguns críticos advém da sua propriedade de trabalhar com o irracional. Daí ter Paul Ricoeur colocado Freud ao lado de Marx e Nietzsche como aqueles que, paradoxalmente, teriam alargado a consciência humana por meio de instâncias inconscientes.⁴⁴

Tendo iniciado o seu trabalho utilizando o hipnotismo e sugestão, intencionando com isto o resgate de situações traumáticas que, por seu turno, seriam a etiologia dos sintomas apresentados pelos seus pacientes, posteriormente Freud vai se valer da

⁴³ Ibidem; p.126.

⁴⁴ Cf. RICOEUR, Paul. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p.38.

associação livre para alcançar o mesmo intuito. O abandono das técnicas anteriores se deu posto que, ao tratar de uma paciente com sintomas de histeria, sintomas físicos, percebeu que não havia causas físicas aparentes para os sintomas apresentados, sendo os mesmos originados como que por uma reverberação no corpo de causas psíquicas. Daí porque em outro momento da sua busca pelo aprimoramento da sua terapêutica, Freud criou propriamente o método psicanalítico; isto é, incentivando os seus pacientes a falarem tudo o que estivessem pensando no momento da análise. Para Freud, não haveria pensamentos inocentes. As coisas aparentemente esdrúxulas pensadas *ex abrupto*, depois de analisadas, demonstrariam uma relação com o problema apresentado pelo paciente. Esta é a maior colaboração que um paciente pode prestar ao analista.

Isto lhe pareceu mais claro no momento em que percebia uma autocensura, por parte dos pacientes, ao titubear ao ouvir algumas palavras por ele pronunciadas e, por isto, negavam as que vinham às suas mentes em seguida. Notara também que algumas palavras despertavam nos pacientes comportamentos que outras não provocavam. Choros sem causa aparente, lembranças de sonhos e de fatos ocorridos na infância eram algumas dessas reações provocadas por determinadas palavras. Esse bloqueio seria gerado pelo inconsciente, como forma de proteção de um algo esquecido. Como Arquimedes, Freud bem que poderia ter pronunciado *eureka* (achei). De alguma forma, o consciente era determinado por alguma instância inconsciente, e a interpretação das palavras, sonhos gestos e trejeitos seria uma via de se chegar até esta mesma instância. A partir destas observações preliminares, Freud irá elaborar as suas principais idéias no tocante ao edifício psicanalítico. Sendo uma das principais idéias a sua tridimensionalidade do aparelho psíquico: o *id*, o *ego* e o *superego*.

2.3. Das origens do método psicanalítico. Freud o escafandrista do inconsciente.⁴⁵

Não sendo os processos conscientes os únicos constituintes da *vida psíquica*, não restava a Freud outra atitude que não a de abandonar os paradigmas vigentes até então. Se antes se cria em uma via direta e imediata para a perscrutação da *vida psíquica* com a Psicanálise, este acesso só seria possível por intermédio de uma teia de processos de reconstrução de um passado pregresso e esquecido nos rincões do inconsciente, servindo o psicanalista de mediador entre o psicanalizado e o que subjaz em seu inconsciente. O psicanalista seria, portanto um decifrador de signos. Na busca da(s) chave(s) interpretativa(s) desse(s) signo(s), um grande percurso foi percorrido, e a Psicanálise não ficou imune a situações e críticas que se abatem sobre idéias com a sua pretensão.

Tendo a teoria psicanalítica advindo quase que totalmente da sua prática clínica, podemos dizer que a Psicanálise é teorética. A interdependência entre ambas, prática e teoria, é total. Mas até se chegar ao construto “final” muito se fez e refez. Aos fatos então.

O trajeto gestatório psicanalítico é por demais curioso e aparentemente paradoxal.⁴⁶ Uma das características da Psicanálise, como já fizemos notar, qual seja, a influência sofrida por ela das ciências da natureza, não significou, como observamos, uma atitude meramente passiva perante os cânones estabelecidos. Isto é,

⁴⁵ Este subtítulo foi influenciado pelo proferimento do professor Brito Broca: “Neste terreno, sim, Dostoiévski revolucionou o conceito de romance, indo de encontro à Psicologia clássica e abrindo caminho para os abismos do inconsciente, onde mergulharia, mais tarde, Freud, como um escafandrista. O escritor russo iniciou a descida aos infernos a que se refere um dos biógrafos do sábio vienense” BROCA, Brito. *Ensaio de mão canhestra*: Cervantes, Goethe, Dostoiévski, Alencar, Coelho Neto, Pompéia”. São Paulo: Polis, 1981. p. 35. Também, o Professor A.C. Pacheco e Silva, refere-se ao trabalho do psicanalista como o papel do escafandrista. V. PACHECO E SILVA, A.C. *Psiquiatria Clínica e Forense*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1940. p. 113.

⁴⁶ Um dos períodos mais polêmicos foi aquele em que Freud se valeu do uso da cocaína como forma de estudo. A esse respeito SCHEIDT, J.V. *As experiências de Freud*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

embora a Psicanálise aceite esses postulados também vai de encontro ao postulado mais caro a esta mesma ciência inspiradora: *Recta Ratio*.⁴⁷

Recta Ratio, este é um daqueles brocardos latinos que trazem em si a espetacular capacidade de sintetizar e expressar o pensamento de uma época.⁴⁸ Na época da criação da Psicanálise a “verdade” científica deveria ser buscada de forma direta, a reta razão, o menor caminho entre o sujeito pensante e o objeto seria retilíneo. Freud subverteu justamente este paradigma dominante, pelo método espiralado da Psicanálise. A “verdade” científica deveria ser perseguida não de forma reta, linear, mas sim como uma espiral. O ‘logos’ doravante poderia e deveria ser lido não de forma linear constante, mas sim como um polídro. Geometricamente falando seria como o abandono da geometria euclidiana pela adoção da geometria riemanianna – lobatchevskyana. O *Cogito ergo sum* cartesiano, ora dominante, sofreria um abalo do qual não conseguiria recuperar-se plenamente:

“A Psicanálise propõe mostrar que o Eu não somente não é senhor na sua própria casa, mas também está reduzido a contentar-se com informações raras e fragmentadas daquilo que se passa fora da consciência, no restante da vida psíquica [...]. A divisão do psíquico num psíquico consciente e num psíquico inconsciente constitui a premissa fundamental da Psicanálise, sem a qual ela seria incapaz de compreender os processos patológicos, tão freqüentes quanto graves, da vida psíquica e fazê-los entrar no quadro da ciência [...]. A Psicanálise recusa-se a considerar a consciência como constituindo a essência da vida psíquica, mas nela vê apenas uma qualidade desta, podendo coexistir com outras qualidades e até mesmo faltar”.⁴⁹

⁴⁷ Esta expressão é de Cícero, filósofo estóico, para quem a razão seria o elo entre o homem e a divindade criadora. Ver a respeito *Revista da academia brasileira de letras jurídicas*. V.1, Rio de Janeiro: Academia, 1985. p. 103.

⁴⁸ MAXIMILIANO, Carlos. *Hermenêutica e aplicação do Direito*. Rio de Janeiro: Forense, 2002. p.195.

⁴⁹ Todas as citações das obras de Sigmund Freud, quando do contrário notificaremos ao leitor, foram extraídas das *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. Edição *Standard* Brasileira em 24 volumes/ Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey e Alan Tyson; tradução do alemão e do inglês sob a direção geral de

Embora tenha sido o responsável por um rompimento paradigmático dos mais traumáticos que a ciência já enfrentou, o próprio Freud negava à Psicanálise o advento de uma nova *Weltanschauung*. Para ele a Psicanálise não precisaria de uma porque, sendo uma ciência, poderia utilizar a *Weltanschauung* desta. Mesmo para com a *Weltanschauung* científica, Freud era parcimonioso, pois via com desconfiança a abrangência pretendida por qualquer *Weltanschauung*.⁵⁰ Freud negava maiores influências e confluências da Filosofia na Psicanálise posto afirmava que a primeira é meramente especulativa e a segunda, assim como as ciências naturais, era analítica⁵¹.

Tendo se valido de filósofos como Leibniz, Schopenhauer, Stuart Mill e Nietzsche; escrito um livro filosófico especulativo, *Além do princípio do prazer*⁵², havendo recebido críticas por o haver escrito, Freud por reiteradas vezes demonstra a sua antipatia pela Filosofia. Atitude estranha advinda de quem dela tanto se serviu. Em carta a Fliess, datada de Fevereiro de 1900, fala da compra de um livro de Nietzsche com a esperança de com a sua leitura encontrar respostas para alguns questionamentos seus.⁵³ Sobre Nietzsche ainda, escreveu posteriormente que iria se abster de ler os livros do filósofo alemão para evitar “as idéias antecipatórias” a que Nietzsche havia chegado, para poder chegar a estas por meio do trabalho empírico, e não pelas intuições como havia chegado Nietzsche.⁵⁴ A dependência da Filosofia se estende à observação de P.L. Assoun, quando diz que a Psicanálise não poderia se furtar a uma teoria do

Jayme Salomão. – Rio de Janeiro: Imago, 1996. Doravante as citações terão por padrão a que se segue. FREUD, S. *Cinco lições sobre a Psicanálise*. ESB, Vol. XI, p. 38.

⁵⁰ FREUD, S. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. ESB, Vol. XXII p.177.

⁵¹ JAPIASSU, H. *Psicanálise: ciência ou “contraciência”?* Rio de Janeiro: Imago, 1989. p.37.

⁵² Texto de 1920 onde aliás, surge pela primeira vez o conceito de pulsão de morte na teoria psicanalítica freudiana.

⁵³ MASSON, J..H. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 180-181.

⁵⁴ FREUD, S. *A história do movimento psicanalítico*. Coleção os pensadores. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1974. p. 55. Para um aprofundamento da relação Freud/Nietzsche, recomendamos a leitura de ASSOUN, P. L. *Freud e Nietzsche: Semelhanças e dessemelhanças*. São Paulo: Brasiliense, 1989. Mais precisamente o primeiro capítulo: Freud frente a Nietzsche: Gênese de um encontro.

conhecimento.⁵⁵ Freud, como se aduz do exposto, não estava livre do narcisismo que tão primorosamente descreveu. Como bem diria Nietzsche, era humano, demasiado humano.

2.4. A virada psicanalítica. Ou de como a Psicanálise modificou o mundo.

Quando em sua visita a Universidade Clark, Massachussets, em 1909, Freud disse que trazia a "peste" aos Estados Unidos. Bem poderia ter dito que trazia a divisão. Com a Psicanálise a idéia de unidade é abalada desde dentro, o homem é a partir de agora um ente cindido, devendo buscar a sua “unidade” na tentativa da resolução de conflitos interiores. O Logos, a razão, conquista tão cara e dolorosa ao *sapiens sapiens*, com o advento da psicanálise é destronado da sua torre de marfim, herdada da modernidade. O *cogito* cartesiano passa a ser apenas *mais um* elemento e não mais o elemento.

Na contemporaneidade, ora a realidade é reduzida aos instintos com Nietzsche, ora à economia, com Karl Marx, ora ao inconsciente com Freud. Em se tratando de Freud, a Psicanálise por ele criada é uma “ciência”⁵⁶ que trata dos fenômenos inconscientes. Consiste em um método de investigação, que trata fundamentalmente de perscrutar o significado inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um sujeito.⁵⁷ Sendo um conjunto de teorias psicológicas aliadas a certas práticas médicas tem a sua dinâmica calcada na aceitação de processos psíquicos inconscientes, e as aceitações da existência de resistências e recalcamientos

⁵⁵ ASSOUN, P.L. *Freud, la philosophie et les philosophes*, P.U.F; 1976. p.125. Apud Hilton Japiassu *Psicanálise: Ciência ou Contraciência?* Rio de Janeiro: Imago, 1989. p. 37.

⁵⁶ As aspas se fazem necessárias devido ao até hoje acalorado debate sobre a epistemologia da psicanálise. A esse respeito ver Alberto Oliva (Org.) *Epistemologia: a cientificidade em questão*. Campinas: Papirus, 1990. Mais precisamente o capítulo “A questão da cientificidade em teorias de conflito: Marxismo e Psicanálise”. P. 213.

⁵⁷ “A psicanálise, como a Filosofia da Linguagem, pretende descobrir, além dos fenômenos conscientes e racionais, as formas inconscientes das manifestações humanas. Pretende fazer com que essas formas inconscientes sejam reencontradas e sirvam para interpretar manifestações conscientes”. CAPALBO, Creusa. *Fenomenologia e Ciências Sociais*. Londrina: UEL, s/d.p. 70.

são os conteúdos principais da psicanálise, os fundamentos principais de sua teoria. A Psicanálise é uma “ciência” teórica. Isto porque é na prática psicanalítica, divã, que se observará a validade ou não das teorizações, acreditam os psicanalistas.

2.5. Contexto Epistemológico do nascimento da Psicanálise Freudiana

Antes de adentrarmos ao estudo da metapsicologia freudiana, um breve esclarecimento sobre a epistemologia freudiana é por demais pertinente. Quanto à cientificidade da Psicanálise, a polêmica é encarniçada, como já fizemos observar, não há consenso em torno do assunto.

A criação e a educação de Freud se deram premidas entre a corrente apolínea do positivismo científico e a corrente dionisíaca do romantismo alemão. Como diz E. Jones “A ciência, então, significava – como ainda significa para muitas pessoas – não somente objetividade, mas, acima de tudo, exatidão, medida, precisão[...]”.⁵⁸

Freud nunca escondeu a sua pretensão de poder dar à Psicanálise um estatuto de ciência. Em seu texto *Pulsões e destinos das pulsões* (1915) mostra os fundamentos epistemológicos da Psicanálise, que, segundo ele, deve começar, como toda ciência, não com definições, mas sim com conceitos. Logo após uma árdua labuta chegar-se-á a uma progressiva fundamentação conceitual a respeito da sua aplicabilidade e alcance, por seu turno também provisórios, pois “o progresso do conhecimento não tolera tampouco a rigidez nas definições”.⁵⁹

Como se vê, a descrição do fenômeno é condição primeva para se iniciar a atividade científica. Porém, esta mesma descrição, a forma como se vai organizar os dados obtidos já advém de conceitos provenientes de outros saberes. Assim, Freud se

⁵⁸ JONES, E. *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 65.

⁵⁹ FREUD, S. *Pulsões e destinos das pulsões*. ESB, Vol. XIV. P. 137.

valendo do modelo científico da época acrescenta o seu critério de provisoriedade dos modelos descritivos. Tudo isso visando o caráter de ciência positiva para a Psicanálise. Uma cientificidade idiosincrática é verdade.

Ainda em 1932 em uma carta endereçada a Einstein diz:

“Quem sabe tenha ficado em você a impressão de que nossas teorias formam uma espécie de mitologia, e se assim fosse não seria nem sequer uma mitologia agradável. Porém, acaso não se orientam todas as ciências da natureza por uma mitologia deste tipo?”⁶⁰

Neste trecho Freud reitera o que já havia dito anteriormente, ou seja, da partícula metafórica das ciências ao passo que atribui à Psicanálise o mesmo estatuto da Física, logo o mesmo estatuto das ciências naturais. Luiz Roberto Monzani critica o que chama de “ilusão” na opinião de alguns estudiosos da epistemologia freudiana, por acharem que Freud trabalha desde o início com uma “pura psicologia”: “Desde o início de sua carreira teórica até o fim, Freud modelou seu pensamento baseado em hipóteses físicas e biológicas.”⁶¹ Para Monzani, Freud era autor de elaborações fantásticas que estavam distantes dos modelos de ciência vigentes na época.⁶²

2.6. A metapsicologia: a primeira tópica

A condição *sine qua non* para se entrar na academia platônica era a geometria, advertiam os dizeres no seu pórtico, já para a Psicanálise freudiana era a sua

⁶⁰ FREUD, S. *Por que a guerra?* ESB, Vol. XXII. p. 254.

⁶¹ MONZANI, Luiz Roberto. A fantasia freudiana. In PRADO, Bento (Org.) *Filosofia da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 86.

⁶² MONZANI, L. R. Op. Cit; p. 86.

metapsicologia. Disse Freud: “Que ninguém entre aqui (na Psicanálise) se não for metapsicólogo.”⁶³.

Mas o que é a Metapsicologia? Segundo o elucidativo verbete de Laplanche e Pontalis:

“Termo criado por Freud para designar a psicologia Por ele fundada, considerada na sua dimensão mais teórica. A metapsicologia elabora um conjunto de modelos conceituais mais ou menos distantes da experiência, tais como a ficção de um aparelho psíquico dividido em instâncias, a teoria das pulsões, o processo do recalque, etc. A Metapsicologia toma em consideração três pontos de vista: dinâmico, tópico e econômico”.⁶⁴

A hesitação de Freud entre as ciências naturais e a especulação filosófica irá repercutir em toda a sua criação posterior, principalmente na ambigüidade da sua metapsicologia. Ficou premido entre um monismo metodológico e um dualismo doutrinal.

Assim, metapsicológicos são todos os escritos e teorias de Freud, que, para explicar, conceituar noções e teorias da Psicanálise, recorrem às instâncias dinâmicas, tópicas e econômicas. Entre 15 de Março e 04 de Maio de 1915, Freud escreveu doze artigos que tinham por título *Preliminares a uma Metapsicologia*, sendo que desses doze, apenas cinco foram publicados (*As pulsões e suas vicissitudes*, *O recalque*, *o Inconsciente*, *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos e Luto e Melancolia*); os outros sete, (*A consciência*, *Angústia*, *Histeria de*

⁶³ ASSOUN, P. L. *Metapsicologia freudiana: uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 13. Infelizmente, o autor não cita a fonte deste proferimento freudiano.

⁶⁴ LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 284 – 285.

conversão, Neurose obsessiva, Neurose de transferência, Sublimação e Projeção) segundo se especula, foram destruídos pelo próprio Freud.

Na Metapsicologia freudiana iremos encontrar a “metafísica” da Psicanálise. Segundo Loparic há:

“elementos de metafísica na metapsicologia de Freud. Estes não se reduzem à afinidade com a teoria da vontade de Schopenhauer. Toda a teoria freudiana das neuroses e da técnica terapêutica é devedora do paradigma que domina a metafísica moderna, o cartesianismo. São diretamente cartesianos ou, então, pós-cartesianos todos os conceitos básicos de Freud, como os de monismo ontológico (o homem faz parte da natureza), de sujeito de representação e de afeto, de aparelho psíquico, de princípio de prazer, de temporalidade linear, de princípio de causalidade, de realidade interna e externa, o conceito de pulsão, finalmente, de representabilidade, de racionabilidade e de dizibilidade de tudo, inclusive da vida humana. O método de proceder na psicologia, por meio de metáforas dinâmicas, também já foi ensaiado, desde Leibniz, por filósofos modernos. No essencial, o lugar teórico de toda a teoria freudiana do inconsciente, inclusive da sexualidade, é o subjetivismo metafísico moderno”.⁶⁵

Heidegger nos Seminários de Zollikon chega a dizer que: “A metapsicologia freudiana é a transferência da filosofia neokantiana para o homem. De um lado ele tem as ciências naturais e de outro a teoria kantiana da objetividade”.⁶⁶ É claro que nem todos concordam que a Metapsicologia seja uma metafísica da psicanálise ou,

⁶⁵ LOPARIC, Z. Psicanálise: uma leitura heideggeriana. *Veritas*. Porto Alegre. V.43, n.1, p.33. Segundo Antonio Franco Ribeiro da Silva, a Metapsicologia é uma ficção. Nas suas palavras “A metapsicologia é, portanto, uma ficção. Mas, que fique bem claro, não se trata de uma ficção feita ao acaso e sem fundamentação. Não se trata do produto de uma imaginação fértil ou delirante. Como já disse, esta ficção é um reflexo da clínica que, ao mesmo tempo, dá sustentação à clínica”. RIBEIRO SILVA, A. F. *A metapsicologia de Freud*. Belo Horizonte: Passos, 1995. p. 114.

⁶⁶ HEIDEGGER, M. *Seminários de Zollikon*. Editados por Medard Boss. São Paulo: Educ; Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 222.

quando assim consideram a consideram sendo de uma outra ordem. Raikovic nos diz que: “Freud construiu, sem dúvida, uma metafísica de espécie diferente da Metafísica clássica, mas do mesmo gênero[...] “Procurando transcender o observável, ele se situa perfeitamente numa linha de pensamento que não é outra coisa senão Metafísica”.⁶⁷ O projeto de Freud, na verdade, era “transformar a metafísica em metapsicologia”,⁶⁸ pois via nesta um ranço religioso de eras priscas e um absurdo de pensamento.⁶⁹

Os dualismos permeiam toda a obra freudiana. No caso em tela, pressionado de um lado por dois aspectos, o natural, manifesto pelas noções de quantidade, energia, jogo de forças; por outro lado, o psíquico, representado pela intencionalidade e sentidos. Segundo Derrida:

[...] “Todas as teses freudianas são fendidas, divididas, contraditórias como os conceitos[...]Assim se passa com todos os conceitos: sempre se deslocando, porque não fazem nunca um consigo mesmo. O mesmo ocorre com a tese que põe e dispõe destes conceitos, da história destes conceitos e sua formação.”⁷⁰

Para muitos intérpretes a obra freudiana é um hibridismo de ciência natural versus filosofia.⁷¹ A provisoriedade da teoria psicanalítica é explicada pelo fim colimado: explicar a complexidade da alma humana. Essa explicação não poderia se dar sem esse sentimento de incompletude, pois segundo Mezan:

“Quando Freud introduz a noção de um inconsciente dinâmico, mantido sob repressão mas cujos efeitos se fazem sentir em todas as esferas do

⁶⁷ RAIKOVIC, P. *O sono dogmático de Freud: Kant, Schopenhauer, Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. p. 151-152.

⁶⁸ FREUD, S. *Psicopatologia da vida cotidiana*. ESB, Vol. VI p. 254.

⁶⁹ Cf. ASSOUN, P.L. *Metapsicologia freudiana: uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 39.

⁷⁰ DERRIDA, J. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001. p. 110.

⁷¹ Cf. ASSOUN, Paul-Laurent. *Introdução à Epistemologia Freudiana*. Trad. Hilton Japiassu. Rio da Janeiro: Imago, 1983. p. 215.

funcionamento psíquico, o que se rompe é a homogeneidade destas esferas. O resultado é que não se pode mais falar em *hierarquia* das partes da alma, pois tal hierarquia pressupõe que os fatores da série sejam da mesma natureza. Dito de outro modo, e aproveitando a exposição que ouvimos, a existência de dois modos de funcionamento – os processos primário e secundário – rompe com a homogeneidade sempre pressuposta entre os sentimentos, os apetites e a razão, os quais, ao longo de toda tradição filosófica, estiveram freqüentemente em oposição, porém numa oposição que os situava no mesmo plano, o que aliás é condição *sine qua non* para que pudesse ser admitida a subordinação das partes ‘inferiores’ à parte racional”.⁷²

Talvez não haja ciência ou teoria que não tenha desde a sua enunciação passado por emendas e releituras. Com a Psicanálise não foi diferente. Originada pelos seus estudos clínicos de neurose, passando pela hipnose, livre associação, análises oníricas até chegar ao reconhecimento das influências de atividades inconscientes, um longo caminho foi trilhado.

Na obra freudiana há duas representações dominantes quanto à constituição da alma humana, ou aparelho psíquico. A primeira encontra-se no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* de 1900. Posteriormente, em 1915, no seu artigo *Sobre o inconsciente* Freud irá sistematizar esta representação. Essas reflexões ficariam conhecidas como primeira tópica. A segunda representação, aparecida no livro *Ego e o Id*, de 1923, receberia a denominação de segunda tópica.

No que concerne às teorias da constituição do aparelho psíquico desenvolvidas por Freud temos dois modelos. Na sua primeira elaboração Freud via três sistemas constituintes para o aparelho psíquico: consciente, pré-consciente, e inconsciente. É o

⁷² MEZAN, Renato. *Psique, Alma e Aparelho Psíquico*. São Paulo: Ed.Caminhos Cruzados, p.182 e 183.

que ficou conhecido como primeira tópica. Freud observara, a partir das suas investigações clínicas, que na maior parte do tempo não seríamos regidos pelo consciente, mas sim por forças inconscientes, conteúdos recalçados, subproduto de experiências somáticas. Dotadas de acentuado valor energético, estes representantes inconscientes, urgem vir à tona, isto é, querem tornar-se conscientes. Entra em cena nesse momento o processo primário, nome pelo qual Freud chama o processo de funcionamento do Inconsciente. Por meio do processo primário esta energia poderá deslocar-se ou aglutinar-se a outras energias servindo assim de paliativo para o desejo originário.

Ressalte-se que Freud não visava com estas representações uma localização tópica como a da Geografia. Ou seja, não pretendia fazer uma localização anatômica do aparelho psíquico. Esta intenção fica patente ao se ver a analogia que faz Freud com o aparelho óptico. Como toda analogia, esta também conteria imperfeições e nesse sentido Freud escreveu:

“Não vejo necessidade de me desculpar pelas imperfeições desta ou de qualquer imagem semelhante. Essas analogias visam apenas a nos assistir em nossa tentativa de tornar inteligíveis as complicações do funcionamento psíquico na sua totalidade, dividindo-o e atribuindo-lhe suas operações singulares aos diversos componentes do aparelho. Ao que me consta, não se faz até hoje a experiência de utilizar este método de divisão com o fito de intuir a maneira como se compõe o instrumento anímico e não vejo nele mal algum. A meu ver, é lícito darmos livre curso a nossas especulações, desde que preservemos a imparcialidade de nosso juízo e não tomemos nossa frágil armação por um edifício sólido. E uma vez que, em nossa primeira abordagem de algo desconhecido, tudo que precisamos é o auxílio de algumas representações provisórias, darei preferência, inicialmente, às hipóteses de caráter mais prático e mais concreto. Por conseguinte,

retrataremos o aparelho psíquico como um instrumento composto a cujos elementos daremos o nome de “instâncias” , ou – em prol de uma clareza maior - sistemas”.⁷³

Por seu turno os sistemas Pré-consciente e Consciente, são norteados por processos secundários, processos estes inibidores da livre circulação desta energia psíquica. É a luz desse primeiro modelo da estrutura e do funcionamento do aparelho psíquico que Freud confronta explica o sofrimento neurótico como decorrente de exigências excessivas e injustificadas da civilização.

2.7. A primeira teoria da cultura

A primeira teoria da cultura freudiana está exposta no pequeno ensaio *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*, de 1908. Freud inicia o seu argumento relatando algumas teorias de médicos e cientistas sobre a incidência assustadora das doenças nervosas provenientes do processo civilizacional. Após relatar sucintamente algumas dessas teorias, anuncia que irá tecer uma contribuição no sentido de entender o porquê do aumento dessa patologia. O seu ponto de partida é, diz ele, estatístico. Da sua observação notou que freqüentemente os portadores destas moléstias eram jovens oriundos do campo, detentores até então de uma vida pacata, saudável, amena longe das atribulações e exigências da cidade grande.⁷⁴ De antemão, Freud rejeitará a etiologia apresentada pelos seus predecessores, posto que se centraram demasiadamente no desenvolvimento tecnológico, da técnica como causa do aumento das neuroses.⁷⁵ A sua

⁷³ FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*. ESB, Vol. p. 572.

⁷⁴ FREUD, S. *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*. ESB, Vol IX, p. 188.

⁷⁵ Ibidem, p. 190, 191.

maior contribuição neste estudo é atribuir a repressão sexual a maior parcela de culpa pelo estado acentuado de neurose existente na civilização⁷⁶.

Neste ensaio, encontramos um Freud no auge do racionalismo, um entusiasta das promessas científicas. Segundo ele, a civilização moderna está calcada em uma moral de ordem sexual repressora originária das perversões, e mais gravemente das neuroses. Esta moral obrigaria os homens a renunciarem, por meio da sublimação, às suas pulsões, direcionando esta energia pulsional para certas atividades culturais aceitas pela sociedade: arte e ciência. O problema é que “a tarefa de dominar um instinto tão poderoso quanto o instinto sexual, por outro meio que não a sua satisfação, é de tal monta que consome todas as forças do indivíduo. O domínio do instinto pela sublimação [...] “só pode ser efetuado por uma minoria”.⁷⁷ Mesmo para os privilegiados, capazes de sublimar as suas pulsões, essa sublimação não é infalível e nem perpétua. Assim, por mínimo que seja, o indivíduo tem “certa necessidade de satisfação sexual direta, e qualquer restrição dessa quantidade, que varia de indivíduo para indivíduo, acarreta fenômenos que, devido aos prejuízos funcionais e ao seu caráter subjetivo de desprazer, devem ser considerados como uma doença”.⁷⁸ Felizmente, segundo Freud, o nosso instinto sexual não é direcionado exclusivamente para a reprodução, e daí surge o deslocamento do auto-erotismo para o amor objetal. A esses mecanismos de substituição, Freud atribui a constituição das doenças nervosas, que ele denomina de “psiconeuroses”.⁷⁹

Assentada no casamento monogâmico, na proibição da diversidade sexual, a nossa sociedade exige do indivíduo renúncias maiores do que seríamos capazes de renunciar. Assim, as benesses advindas da civilização, os benefícios por ela produzidos, teriam como um subproduto as perversões e as neuroses, nos tornando pessoas doentes.

⁷⁶ Ibidem, p. 208.

⁷⁷ Ibidem, p. 194.

⁷⁸ Ibidem, p. 193, 194.

⁷⁹ Ibidem, p. 191.

Nesse período, Freud asseverava que as neuroses iam de encontro aos objetivos da civilização, hostis mesmo a esta. Portanto, não haveria custo benefício algum em reprimir os instintos em nome da civilização.⁸⁰ A partir do que observou, Freud admitirá que a sociedade observada por ele era composta por três fases no que tange a atitude moral perante a sexualidade. A primeira é aquela onde todos os instintos sexuais podem ser satisfeitos livremente. A segunda é a fase onde os instintos sexuais só podem ser satisfeitos se forem para atender à reprodução da espécie. Por fim, a terceira fase, onde somado ao primeiro propósito, isto é, o de servir a reprodução da espécie, alia-se à questão monogâmica, ou do matrimônio institucionalizado, o que Freud chama de *reprodução legítima*.⁸¹ Das três fases, a sociedade por ele analisada corresponderia às características da terceira fase.

Partindo destas observações, Freud propõe reformas de ordem comportamentalista sexual, um afrouxamento, uma distensão nas regras que reconhece servem de “liga” para a existência desta mesma civilização.⁸² A crítica que se faz à Psicanálise, de ter um fixismo pelo sexual, surge a partir deste momento. Seria Freud um subversivo, pregador da sublevação popular para que se rejeite a cultura vigente. Um apologista da “desobediência civil” no que concerne aos costumes sexuais e morais.⁸³

Nos textos posteriores Freud irá dedicar-se mais a tentar desvendar o porquê e como se estabelece este mecanismo sexual repressivo: *Totem e tabu* (1913), *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), *O futuro de uma ilusão* (1927) e *O mal-estar na civilização* (1930). São estes os textos que os especialistas nomeiam de textos culturais de Freud.

⁸⁰ Ibidem, p. 208.

⁸¹ Ibidem, p. 198.

⁸² Ibidem, p. 208.

⁸³ Quem levou ao paroxismo essa proposta foi Reich. Vide REICH, Wilhelm . *Psicopatologia e sociologia da vida sexual*. São Paulo: Global editora, s/d.

Antes, porém, de nos determos sobre esses textos, especialmente, de *O mal-estar na civilização*, é imprescindível analisar a reformulação da teoria das pulsões e do aparelho psíquico a qual sustenta a nova teoria da cultura.

CAPÍTULO III – REFORMULAÇÕES.

A partir dos anos 1920 e 1923, as pulsões do ego perdem a sua autonomia e serão absorvidas na oposição de pulsões de vida. Com o conceito de pulsão de morte, iniciativa radical para tentar explicar o porquê do fenômeno agressivo, Freud irá paulatinamente demonstrando que esta pulsão se mostra como algo que está para além da busca da felicidade, mas é sim, um algo, originariamente, constitutivo do homem.

3.1. O mecanismo da repetição

Foi por meio da observação clínica que Freud descobriu o que iria denominar de *mecanismo de repetição*. Ele dá à noção de repetição o estatuto de um conceito, ao identificar a compulsão à repetição como uma maneira de recordar que se presentifica no tratamento. A partir desse momento começa a relacionar os conceitos de repetição, transferência e resistência. Em *Além do princípio do prazer*, o mecanismo da compulsão à repetição (*Wiederholungszwang*) vai ser visto por Freud como algo maligno que subjuga o princípio do prazer, conclusão que o leva a criar o conceito de pulsão de morte. Assim, o conceito de repetição é a manifestação inconsciente do movimento da pulsão. Segundo Freud, a compulsão à repetição é um “processo incoercível e de origem inconsciente, pelo qual o indivíduo se coloca ativamente em situações penosas, repetindo assim experiências antigas”.⁸⁴ A repetição, segundo Garcia-Roza, é a característica própria da pulsão.⁸⁵ Segundo ainda o mesmo Garcia-Roza, “o que ela repete é, pois, o mais arcaico, o estado inicial do qual o organismo se afastou por

⁸⁴ LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 125

⁸⁵ GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Acaso e repetição em Psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*. 7ªe. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.p.25.

exigências de fatores externos: o inorgânico”⁸⁶. Seria por meio da repetição que a pulsão de morte poderia se apresentar, exteriorizar-se. Para Roudinesco: “Essa compulsão, essa força pulsional que produz a repetição da dor, traduz a impossibilidade de escapar de um movimento de regressão, quer seu conteúdo seja desprazeroso ou não”.⁸⁷

A repetição, portanto, é, a reprodução de um estágio de dor que se repete, embora desprazeroso, para que se efetue um equilíbrio interno do inconsciente. Segundo Luiz Alberto Hanns, no seu Dicionário comentado do alemão de Freud, lingüisticamente falando “as composições com *Zwang* evocam a imagem de um sujeito sendo obrigado, contra a sua vontade, a agir *ou pensar de determinada forma*”.⁸⁸

3.2. Repetição versus princípio do prazer

Ao constatar o princípio da repetição, Freud realizou uma grande reformulação na sua teoria. A repetição compulsiva pensou Freud, deveria estar ligada a um algo a mais que apenas uma mera exigência do princípio do prazer. Haja vista, esta repetição se dá no que concerne a certos fenômenos traumáticos, e ninguém em sã consciência quereria reproduzir um momento de dor. Foi, devido a esta constatação, que Freud se pôs a perscrutar os eventos traumáticos para encontrar uma explicação para este comportamento. Haveria, assim, um porque *Além do princípio do prazer*.

É no sexto capítulo do seu *Além do princípio do prazer* (1920) que a expressão pulsão de morte estréia na *omnia opera* de Freud. Através da análise de casos clínicos, Freud intuiu que só a existência de uma força que fosse além do princípio do prazer

⁸⁶ Ibidem, p.25.

⁸⁷ ROUDINESCO, E. *Por que a Psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.p. 15.

⁸⁸ Hanns, Luiz Alberto. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Série Analytica. Rio de Janeiro, Imago, 1996. p.101.

poderia explicar a atitude repetitiva de eventos traumáticos. Ao constatar a existência desta força, Freud teve de reformular a sua teoria e a sua clínica. A Psicanálise, poderíamos dizer, é uma filosofia da repetição.

Normalidade e patologia a partir de agora seriam apenas fronteiras formais para se imputar as pessoas, não tendo validade alguma no campo da observação. Para perscrutar este desconhecido, o inconsciente, Freud elegeu o sonho como via de acesso principal. A partir de agora não haveria mais atos e atitudes inocentes. O ser humano era a partir de agora o produto de uma desarmonia construtiva que “Não consegue recordar a totalidade do que nele se acha reprimido, e o que não lhe é possível recordar pode ser exatamente a parte essencial”,⁸⁹ o que vai acarretar na repetição dos traumas reprimidos. Laplanche e Pontalis definem a repetição como um “processo incoercível e de origem inconsciente, pelo qual o individuo se coloca ativamente em situações penosas, repetindo assim experiências antigas”.⁹⁰ É um mecanismo de defesa, resistência, do inconsciente, posto que o trauma recusa dizer o seu nome. Porém, como no âmbito do inconsciente nada ocorre gratuitamente, esta compulsão à repetição, dolorosa para um, é prazerosa para outro sistema. Ainda assim, um mistério permanecia em forma de pergunta: por que esta compulsão à repetição só rememoraria situações desprazerosas? Segundo Freud, porque “existe na mente uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio de prazer”.⁹¹

Freud gostava de comparar a labuta psicanalítica à prática arqueológica⁹², não deixa de lhe ser semelhante, porém uma outra analogia que não inapropriada seria com a astronomia. Assim como os astrônomos descobrem a existência de um corpo celeste pela influência deste sobre outro, a Psicanálise também se vale desse expediente

⁸⁹ FREUD, S. *Além do princípio do prazer*. E.S.B, vol. XVIII, p.29.

⁹⁰ LAPLANCHE E PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins fontes, 1988. p. 125.

⁹¹ FREUD, S. *Além do princípio do prazer*. E.S.B, vol. XVIII, p. 33.

⁹² WHOLLHEIM, Richard. *As idéias de Freud*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1977. p.225.

metodológico. Por meio da compulsão à repetição, deduziu-se da existência da pulsão de morte.

3.3. Teoria pulsional freudiana

Segundo declaração do próprio Freud, a teoria da pulsão seria a sua mitologia. Deve-se entender mitologia aqui como a entendem René Guénon, Fritjhof Schuon e Paul Ricoeur. Isto é, não o mito como uma mentira ou uma fantasia, mas sim como uma verdade sublevada, subentendida, em busca de uma decifração. Uma árdua decifração.⁹³

A primeira idéia de pulsão/instinto em Freud irá aparecer no *Projeto de uma Psicologia Científica* (1895). Esta primeira concepção apresenta-se como uma espécie de energia psíquica oriunda da atividade humana, portanto organicista. Dentre as forças constituintes do organismo está a pulsão, o instinto. Para designá-la, Freud utiliza o termo alemão *Reiz* (excitação, estímulo). Freud vê dois tipos de excitação: um interno e outro externo.

O termo pulsão (*Trieb*) aparece em Freud, nos seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), momento a partir do qual este conceito irá assumir o caráter de um dos mais importantes da Psicanálise. Importância de tal magnitude, que Birman afirmou: “Foi a partir do conceito de pulsão que os demais conceitos metapsicológicos foram construídos, na medida mesmo em que a pulsão ocupa a posição de fundamento na axiomática freudiana”.⁹⁴ Aqui o termo utilizado é *Trieb* que segundo Hanns “É um termo freqüentemente carregado de indeterminação, que remete a uma origem intangível, à força, à atemporalidade e a um arcaísmo”.⁹⁵ Segundo este mesmo autor, o

⁹³ Cf. ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 84. De forma geral como o definiu Mircea Eliade “O mito conta uma história sagrada, quer dizer, um acontecimento primordial que teve lugar no começo do Tempo, *ab initio*”.

⁹⁴ BIRMAN, J. *Ensaio de teoria psicanalítica*, 1. parte: metapsicologia, pulsão, linguagem, inconsciente e sexualidade. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1993. p. 79.

⁹⁵ HANNS, L.A. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 340.

sentido da palavra é aquilo que põe em movimento, aquilo que propulsiona. A pulsão é vista como um fenômeno que impele o indivíduo a agir, posto que é uma energia somática, um processo fisiológico. O que é a pulsão? Deixemos o próprio Freud nos responder: “È um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático”. Mais “é o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente”.⁹⁶ A aparente facilidade de entendimento deste proferimento gera confusões no concernente à natureza manifestatória da pulsão. O professor Luiz Alfredo Garcia-Roza, por exemplo, nos explica que uma dessas confusões produz:

“O inconveniente de confundir a pulsão enquanto representante dos estímulos internos, com os representantes psíquicos da pulsão. No artigo *O inconsciente*, Freud afirma que uma pulsão nunca pode tornar-se objeto da consciência e que mesmo no inconsciente ela é sempre representada por uma idéia (*Vorstellung*) ou por um (*Affekt*). Portanto uma coisa é a pulsão, outra é o representante psíquico da pulsão (*Psychischerepräsentanz*), e outra coisa ainda é a pulsão enquanto representante de algo físico.”⁹⁷

Segundo Freud, a pulsão estabeleceria fronteira entre o “anímico e o físico”, ao contrário do que, à primeira vista, se poderia confundir com algo meramente externo, não possuindo nenhuma qualidade “devendo apenas ser considerada como uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica”. Tendo por diferenciador de uma pulsão para outra a “relação com suas fontes endossomáticas e seus alvos”.⁹⁸

Fica bem claro que aqui Freud em um primeiro esboço vê a pulsão como um representante psíquico. Coloca a pulsão como um conceito fronteiro, que não está nem no físico nem no anímico. Ou seja, já nesta primeira definição, Freud diz que a pulsão não está dentro do aparelho psíquico, e sim entre este e o somático, num limite entre os

⁹⁶ FREUD, S. *As Pulsões e as suas vicissitudes*. ESB, Vol. XIV, p. 142.

⁹⁷ GARCIA-ROZA. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. p. 116.

⁹⁸ FREUD, S. *As Pulsões e as suas vicissitudes*. ESB, Vol. XIV, p. 144.

dois. Ela é apenas uma exigência de trabalho feita à vida anímica. E o que é uma exigência de trabalho? É uma exigência de representação, de simbolização. O termo pulsão já havia sido usado diversas vezes por Freud, mas não havia sido conceituado de forma satisfatória. Aparece, por exemplo, em 1895, no seu *Projeto para uma Psicologia científica*,⁹⁹ reaparecendo em 1915 em um artigo intitulado *Os instintos e suas vicissitudes*¹⁰⁰. Já em 1920 ele introduzirá, no corpo teórico da Psicanálise, o conceito de pulsão de morte.

3.4. Pulsão de morte

Nas palavras de Laplanche e Pontalis:

“Na realidade, o que Freud procura explicitamente destacar pela expressão ‘pulsão de morte’ é o que há de mais fundamental na noção de pulsão, o retorno a um estado anterior e, em última análise, o retorno ao repouso absoluto do anorgânico. Para além de um tipo especial de pulsão, o que ele assim designa é o que estaria no princípio de qualquer pulsão[...] podemos ver na tese da pulsão uma reafirmação do que Freud sempre considerou a própria essência do inconsciente, no que ele oferece de indestrutível e desreal”.¹⁰¹

Recapitulando este tópico, o conceito de Pulsão de morte é um dos mais polêmicos da obra freudiana, por se basear em considerações por demais especulativas e, parte da premissa que a tendência para a destruição é inerente ao ser humano. No entanto, Freud hesitou bastante até admitir esta idéia de destrutividade constituinte do ser

⁹⁹ FREUD, S. *Projeto Para uma Psicologia Científica*. ESB, Volume I.

¹⁰⁰ FREUD, S. *Os Instintos e suas Vicissitudes*. ESB, Volume XIV.

¹⁰¹ LAPLANCHE E PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1988. p.362.

humano, chegando a dizer que a resistência que o impedia de admitir tal instância, é uma infantilidade comum a todos que a rejeitam.¹⁰²

Freud atesta a sua existência a partir de algumas observações clínicas: os fenômenos de repetição, as noções de agressividade, sadismo, masoquismo, que adquiriram uma importância elevada nas especulações psicanalíticas. Porém, se estes indícios convenceram a Freud, aos outros não convenceram. Para estes, os fatos clínicos observados deveriam ser investigados, mas não por intermédio deste conceito.

Segundo Garcia-Roza, “não se deve entender essa vontade de destruição como uma encarnação do mal, como a afirmação de um niilismo fundamental implícito na teoria freudiana. O que se está recusando é a concepção da pulsão de morte com uma tendência a reproduzir o mesmo”.¹⁰³ A reação dos críticos pode ser também entendida pela confusão que este conceito causou à Psicanálise. O mesmo Garcia-Roza chega a dizer que:

“Com a introdução do conceito de pulsão de morte, tudo se modifica, e o campo psicanalítico, até então todo ocupado pela ordem, dá lugar ao caos, ao acaso, transformando por consequência toda a própria prática psicanalítica[...]A autonomia da pulsão de morte entendida como pulsão de destruição (ou potência de destruição) é perfeitamente consistente com a idéia de que a pulsão, por se situar além da representação, além da ordem, além do princípio do prazer, é pura dispersão, pura potência dispersa. Sob esse aspecto, faz jus à afirmação de ser a pulsão por excelência”.¹⁰⁴

¹⁰² FREUD, S. *O Mal-Estar na civilização*. ESB. Vol, XXI. P. 142.

¹⁰³ ROZA, Garcia. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Ed Zahar, 1990. p. 31.

¹⁰⁴ ROZA, Garcia. *Introdução à Metapsicologia Freudiana*. Vol. I. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1995. p.157-159.

Para Jacques Laberge, com a introdução deste conceito houve traumas ainda hoje não sanados, pois “afinal não existe encaixe entre a primeira e a segunda tópica”.¹⁰⁵

Apesar das críticas e resistências dos próprios psicanalistas a pulsão de morte, *O mal-estar na civilização* não teria sido escrito ou seria apenas uma variação literária das primeiras denúncias contra a cultura, já anteriormente analisadas.

3.5. Segunda Tópica

Ao reformular a sua teoria das pulsões, Freud reformulará, também, a sua primeira representação “tópica”, posto haver notado a sua insuficiência para abarcar os novos problemas oriundos dos seus estudos sobre a psicose.

A insatisfação com o “modelo topográfico”; posto não conseguir este modelo explicar certos fenômenos de ordem psíquica, levaram Freud a elaborar uma nova concepção de modelo psíquico que irá ser publicado em 1920, no seu trabalho metapsicológico “*Além do princípio do prazer*”. Com este trabalho irá estabelecer o modelo estrutural (ou dinâmico). O termo “estrutura” não é gratuito, pois representa uma articulação de certas funções originariamente separadas e com funções próprias, que em determinado momento se interrelacionam uns com os outros. O que diferencia fortemente as duas tópicas é o fato de que a primeira tópica era uma descrição estática, permitindo uma divisão em consciente e duas vertentes de inconsciente: o consciente em sentido lato, com conteúdos raramente representáveis por via consciente; e o pré-consciente, composto de pensamentos mais maleáveis. Isto é, facilmente transformáveis em atos conscientes e vice-versa.

¹⁰⁵ LABERGE, Jacques. Real e repetição. In: *Anais da V Jornada Freud-Lacaniana*, Recife, 1999. p. 282.

A partir da sua atividade clínica, Freud vai concluir que o ego e o superego eram em sua grande maioria inconscientes. Como consequência ficou impossível sustentar a identidade anterior entre o ego e o consciente, e entre recalque e inconsciente. Portanto, era o fim da primeira tópica. Porém não o seu abandono definitivo.

Na esteira das diversas influências recebidas no decorrer da sua formação, e posteriormente nas suas reformulações, o ponto arquimédico em que Freud se apoiou foi o da divisão do aparelho psíquico em três. Esta representação aparece pela primeira vez no livro *O Ego e o Id*, de 1923. Freud, na sua segunda tópica, relaciona as instâncias id, ego e superego com os sistemas Consciente, Pré-Consciente e Inconsciente, surgidos na primeira tópica. Ao invés da unidade monológica, a alma humana é, na verdade, cindida em três, é composta por três dimensões:

Id

Etimologicamente o termo neutro *Id* deriva do pronome latino *is, ea, id* (em alemão *Es*) é de natureza pulsional e inconsciente, sendo um reservatório de energia inicial, do ponto de vista econômico. Do ponto de vista “dinâmico”, há interações com o superego e o ego, assim como também com os objetos interiores e exteriores.

Surgido originariamente em *O ego e o id*, o termo já havia sido utilizado por Georg Groddeck, que por seu turno já havia lido em Nietzsche.¹⁰⁶ Foi a partir da sua reformulação dos anos 20 que o termo “id” aparecerá na obra freudiana. Com a nova formulação da psicologia do ego, caracterizada pelas funções inconscientes de defesa e recalque, como também pela formulação de uma nova tópica, onde o id passaria a ocupar o *topos* que houvera sido do inconsciente.

Do Id nos diz Freud, na sua conferência XXXI – *A Dissecção da Personalidade Psíquica das Novas Conferências Introdutórias da Psicanálise* (1932 – 1933):

¹⁰⁶ Cf. Laplanche e Pontalis. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 219.

“Não devereis esperar que acerca do Id, possa comunicar-lhes grandes coisas. É a parte obscura e inacessível da nossa personalidade. O pouco que dele sabemos através do estudo da elaboração onírica e da produção de sintomas neuróticos, em sua maior parte, tem caráter negativo, não podendo ser descrito senão como antitético do Ego. Aproximamos-nos do Id por meio de analogias, designando-o como um caos ou como uma caldeira, cheia de estímulos ferventes. Poderíamos descrevê-lo como aberto na sua extremidade em direção ao corpo e recebendo em si, ali as necessidades pulsionais, que encontram nele sua expressão psíquica, mas não podemos dizer em que substrato”.¹⁰⁷

O *Id* é o pólo pulsional inato da alma, é a instância inconsciente em toda a sua totalidade, tem por constituinte os instintos, impulsos de ordem orgânica e pelos desejos inconscientes. É o mais antigo dos elementos anímicos, fonte primitiva da energia psíquica. Neste a influência das pulsões é preponderante, que, por sua vez, tem o seu “controle” efetivado pelo princípio do prazer, o que lhe imprime um caráter de imediatismo na sua consecução. Na relação entre o Ego e o Id Freud relata que:

“[...]A percepção é para o Ego o que o Id é para a pulsão. O Ego representa o que poderíamos chamar de razão ou reflexão, em oposição ao Id, que contém as paixões. A importância do Ego está na sua função de acesso ao sistema motor. Podemos pois compará-lo em sua relação com o Id, com um cavaleiro que rege e controla a força do seu cavalo, superior à sua, com a

¹⁰⁷ FREUD, S. A Dissecção da Personalidade Psíquica. In: *Novas Conferências Introdutórias da Psicanálise*.(1932 – 1933). ESB, Vol. XXII. p. 94.

diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com suas próprias forças, e o Ego com forças tomadas de empréstimo. Mas se o cavaleiro se vê obrigado alguma vez a deixar-se conduzir aonde seu cavalo deseja, também o Ego se mostra forçado em algumas ocasiões em transformar em ação a vontade do Id, como se fosse a sua própria vontade”.¹⁰⁸

Ego

Esta expressão, “ego” (*Ich*) aparece desde os primeiros escritos de Freud. Porém, é com a chamada “virada” de 1920 que o termo é visto como “revestido de um sentido estritamente psicanalítico, técnico”.¹⁰⁹ Com a virada dos anos vinte, o que iria degradingolar na “segunda tópica” o termo, passa a representar uma instância psíquica abrangendo outras duas instâncias: o id e o superego. A partir dessas investigações, o ego tornou-se uma parte inconsciente.

Topicamente falando, o ego vive em uma relação de dependência frente ao id e ao superego, sendo, portanto, um mediador com reservas. Dinamicamente, é a instância defensora da personalidade. Economicamente funciona como ligação dos processos psíquicos.¹¹⁰

O ego, a única instância em parte consciente das três, é o produto desta luta inconsciente do ego e do superego. No entanto a sua função não é meramente passiva, pois atua como um mediador entre os dois gigantes da alma humana. A sua busca é pela equidade. No entanto, premido por uma instância de um “querer” desmesurado e por outra de “repressão”, também sem limites, não há como encontrar um equilíbrio satisfatório, e daí a origem das neuroses e psicoses. Nas palavras de Freud: “A importância funcional do Ego reside no fato dele reger normalmente os acessos à motilidade. Podemos, pois, compará-lo,

¹⁰⁸ FREUD, S. *O Ego e o Id*. ESB, Vol. XIX. p. 39.

¹⁰⁹ LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 125.

¹¹⁰ *Ibidem*, p. 124.

e, sua relação com o Id, ao cavaleiro que rege e refreia a força de seu cavalo”.¹¹¹ Quanto à sua ação: “No que diz respeito à ação, temos o Ego em uma situação semelhante a de um monarca constitucional, sem cuja sanção não se pode legislar nada, mas que refletirá bastante antes de apor seu veto a uma proposta do parlamento”.¹¹²

Super - Ego

A teorização do superego foi fruto de demorada reflexão. O termo surgiu na obra “O ego e o id” de 1923. O superego é definido como herdeiro do complexo de Édipo, fruto da internalização dos impedimentos e proibições paternos.

Segundo Freud, podemos perceber a sua ação no ato da autoridade paterna no concernente à educação dos filhos, ora afagando ora punindo, o que configura uma verdadeira “fábrica” de angústias. Posteriormente, quando se rejeita à satisfação edipiana, internaliza-se as proibições externas, o que representa o momento da identificação entre o superego e a instância paterna.

O superego faz as vezes de um censor do Id, das pulsões. Também inconsciente, seria o responsável pelo impedimento da realização plena de todos os desejos, e pode ser identificado nos impedimentos morais que a sociedade nos impõe, e que nós mesmos nos auto-impusemos. Utilizando uma expressão muito usual na Psicanálise é esta uma instância castradora. Segundo a dogmática psicanalítica, a sua mais perfeita presentificação se dá na repressão sexual.

“Porém como sabemos a criança pequena é incompleta, pois não possui qualquer inibição interna aos seus impulsos tendentes ao prazer. A função exercida pelo Superego é desempenhada primeiramente por um poder exterior, pela

¹¹¹ FREUD, S. *O Ego e o Id*. ESB, Vol. XIX. p. 39.

¹¹² Ibidem, p. 72.

autoridade dos pais[...] Só depois se forma a situação secundária que aceitamos, rapidamente, como normal; situação na qual a inibição exterior é internalizada, sendo a instância parental substituída pelo Superego, o qual vigia, dirige e ameaça o Ego exatamente como antes os pais a criança”.¹¹³

Da questão aproximativa do Id, Ego e Superego nos diz Freud:

“O Superego, o Ego e o Id são três reinos, regiões ou províncias em que dividimos o aparato anímico da pessoa e de cujas relações recíprocas vamos ocupar-nos no que se segue. Mas façamos, antes, uma pequena digressão[...] Permitindo-me uma comparação; já sei que as comparações não resolvem nada; mas podem fazer com que nos sintamos mesmos desorientados. Imagino um território de configurações muito variada – monte, planícies e lagos - e nele habitam alemães, húngaros e eslávicos, dedicados a atividades diferentes. A distribuição de tais elementos poderia ser tal que os alemães habitariam os montes e se dedicariam ao rebanho; os húngaros povoariam as planícies e se dedicariam ao cultivo de trigo e videira; e os eslávicos morariam à margem dos lagos e viveriam de pesca e da construção de objetos de vime. Se esta distribuição fosse precisa e exata constituiria a alegria de um Woodrow Wilson e seria comodíssima para o ensino da Geografia. Mas o mais provável é que o viajante que atravessasse tal região encontrasse nela menos ordem e mais mistura. Os alemães, húngaros e eslávicos vivem confundidos entre si; nos montes existem também terras de cultivo. E nas

¹¹³ FREUD, S. *O Desmembramento da Personalidade Psíquica*. In: *Novas Conferências Introdutórias da Psicanálise*. ESB, Vol. XXII. p. 94.

planícies pastos. No entanto, algo é tal como o esperávamos, pois nas montanhas é impossível encontrar pesca, e nas águas do lago não cresce a videira[...]" ¹¹⁴

Embora fale reiteradas vezes da questão aproximativa entre a descrição do aparelho psíquico e a sua verdadeira localização orgânica, Freud nos adverte que muito do que ele descreve corresponde realmente ao que é:

“Nesta diferenciação da personalidade em Ego, Superego e Id, não deveis imaginar fronteiras precisas como as que têm sido artificialmente traçadas na geografia política. À peculiar condição do psíquico não correspondem contornos lineares, como no desenho, ou na pintura dos primitivos, senão esfumações análogas às da pintura moderna. Depois de haver realizado a separação, teremos que deixar confluir o separado. Não julgueis demasiado severo esta primeira tentativa de fazer visível o psíquico, tão dificilmente apreensível”. ¹¹⁵

A segunda tópica tem o seu surgimento em um contexto de retificação, ou, se melhor se preferir, de atualização da primeira tópica. Com a segunda tópica, Freud tenciona explicar melhor alguns pontos das descobertas clínicas referentes ao conflito psíquico, e também concernente à formação do Ego, que a primeira tópica não explicava convincentemente.

O que não quer dizer que Freud rejeitasse totalmente a primeira tópica, haja vista ao longo da sua obra ter tentado conciliar as duas tópicas. ¹¹⁶

¹¹⁴ Ibidem, p. 93.

¹¹⁵ Ibidem, p. 101.

¹¹⁶ Para muitos pesquisadores as duas tópicas são mesmo indistintas. Um exemplo é SIMON, Bennet. *Razon y Locura en la Antigua Grécia: las raíces clásicas de la psiquiatria moderna*. Trad. Felipe Criado Boado. Madrid: Akal Editor, 1984. Este autor em um capítulo deste livro dedica um subcapítulo relacionando Platão e Freud. Nesse intuito se vale das duas tópicas freudianas como não tendo uma distinção muito clara.

CAPÍTULO IV - EROS E CIVILIZAÇÃO

4.1. Eros, Thanatos e Ananke.

Para discutirmos a civilização no âmbito psicanalítico freudiano são indispensáveis três conceitos básicos: *Eros*, *Ananke* e *Thanatos*. *Eros* e *Thanatos* são as duas pulsões que compõem o sujeito freudiano, *Ananke* é a necessidade. É a grandiosidade da natureza, a realidade circundante.

Com a introdução do conceito de “pulsão de morte” a teoria da libido é reformulada, sendo substituída pelo conceito de *Eros*. A manifestação de *Eros* se dá por meio da libido, energia eminentemente sexual, que contribui para unir carnalmente as pessoas,¹¹⁷ o que propicia a procriação, sendo, portanto, a favor da civilização. Porém, se opõe à civilização quando a energia instintiva, retirada da sexualidade, exigida para o trabalho é excessiva.

Thanatos por sua vez é manifestado pela agressividade, e a sua ligação com *Eros* ocorre nos atos de sadismo. É um instinto que age contra a civilização, posto que converge para o estado de quietude, morte, repouso absoluto. Freud nunca utilizou este termo por escrito, tendo-o utilizado, porém, em conversas coloquiais, o que se mostra um tanto espantoso, haja vista ser uma expressão deveras importante no ulterior desenvolvimento da Psicanálise, sendo mesmo o contraponto de *Eros*. Essa relação, de uma instância mais de ordem biológica, libido, com uma instância mais cultural, *Eros* foi bem observado por Sérgio de Gouvêa Franco: “Se cada ser humano é levado à morte por um movimento interno, então só o encontro dos humanos é que pode atenuar esse movimento. O que luta contra a morte é produzido na conjunção dos mortais O ser

¹¹⁷ LAPALANCHE e PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 266.

humano sozinho está ligado ao caminho de morte, inexoravelmente, junto com outros humanos é que encontra meios para resistir à morte”.¹¹⁸

Os objetivos que o indivíduo busca e os que animam a cultura, convergentes ou divergentes, são ambos originários de *Eros*, modificados por *Ananke*.¹¹⁹

A evolução da civilização, para Freud, é a luta da nossa espécie pela vida, a luta entre *Eros* e *Thanatos*. Quando o sentimento de culpa de fato se estabelece é que a civilização irá inibir o desejo destrutivo externo dos indivíduos, fazendo-os introjetar esta mesma violência contra o próprio ego, gerando assim o superego, que proporciona o sentimento de culpa quando se busca a felicidade, que, para Freud, seria a livre liberação de “energias” libidinais. Portanto, se por um lado a repressão é um mal, posto que gera todo o desconforto aludido, por outro lado se faz necessário, pois uma sociedade sem repressão acarretaria um libertinismo deletério.¹²⁰ Ou seja, a impossibilidade mesma da constituição de uma sociedade. Além do que, reprimindo *Eros*, reprimimos também *Thanatos*.

Como já fizemos observar, *Ananke* é necessidade que se manifesta na impotência do homem diante da impavidez das forças da natureza. Esta expressão aparecerá na obra freudiana diversas vezes, representando o mesmo sentimento de

¹¹⁸ FRANCO, Sérgio de Gouvêa. *Hermenêutica e Psicanálise na obra de Paul Ricoeur*. São Paulo: Loyola, 1995. p.153.

¹¹⁹ É o que Paul Ricoeur chama de “erótica geral”: “É, portanto, a mesma ‘erótica’ que faz a ligação interna dos grupos e que leva o indivíduo a buscar o prazer e a fugir do sofrimento – o tríplice sofrimento que lhe infligem o mundo, seu corpo e os outros homens”. RICOEUR, P. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 250.

¹²⁰ Na leitura de Marcuse, é justamente o contrário. Segundo ele, é possível encontrarmos em Freud uma “tendência oculta da Psicanálise”, onde seria possível uma sociedade sem repressão, ou “mais-repressão”. Curioso é vermos a sua “Crítica aos revisionistas freudianos” quando aponta Reich, Jung e Fromm como aqueles que abandonaram os conceitos freudianos, se afastando assim da essência psicanalítica freudiana. Curioso é que o próprio Marcuse extrapolou estes mesmos conceitos dando-lhes interpretações conflitantes com as do próprio Freud. Uma das principais discordâncias reside na questão do sentimento de culpa. Para Marcuse, esse fortalecimento é resultado do remorso dos indivíduos que exteriorizaram a agressão. Já para Freud, o fortalecimento de sentimento de culpa é resultado da repressão da agressão. Cf. MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização*. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

impotência.¹²¹ *Ananke* desempenha, nesse triunvirato, o papel de “incentivador”¹²², de aliado com *Eros* contra *Thanatos*, chegando mesmo Freud a dizer que “*Eros* e *Ananke* [Amor e Necessidade] se tornaram os pais também da civilização”.¹²³

Freud, por seu turno, define a civilização como a soma de tudo aquilo que nos distingue dos animais inferiores, conjunto de elementos que nos proporcionariam a defesa contra as agressões da natureza, e também de “ajustar os seus relacionamentos mútuos”.¹²⁴ Freud elenca alguns dos diversos “elementos singulares” que compõe o que vem a ser a civilização. O primeiro deles é mais óbvio, segundo Freud, é a capacidade que o homem tem de moldar a natureza, *o homo faber*. O uso do fogo, a invenção da escrita, a construção de moradas, a criação de instrumentos, pois por meio deles “o homem recria seus próprios órgãos motores ou sensoriais, ou amplia os limites de seu funcionamento”.¹²⁵ Todas essas conquistas embriagam os homens, fazendo-os se sentirem deuses, seus ascendentes diretos. Ledo engano, dirá Freud. O que são, na verdade, um “Deus de prótese”¹²⁶, apenas uma pálida representação dos deuses por eles imaginados. Estas descobertas maravilhosas também legam a ele dificuldades outras.

Observa Freud, que as características civilizacionais não residem apenas em descobertas e invenções práticas ou de ordem material. Freud cita a beleza como uma delas: “Exigimos que o homem civilizado reverencie a beleza, sempre que a perceba na natureza ou sempre que a crie nos objetos de seu trabalho manual, na medida em que é capaz disso.”¹²⁷ Não ficando só nisso, a civilização exige “ordem e regularidade” o que é traduzido pelo asseio corporal, pela limpeza. Freud chega a caracterizar a ordem

¹²¹ FREUD, S. *Leonardo da Vinci e uma lembrança da infância*. ESB; Vol. XIV. p. 114; *Totem e Tabu*. ESB; Vol. XIII. p. 116; *O problema econômico do masoquismo*. ESB; Vol. XIX. p. 210; *O futuro de uma ilusão*. ESB; Vol. XXI. p. 69; *O mal-estar na civilização*. ESB; Vol. XXI. p. 121 e 164.

¹²² FREUD, S. *Ibidem*, 164.

¹²³ FREUD, S. *Ibidem*, p. 121.

¹²⁴ FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. ESB; Vol. XXI. p. 109.

¹²⁵ FREUD, S. *Ibidem*, p. 110.

¹²⁶ FREUD, S. *Ibidem*, p. 111.

¹²⁷ FREUD, S. *Ibidem*, p. 112.

como uma compulsão reconhecidamente importante, pois “capacita os homens a utilizarem o espaço e o tempo para o seu melhor proveito, conservando ao mesmo tempo as forças psíquicas deles.”¹²⁸ Chegando a lamentar que ela não tenha tido uma influência maior no início, o que ocorre por nós termos uma compulsão à desordem e à irresponsabilidade. Mas, segundo Freud, o que mais caracteriza a civilização é a atenção que o homem dá à religiosidade e à Filosofia.

Por fim, tudo o que foi destacado só pode ser realizado porque houve um relacionamento entre seres humanos, o que, para Freud, foi o primeiro elemento de civilização. Com a civilização vêm também as proibições, outrora quase inexistentes. De certa forma, civilizar-se é uma prática cotidiana de redução da liberdade, é o aprender a equacionar as variáveis “individualidade” e “coletividade”. Dirá Freud que civilizar-se é sublimar os instintos¹²⁹ que, se não forem compensados por meio de um outro viés, gerarão problemas gravíssimos.

Apesar da ordem, da limpeza, das elucubrações religioso-filosóficas, do progresso técnico-científico, de tudo, por fim, que o homem conseguiu através do processo civilizatório, Freud dirá “não concordar com o preconceito de que civilização é sinônimo de aperfeiçoamento, de que constitui a estrada para a perfeição, pré-ordenada para os homens”.¹³⁰

Chegamos ao momento de uma análise mais direta desse texto, *O mal-estar na civilização* que é ao mesmo tempo uma crítica à cultura da modernidade com suas seqüelas de decepções e sofrimentos e uma dramática constatação do intransponível conflito entre *Eros* e *Thanatos*.

¹²⁸ FREUD, S. Ibidem, p. 113.

¹²⁹ FREUD, S. Ibidem, p. 118.

¹³⁰ FREUD, S. Ibidem, p. 117.

4.2. Topografia do livro.

O mal-estar na civilização é um livro de maturidade. Freud, de fato, faz deste livro uma prestação de contas, despretensiosa é verdade, mas dele se vale para expor alguns dos mais importantes conceitos da Psicanálise. Por exemplo, pulsão, incesto, neurose, complexo de Édipo etc. Curioso é que em sua própria autocrítica, dizia estar “desperdiçando papel e tinta”,¹³¹ antecipa-se aos críticos, que o acusariam de demasiada falta de rigorosidade em alguns termos empregados. Parece ser um “livro-diário”, aquele onde não precisamos nos explicar para os outros ou para a posteridade. Isto é, não almejava travar diálogos com as outras ciências.¹³² O próprio estilo em que é escrito o livro aproxima-se mais do estilo filosófico-romântico do que aquele exigido para um homem de ciência dos padrões da época. Em pouco mais de 60 páginas, divididas em oito capítulos, conseguiu escrever uma das suas mais célebres e polêmicas obras. Nesse livro, pela primeira vez, se detém em uma reflexão mais demorada sobre a cultura, e alguns outros temas que tocara superficialmente em outros dos seus livros.

Freud irá fazer uma digressão pelo porquê do desconforto gerado pela convivência entre os homens. Este desconforto civilizacional é tratado por Freud, é verdade, também em outros livros seus. Por isto, seguindo um conselho do professor Zeferino Rocha, que diz que quem deseja “estudar a problemática da violência num enfoque psicanalítico” deve ler os textos freudianos “*Por que a guerra?*”, “*O futuro de uma ilusão*” e “*O mal-estar na civilização*”¹³³, iremos pontear a nossa análise de “*O mal-estar na civilização*” com estas obras referidas pelo professor, assim também com outras obras de Freud.

¹³¹ FREUD, S. Ibidem. p. 139.

¹³² “Hoje escrevi a última frase, que encerra o trabalho na medida em que é possível aqui – sem biblioteca. Ele trata da cultura, do sentimento de culpa, da felicidade e outras coisas enaltecidas”. Apud. GAY, Peter. *Uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das letras, 1989. p. 492.

¹³³ “A leitura destes textos é indispensável para quantos desejem estudar a problemática da violência num enfoque psicanalítico”. ROCHA, Zeferino. *Freud: aproximações*. Recife: Ed. da UFPE, p.229.

Em *O mal-estar na civilização* Freud trabalha com a tensão, com o *Tour de Force*, existente entre *Eros-Tanatos* e *Ananke* e as suas contribuições na construção da cultura ocidental. É um livro por demais amargo. Escrito por um Freud maduro, apartado do seu otimismo iluminista, onde outrora falava em cura das dores da alma. Além do pessimismo teórico, em que Freud estava imerso, temos, também, um Freud provento e castigado pela velhice. A gênese deste livro se dá em julho de 1929, na região da Bavária, onde Freud passava férias.¹³⁴ Estando Freud privado da sua biblioteca e das suas anotações, quase incapacitado para fazer caminhadas e sem paciência para leituras e ou releituras, resolve canalizar as suas energias na labuta da escrita. Os estudiosos da obra de Freud são unânimes em afirmar o permanente estado de autocritica do pai da psicanálise. Freud era, talvez, o seu maior crítico, quanto ao que escrevia. Por mais das vezes pontificava muitas das suas obras como sendo obras menores, mal escritas ou sem validade no que concernisse à originalidade. Foi assim com o texto “*Por que a guerra?*”, reposta a uma correspondência que teve com Einstein,¹³⁵ e foi assim com o próprio texto “*O mal-estar na civilização.*”¹³⁶

Malgrado toda a sua autocensura, a importância deste livro reside no fato de que nele Freud esboça, além de uma solução para a dualidade pulsional por ele levantada¹³⁶, uma explicação psicanalítica da cultura, mais especificamente o ‘Mal-Estar’ na civilização.

Escrito em linguagem fluente, e nem por isso menos rigorosa a tese central de Freud nos é revelada no capítulo final do livro. Sustenta ele que o sentimento de culpa é o maior entrave no desenvolvimento da civilização, atribuindo a sua origem ao

¹³⁴ JONES, Ernest. *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1979. p. 703-704.

¹³⁵ Cf. ROCHA, Zeferino. *Freud: aproximações*. Recife: Ed. da UFPE, p.230.

¹³⁶ “Se a energia das pulsões de vida é a libido, qual a energia da pulsão de morte? Até então, o máximo que Freud conseguira estabelecer, quanto a este ponto, era que nenhuma das pulsões se apresenta em seu estado puro, que a pulsão de morte (que ele identificava como pulsão de destruição) e as pulsões de vida sempre estão misturadas.” GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. p. 133.

superego, formado a partir da identificação com o pai, que pressiona impiedosamente o ego, e que os ganhos em avanços civilizacionais perdemos devido ao aumento deste sentimento.¹³⁷

4.3. As leituras Possíveis.

Estando, o *mal-estar na civilização*, sujeito a possíveis leituras, o seu cerne gira em torno do sofrimento e da morte. Da crueldade e da indiferença demonstradas pela natureza. Da difícil relação do indivíduo com os outros e consigo mesmo. Sua preocupação com este livro é a de clarificar o antagonismo entre o que o indivíduo quer, deseja e o que a civilização permite. Nessa “clarificação” recebeu a pecha de pessimista, quando o mais apropriado seria o de realista. Após desacreditar, com uma crítica poderosa, a crença nas “diversas muletas” civilizacionais que o homem utiliza para suportar a sua realidade, nada nos tem a oferecer, a não ser a realidade mesma deste fato. Como Karl Jaspers, cria que “a verdade, mesmo quando nos abate, revela”.¹³⁸ A chave para essa verdade, para esse entendimento perpassa pelo instinto de destruição, do mal, que Freud tanto relutou em reconhecer como constituinte da civilização.

O homem é premido pelos seus instintos e pela sociedade. A sua escolha assemelha-se a um dilema, uma antinomia, uma escolha de Sofia. Se atender aos instintos impossibilita a vida em sociedade; se os reprime, em nome da civilização, potencializa as suas restrições pessoais. Assim, àquelas imposições impostas pela natureza, acrescenta as impostas pela sociedade. O resultado é a tristeza, frustração, dor. Existem, segundo Freud, três principais fontes da dor: a originária do corpo, a originada pelo desejo e aquela advinda das relações interpessoais, as mais

¹³⁷ FREUD, S. *O Mal-Estar na civilização*. ESB, Vol. XXI. p. 185.

¹³⁸ JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1993. P.141.

dolorosas.¹³⁹ Em consequência à dor originária da relação pessoal, segundo Freud, alguns optam pelo isolacionismo, à dor originária do corpo, tentamos combatê-la valendo-se de substâncias químicas; à dor proveniente do desejo tentamos evitá-la procurando não a desejar ou substituí-la por outro desejo mais plausível de ser concretizado.¹⁴⁰ Qualquer método de fuga, mostrará Freud, que se tente tem um efeito colateral muito desvantajoso, em relação às satisfações obtidas. Amor, religião, realizações científicas ou artísticas, degradingariam para uma dor ainda maior da que se tentou evitar. Se o amor se vai, fica-nos a dor da partida, a desilusão da falta. A religião, embora seja um lenitivo poderoso e eficiente, torna o fiel um ser lobotomizado, infantil, um ser dotado de espírito de rebanho. Quanto às realizações artísticas e científicas, tem o problema de serem individuais. Segundo Freud, nós utilizamos algumas destas soluções provisórias, algumas vezes durante a nossa existência. Seja em separado ou concomitantemente umas com as outras. Assim, para Freud, se ‘está’ feliz, mas nunca se ‘é’ permanentemente feliz.

Na impossibilidade de uma felicidade plena, Freud nos proporá uma diversificação de investimentos nas escolhas pela busca da única possível felicidade provisória, pois “assim como o negociante cauteloso evita empregar todo seu capital num só negócio, assim, também, talvez, a sabedoria popular nos aconselhe a não buscar a totalidade de nossa satisfação numa só aspiração. Seu êxito jamais é certo, pois depende da convergência de muitos fatores”.¹⁴¹

Para Birman o conteúdo deste livro “a nervura da argumentação se centrava na impossibilidade de os homens retirarem algo de si, do seu usufruto próprio e do seu

¹³⁹ FREUD, S. *O mal-estar na Civilização*. E.S.B. Vol.XXI. p. 95.

¹⁴⁰ FREUD, S. *Ibidem*, p. 96-97-98.

¹⁴¹ FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. E.SB, Vol. XXI. p. 103.

próprio gozo, para compartilharem com os outros no espaço social”.¹⁴² Não podendo viver sozinho, o homem estará sempre oprimido pela presença do seu semelhante. Este estado de guerra é de impossível resolução, pois “as massas são preguiçosas e pouco inteligentes; não têm amor à renúncia pulsional e não podem ser convencidas pelo argumento de sua inevitabilidade; os indivíduos que as compõem apóiam-se uns nos outros em dar rédea livre à sua disciplina”.¹⁴³

4.4. O interesse da psicanálise pela cultura

Algumas críticas foram dirigidas a Freud, acusando-o de não se ocupar com questões sociais. Em três obras, diretamente, Freud trata sim destas questões. Em *Totem e Tabu*, por exemplo, Freud teoriza a respeito do surgimento da própria civilização. Com o livro *Psicologia coletiva e análise do ego*, vai tratar de investigar a estrutura da sociedade do ponto de vista libidinal. Com *O mal-estar na civilização*, partindo de conceitos aventados nos livros anteriores, Freud irá retomar a análise da sociedade pelo viés do conflito entre indivíduo e coletividade. Portanto, uma crítica infundada.

Segundo muitos intérpretes, a cultura foi o último interesse intelectual de Freud. Ou, na melhor das hipóteses, o estudo da cultura, teria seguido o caminho natural perseguido pelas suas pesquisas clínicas até esta. Para Paul Ricoeur, esta visão é equivocada. Posto que, para ele, a questão cultural está presente desde o início nas elucubrações freudianas. Segundo ele, o que a Psicanálise investiga:

“Não é, como se poderia dizer apressadamente, o desejo humano, o desejo (*Wunsch*), a libido, a pulsão, Eros[...]mas o desejo numa relação mais ou menos conflitual com um mundo da cultura, com um

¹⁴² BIRMAN, Joel. *Retórica e Força na Governabilidade*. In: *Estilo e Modernidade em Psicanálise*. São Paulo: Editora 34, 1997. p. 111.

¹⁴³ FREUD, S. *O Futuro de uma Ilusão*. ESB, Vol.XXI. p. 13.

pai e uma mãe, com autoridades, com imperativos e as interdições, com obras de arte, com objetivos sociais e ídolos. É por isso que, quando Freud escreve sobre arte, moral e religião, não estende, mais tarde, à realidade cultural uma ciência e uma prática que teriam antes encontrado seu lugar determinado na biologia humana; ou na psicobiofisiologia; de imediato, sua ciência e sua prática se mantêm no ponto de articulação do desejo e da cultura.”¹⁴⁴

Para Ricoeur, a Psicanálise com o seu discurso ambíguo justifica uma hermenêutica para a sua interpretação. O entendimento, a interpretação se dá de um sentido, movimento, menos inteligível para um mais inteligível.

4.6. A falência do projeto iluminista.

Para muitos estudiosos da obra freudiana, *O mal-estar na civilização*, discutido por Freud, é o mal-estar advindo da falência do projeto filosófico da modernidade. Nas palavras do professor Sergio Paulo Rouanet “O que existe atrás da crise da modernidade é uma crise de civilização”.¹⁴⁵ Fazermos uma fenomenologia dessa crise fugiria ao nosso propósito, no entanto faz-se mister que façamos um apanhado histórico e tenhamos algumas considerações a seu respeito.

É assunto de domínio público que, filosoficamente, a modernidade tem como princípio fundante o cogito cartesiano. A modernidade é um construto formado pelas diretrizes do iluminismo francês e da *Aufklärung* alemã e, tem por princípio o desencantamento do mundo. O Deus gestor e mantenedor do mundo é defenestrado, e em seu lugar elege-se o homem como o novo paradigma dominante. O homem, a partir

¹⁴⁴ RICOEUR, Paul. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 12.

¹⁴⁵ ROUANET, S.P. *O mal estar na modernidade*. São Paulo: Companhia das letras, 1993. p. 9.

deste momento, se basta. As suas características são o racionalismo, empirismo, anticlericalismo, otimismo e liberalismo.

Subvertendo tudo o que se preconizara até ali na filosofia: “verdade, certeza unidade”, a modernidade partira da dúvida para realizar o seu projeto. E o seu projeto é o da subjetividade:

Pensada filosoficamente, a idéia de modernidade é, assim, correlativa à formação de uma consciência histórica, cuja primeira característica é o privilégio conferido ao próprio ato de filosofar na atualidade do seu exercício, de ordenar e julgar o tempo, e cuja primeira manifestação é, pois, o aparecimento da consciência histórica.¹⁴⁶

Porém, as potencialidades da modernidade não se atualizaram como previam os seus sequazes. A doce vida, preconizada pelos ideais da modernidade, mostrou-se apenas mais uma ansiedade humana. Em crise o projeto da modernidade, o pensamento contemporâneo decretou a morte da subjetividade em qualquer das vertentes imaginadas.

Segundo alguns especialistas, nós teríamos adentrado em uma nova era que é denominada de Pós-Modernidade. Para alguns outros, não; ainda não estamos em uma “pós”, porém o seu advento já se delinearia em breve horizonte. Para Giddens, por exemplo, “estamos no limiar de uma nova era, à qual as ciências sociais devem responder e que está nos levando para além da própria modernidade”¹⁴⁷. Com grande antecedência, Freud averiguou este estado de coisas e, este diagnóstico fez de Freud um iluminista idiossincrático. Observa o professor Carlos Roberto Drawin: “Há, sem dúvida, na obra de Freud um projeto antropológico de corte iluminista, nele se encontra

¹⁴⁶ LIMA VAZ, H.C. Religião e modernidade. *Síntese Nova Fase*. Belo Horizonte. abr-jun. 1991. p. 151.

¹⁴⁷ GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista., 1991. p. 11.

a mesma confiança do naturalismo ilustrado na ciência, considerada como instrumento de dissipação das ilusões e força de liberação”.¹⁴⁸ Porém:

No limiar do século XX e nas condições específicas da *Mitteleuropa*, não se podia mais escamotear o desconforto existencial e a tentação regressiva que emergiam da dinâmica modernizadora da sociedade pós-revolucionária. Ao revelar o substrato irracional do Eu, o caráter contraditório do psiquismo, a cisão fundante que marca a subjetividade, Freud aproximou-se de Rousseau no reconhecimento da provisoriedade e precariedade do esclarecimento racional. Este mostra-se impotente para obter a autoconsciência e a autonomia como aquisição definitivas.¹⁴⁹

Assim, o “*cogito ergo sum*” cartesiano, a partir de Freud, será objeto de uma nova leitura, expressa no cogito lacaniano “Penso onde não sou, logo sou onde não penso”.¹⁵⁰

4.6. Do sentimento oceânico, da dificuldade de ser feliz, da arte de viver.

O “sentimento oceânico” que nos dá uma perspectiva de imortalidade, de ligação com o transcendental provém deste vínculo de complementaridade com o outro que cultivamos,¹⁵¹ além de nos restituir, mesmo que como um delírio, ilusoriamente mesmo, o sentimento de unidade do ego. As críticas de Rolland à Freud, consistem, segundo Rolland, na não correta contemplação da origem do “sentimento oceânico” no livro “o futuro de uma ilusão”.¹⁵² Como é de se esperar de Freud, a sua explicação para este sentimento refuta peremptoriamente as explicações metafísico-religiosas. Segundo Freud, este sentimento surge de uma dependência para com Deus, que foi sendo

¹⁴⁸ DRAWIN, Carlos Roberto. Psicanálise e Metafísica. O esquecimento da razão. *Síntese Nova Fase*. jul-set. 1990. p.16.

¹⁴⁹ Ibid; mesma página.

¹⁵⁰ LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar: 1998. p. 521.

¹⁵¹ FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. p.81. O sentimento oceânico é assim definido por Romain Rolland “Uma sensação de ‘eternidade’, um sentimento de algo ilimitado, sem fronteiras, ‘oceânico’, por assim dizer”.

¹⁵² FREUD, S. Ibidem. p. 81.

paulatinamente construída pelo homem, para que com isto pudesse suportar o temível desamparo humano, tendo como protótipo a relação de dependência infantil da criança em relação ao pai. Nesse sentido, Freud dirá que o homem:

“Cria para si próprio os deuses a quem teme, a quem procura propiciar e a quem, não obstante, confia sua própria proteção. Assim, seu anseio por um pai constitui um motivo idêntico à sua necessidade de proteção contra as conseqüências de sua debilidade humana. É a defesa contra o desamparo que empresta suas feições características à reação do adulto ao desamparo que ele tem de reconhecer, reação que é exatamente, a formação da religião.”¹⁵³

A religiosidade, portanto, não seria um *Re-ligare* com a transcendência, nem tampouco produto da razão. Seria isto sim uma ilusão, produto do recalçamento dos desejos e vontades humanos. A religião é vista por Freud como um paliativo que nos ajudaria a suportar os inevitáveis sofrimentos a que estamos sujeitos, os derivados do corpo, da morte, das forças da natureza e do relacionamento com o outro.

Segundo Freud, o maior desejo do homem é a felicidade perene e é, justamente esta inevitabilidade do sofrimento que vai de encontro a este desejo. Pois uma “satisfação irrestrita de todas as necessidades apresenta-se como o método mais tentador de conduzir nossas vidas: isso, porém, significa colocar o gozo antes da cautela, acarretando logo o seu próprio castigo”.¹⁵⁴ Embora reconhecendo como utópico o “programa de tornar-se feliz”, Freud defenderá este desejo como saudável até. Cabendo a cada um descobrir o seu próprio caminho.¹⁵⁵

¹⁵³ FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. ESB, Vol. XXI. p. 36.

¹⁵⁴ FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. ESB, Vol. XXI. p. 96.

¹⁵⁵ FREUD, S. *Ibidem*. p. 102-103.

Ao falar das três fontes do sofrimento humano, fragilidade do corpo, poder incomensurável da natureza e a repressão da vida em sociedade, Freud dirá que as duas primeiras são inevitáveis, e na terceira chamará a atenção ao paradoxo de que o próprio homem é criador de regras que o tornam mais infeliz. A resposta a esse paradoxo, Freud já nos deu em “O futuro de uma ilusão” quando disse que pensar na extinção da civilização seria um *nonsense*, que só nos faria regredir a “um estado de natureza, muito difícil de suportar”.¹⁵⁶ Pois, até mesmo no estado de natureza só aparentemente estamos livres para extravasarmos os nossos instintos. A natureza “possui seu próprio método, particularmente eficiente, de nos coibir”.¹⁵⁷

A cultura, a soma de todas as conquistas alcançadas pelo homem, a “subordinação” da natureza, bem como o local onde os homens se protegem um dos outros, por meio de normas que eles mesmos criam, deve ser vista, portanto, não como uma parte constituinte das nossas desgraças e sofrimentos, mas também como o elemento que nos protege contra muitos desses sofrimentos. A conciliação dessas duas reivindicações é um dos maiores desafios civilizacionais diz Freud, e que este é o preço pago pelo homem civilizado que, em troca de uma certa segurança, sacrificou as possibilidades da sua felicidade.¹⁵⁸

4.7. Da agressividade.

Em Psicologia, há quatro teorias, ou tendências básicas para a explicação da agressão: a psicanalítica, etológica, frustração - agressão e a de ordem social. O mentor da escola Etológica moderna foi o zoólogo Konrad Lorenz. O seu trabalho consistia em um estudo comparativo entre homens e animais, para daí observar comportamentos comuns entre ambos. Lorenz via como positiva a agressividade, pois ela seria

¹⁵⁶ FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. ESB, Vol. XXI. p. 26.

¹⁵⁷ FREUD, S. *Ibidem*. p. 27.

¹⁵⁸ FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. ESB, Vol. XXI. p. 137.

responsável pelo controle populacional das espécies e como também, para ampliar áreas territoriais (Platão já advertia para o problema de uma cidade com um número elevado de habitantes).

Suguiu que as espécies animais estão geneticamente construídas para aprenderem tipos específicos de informação, que são importantes para a sobrevivência da espécie. A este processo chamou de *imprinting* (gravação), consistindo de sinais visuais e auditivos advindos geralmente da fêmea mãe.

A violência, segundo Lorenz, é um comportamento inato do ser humano independentemente, portanto, da convivência em grupos.¹⁵⁹ As observações etológicas são por demais instigantes, porém, se apegam tanto às semelhanças entre homens e animais que se esquecem das diferenças. Diferenças que nos tornam homens e nos diferenciam dos demais animais.¹⁶⁰ Como se vê, esta é a tendência biológica, que procura estudar a questão da agressividade sob um enfoque biológico-psicológico. Para estes, a violência estaria relacionada a componentes biológicos e psicológicos, ficando a questão social subordinada às determinações da natureza humana. Assim, a violência é vista como um fenômeno de caráter universal, independente das lutas de classes e históricas, como querem os marxistas, mas tão somente, atrelada ao ser humano, em sua essência. A agressividade humana é vista como parte do instinto de sobrevivência, tal como nos animais inferiores. Em tais circunstâncias o mecanismo instintivo da agressividade dispararia automaticamente nos animais e nos homens.

A teoria da frustração-agressão surgiu como escola na década de 30 do século passado, na universidade de Yale. Neil Miller e John Dollard foram os psicólogos

¹⁵⁹ LORENZ, K. *A Agressão: uma história natural do mal*. Lisboa: Moraes Editora, 1979. p. 73. Um dos maiores críticos desta perspectiva lorentziana é Albert Bandura. *Modificação do Comportamento*, Rio de Janeiro: Editora Interamericana Ltda, 1969. p. 78. Para Bandura o ambiente é construtor do comportamento agressivo. A exposição a comportamentos agressivos levaria, por imitação, o indivíduo a manifestar atitudes violentas.

¹⁶⁰ Um exemplo típico deste raciocínio é o *O macaco nu. Um estudo do animal humano*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1998. do zoólogo inglês Desmond Morris. Referente à agressão é o CAP.V., p.109.

que levantaram esta hipótese. A agressão, segundo eles, é resultante de uma frustração por não termos alcançado um objetivo almejado. Quando isso ocorre, a agressão pode ser dirigida tanto para o causador da frustração como para um substituto transferencial. Um comportamento característico desta hipótese, dizem os adeptos desta teoria, são os comportamentos agressivos de muitas crianças na escola. Seriam elas provenientes de um lar violento e castrador.¹⁶¹

Thomas Hobbes é um dos teóricos que sugere que a sociedade é a fomentadora da violência, vendo a vida em sociedade como um grande campo de luta competitiva entre indivíduos, grupos e nações. Porém, reconhecerá que esta luta representa um fenômeno natural humano. A *tendência sociológica*, como o próprio nome diz, vê a violência como fenômeno social, advinda de alguma desordem do sistema. As condutas agressivas estariam ligadas a péssimas condições sociais e/ ou da frustração da consecução de um desejo devido às normas de um certo grupo social em que se convive. É uma visão bem socialista da psicologia da violência. Nesse caso, a violência teria sua origem no exterior do sujeito sob a forma de indignação e, uma vez internalizada na consciência, explodiria em agressão contra os demais. O problema é que esta tendência sócio-psicológica vê sempre os mais pobres como um exército criminoso de reserva. Não contemplando a violência gerada pela própria cultura e Estado. Para Karl Marx são as condições econômicas que determinariam a cultura. Para Freud é o produto de uma disputa interna de forças inconscientes. Entendia ele a cultura como a domesticação do homem. Seria a cultura um estágio onde o homem estaria mais distante do seu período mais bárbaro. Se para Heráclito o conflito é o pai de todas as coisas, Freud via isto como verdade no concernente à cultura, posto ser a cultura um produto da gigantomaquia entre Eros e Thanatos.

¹⁶¹ MUSSEN, P.H. *O desenvolvimento psicológico da criança*. Rio de Janeiro:Zahar,1982. p. 56.

O ser humano é o único ser vivente consciencial, isto é, que tem a consciência da sua existência e finitude. Da certeza do seu fim é que se lhe assomam perguntas ditas como existenciais, aquelas que o questionam pelas condições de existência. De onde viemos? Para onde vamos? Por que vivemos? Etc. Invariavelmente, todas as tentativas de resolução desta aporia se resumem em duas linhas de argumentação: mítico-espiritualista versus científico-materialista. Ou, em outros termos, cosmogonias e cosmologias.

Ambas as explicações tentam dar conta da elucidação de como se deu a origem, a organização do universo. Porém, para uma explicação, cosmogonia, a ordem se deu por meio de uma intervenção divina o *deus ex machina*. Recorre-se ao mito para explicar essa intervenção. Temos, como exemplo, o relato de Gênesis, dos Upanishadis, da cosmologia baniwa etc. O próprio Freud explica a origem da civilização por intermédio do mito do assassinato primordial (*Totem e tabu*).

No *Mal-Estar na civilização*, empregará a chave de leitura psicanalítica para tentar desvendar o porquê do sofrimento humano enquanto ser social. Em sendo verdadeira a assertiva aristotélica do *Zoon politikon*, do homem ser um animal social, não há dúvida também de que essa socialização não se dá sem um processo conflituoso. A tarefa a que Freud se propõe é das mais ásperas neste seu livro, haja vista ser a cultura, civilização, uma realidade das mais dinâmicas que há, e ser também produto dos incertos humores internos humanos.

O ser humano é ao mesmo tempo essência e história, estabilidade e mudança. Logo, encontrar aí um fio delineador parece ser impossível. Com Kant, formulam-se as perguntas chave para quem quer que se disponha a buscar essa resposta: *Que posso saber? Que devo fazer? Que posso esperar?* A primeira é teórica e deve ser respondida pela ciência; a segunda, prática, deve ser respondida pela filosofia (ética); a terceira,

religiosa, só pode ser respondida pela fé. Resumiu as três questões numa única: *Que é o homem?* Freud não declinou dessa busca.

Como na regularidade das leis físicas, parece haver uma certa regularidade de que aquilo que se faz necessário ao homem para a composição da sua felicidade, lhe traz também um grau de desconforto, de infelicidade. Assim, foi com o construto civilizacional. Para se proteger da natureza que o agredia, o homem precisou se refugiar entre os seus semelhantes. Nas palavras de Beccaria:

“Nenhum homem entregou gratuitamente parte da própria liberdade visando ao bem comum; essa quimera só existe nos romances. Se fosse possível cada um de nós desejaria que os pactos que vinculam os outros não nos vinculassem; cada homem faz de si o centro de todas as combinações do globo. O que reuniu os primeiros selvagens foi a multiplicação da espécie humana, pequena por si só, mas muito superior aos meios que a natureza estéril e abandonada oferecia para satisfazer as necessidades que cada vez mais se entrecruzavam”.¹⁶²

Para viver em sociedade, o homem tem de abdicar de algumas das suas idiossincrasias, mutila-se, censura-se. Essa autocensura não é recebida de forma passiva pelo seu inconsciente. Assim, somados aos sofrimentos que a natureza lhe oferecia, que devido a eles se refugiou, tem-se agora os sofrimentos oriundos da convivência em sociedade. Civilizar-se é fazer um enorme investimento psíquico, é a mudança de órbita do poder selvagem da natureza para orbitar em torno da violência civilizacional. Os seres humanos embora “dominadores” da natureza, por meio da técnica, são premidos por esta mesma natureza, esta realidade circundante que, segundo Heráclito, adora se esconder.

¹⁶² BECCARIA, op.cit; 43.

4.8. Amor ao próximo: mandamento impossível

O amor ao próximo Freud vê como uma aberração, uma absurdidade infundada.¹⁶³ Posto que o narcisismo individual vê sempre no outro uma ameaça à realização dos nossos anseios e desejos. Veríamos no nosso semelhante aquele castrador empedernido, ávido a extravasar as suas pulsões, o que acarretaria reprimir as nossas:

“O elemento de verdade por trás disso tudo, o elemento que as pessoas estão tão dispostas a repudiar, é que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo”.¹⁶⁴

Como amá-lo assim como a mim mesmo? Após reconhecer as fontes de onde provém o sofrimento humano, Freud dirá que o sofrimento proveniente do relacionamento humano “talvez seja o mais penoso”.¹⁶⁵ Penoso, mas inevitável:

“Quando a civilização formulou o mandamento de que o homem não deve matar o próximo a quem odeia, que se acha em seu caminho ou cuja propriedade cobiça, isso foi claramente efetuado no interesse da existência comunal do homem, que, de outro modo, não seria praticável, pois o assassino atrairia para si a vingança dos parentes do morto e a inveja de outros, que, dentro de si mesmos, se sentem tão

¹⁶³ A oração do Pai nosso é a síntese perfeita desse mandamento rechaçado por Freud. Principalmente o “trecho *perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido*”. Interessante estudo sobre o Pai nosso é *Reflexões sobre o Padre nosso* (I, II, III) de Aldous Huxley. In: *Huxley e Deus*. Trad. Murilo Nunes de Azevedo. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1995. p.128-140.

¹⁶⁴ FREUD, S. *O Mal-Estar na civilização*. E.SB, Vol. XXI. p. 133.

¹⁶⁵ Ibidem, p. 95.

inclinados quanto ele a tais atos de violência. Mesmo que se protegesse contra seus inimigos isolados através de uma força ou cautela extraordinárias, estaria fadado a sucumbir a uma combinação de homens mais fracos. Se uma combinação desse tipo não se efetuasse, o homicídio continuaria a ser praticado de modo infundável e o resultado final seria que os homens se exterminariam mutuamente[...] A insegurança da vida, que constitui um perigo igual para todos, une hoje os homens numa sociedade que proíbe ao indivíduo matar, e reserva para si o direito à morte comunal de quem quer que viole a proibição. Aqui, então, temos justiça e castigo”.¹⁶⁶

Aqui, Freud revela a sua porção hobbesiana, *Homo Homini Lupus*. Não crendo em um absoluto transcendental religioso, Freud prega uma ética do aqui e agora, a ética do *carpe diem*, uma ética do individual, mas também uma ética altruísta. Como contraponto ouçamos a lição do padre Henrique de Lima Vaz, que ensinou que “a reflexão sobre a transcendência[...]constitui a terra natal da filosofia”.¹⁶⁷ Ingenuidade, certamente responderia Freud.

Diante do que foi exposto em páginas precedentes, fica claro que o mal de que a Psicanálise trata é o mal físico, a violência, a belicosidade, a beligerância, isto porque Freud não cria em um mal de origem metafísica. Freud era um iluminista *sui generis*. Não tinha o otimismo dos iluministas anteriores a si. Dizia que há uma “inclinação para a agressão”¹⁶⁸ e que “quem quer que relembre as atrocidades cometidas durante as migrações raciais ou invasões dos hunos, ou pelos mongóis[...] quem quer que relembre tais coisas terá de se curvar humildemente ante a verdade dessa opinião”.¹⁶⁹ Para ele há em todos nós humanos um impulso para a destruição, como há um para a

¹⁶⁶ FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. ESB. Vol. XXI, p. 54.

¹⁶⁷ VAZ, H. C. de Lima. *Antropologia Filosófica*, vol. II. São Paulo: Edições Loyola, 1998. p. 114.

¹⁶⁸ FREUD, S. *O mal-Estar na civilização*. E.SB, Vol. XXI. p. 134.

¹⁶⁹ Ibidem, p. 133.

vida, para a arte, para o amor, enfim. O homem estaria premido por esta gigantomaquia (im)pulsional, sendo na maioria das vezes difícil distingui-los.

Porém, em Freud, esta certeza só veio após anos e anos de labuta. Segundo Erich Fromm, o fator preponderante que levou Freud a refletir mais detidamente na questão da destrutividade humana foi a eclosão da primeira guerra mundial: “Esta guerra constitui a linha divisória dentro do desenvolvimento da teoria de Freud sobre a agressividade”¹⁷⁰.

A guerra foi para Freud o momento oportuno de iniciar reflexões mais detalhadas do porquê o homem lançar-se em embates sangrentos e aparentemente sem propósito objetivo. A guerra é o palco onde a violência humana se mostra em estado limite. É onde se atualiza a violência potencial humana.

Sem ser filósofo, Freud filosofava, sem ser biólogo fazia biologia, e sem ser sociólogo, fazia sociologia. Tudo isso com certas particularidades. Quando tratava de temas preponderantemente sociais deslocava o ponto arquimédico em relação à Sociologia. Nesta, o estudo é realizado na forma homem–mundo. Na Psicanálise, é homem–homem–mundo. O elemento subjetivo é levado em consideração, posto que o relacionar-se consigo é condição necessária para o relacionamento com o outro.

Como o Marxismo, a Psicanálise subverteu a forma de se ver o mundo. Não foi à toa que o Filósofo francês Paul Ricoeur chamou Marx, Freud e Nietzsche de os “mestres da suspeita”.¹⁷¹ A Psicanálise inaugura a pesquisa nos recantos mais

¹⁷⁰ FROMM, Erich. *A anatomia da destrutividade humana*. Trad. Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Ed. Zahar Editores, 1975. p. 582.

¹⁷¹ Com Nietzsche temos um relativismo epistêmico. Marx sacrifica a liberdade humana no altar da história. E com Freud, o ser humano conhece uma nova instância interna, o inconsciente.

incomensuráveis do ser humano, no inconsciente humano. Ao afirmar essa estrutura, Freud estava afirmando que o homem não era senhor de si mesmo.¹⁷²

Segundo Freud, há uma “inata inclinação humana para a ruindade, a agressividade e a destrutividade, e também para a crueldade”.¹⁷³ Eis a guerra estabelecida: *Eros* e *Thanatos*. Um conflito impossível de ser remediado, entre as exigências da *pulsão* do ser humano e as restrições impostas pela civilização.¹⁷⁴ Podemos dizer que o que levou Freud a escrever “*Por que a guerra?*” “*O futuro de uma ilusão*” e “*O Mal-Estar na civilização*”, não foi um mero desejo de cientista em descobrir os mecanismos e modelos operacionais de atos agressivos, da violência, em suma, do mal. Vê-se sim, um Freud preocupado com problemas ético-morais. Para muitos críticos, que o achavam um amoral e depravado, estes textos são uma espécie de “cala a boca”.

No entanto, as coisas não se resolvem tão simplesmente. Há, sem dúvidas, algumas questões pertinentes a serem aventadas. É sabido que com a modernidade há um verdadeiro giro paradigmático concernente aos questionamentos éticos. O bem agir, a retidão sai da órbita religiosa, transcendente, para o próprio sujeito. Foi assim inaugurada a era da autonomia em assuntos morais. Tradição, religião e tudo o mais que for alheio ao próprio sujeito, deveria ser defenestrado da esfera de arbitragem normativa das nossas condutas. Em seu lugar erigiu-se a razão.

A deusa razão, panacéia para todos os nossos problemas, desde que seguíssemos o conselho kantiano “*Sapere aude*”. Sendo para Kant a autonomia o princípio primevo

¹⁷² Freud não foi o primeiro a trabalhar com a noção de processos não conscientes. Diz-se que já Platão trabalhava com essa idéia. Posteriormente Descartes, Leibniz, entre outros. Ver SCHULTZ, Sidney Ellen. *História da Psicologia Moderna*. São Paulo: Cultrix p.325

¹⁷³ FREUD, S. *O mal-Estar na civilização*. O.c.p.137.

¹⁷⁴ “O senhor explica com irresistível clareza o quanto na alma humana os instintos de luta e de aniquilamento estão estreitamente relacionados com os instintos do amor e da afirmação da vida” EINSTEIN, A. “*Como vejo o mundo*” Trad. H.P. de Andrade. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981. p. 65.

do iluminismo, só nos bastaria ousarmos pensar.¹⁷⁵ Em suma, Kant vê a ação moral fundamentada pela racionalidade.¹⁷⁶ Pois bem, Freud como iluminista que era não nega a capacidade da razão em dirimir ações agressivas, no entanto quando ele institui os conceitos de inconsciente e pulsão, o princípio kantiano não funcionaria muito bem na psicanálise.

O inconsciente, tendo uma preponderância igual ou maior que o consciente, nas nossas ações, sendo inacessível, ao menos por meios diretos, veio a ser um complicador. Freud por mais das vezes retira do agente a responsabilidade de assumir como suas algumas ações praticadas, afinal este não é responsável pelos desejos do seu inconsciente. Segue assim uma linhagem hobbesiana, qual seja a de assinalar a incapacidade de o homem se autogerir, precisando, portanto, de uma instância exterior a si.¹⁷⁷

Um outro conceito importante para se entender melhor o fenômeno cultural em Freud, é o de “energia”.

4.9. Fenômeno Cultural e Energética

O fenômeno cultural analisado pela Psicanálise perpassa pela idéia de um “ser que se relaciona”. Afinal somos seres regidos por relações de força, de trocas energéticas, de dominação versus submissão etc. Daí Freud ter criado os termos de “princípio do prazer” e “princípio de constância”. Termos estranhos para quem até então trabalhava com um conceito mecanicista, era mister tentar explicar como se dava a interação destas forças constituintes do aparelho psíquico. O que até então era de fácil

¹⁷⁵ KANT, I. *Textos Escolhidos*. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Ed.Vozes, 1974. p.100.

¹⁷⁶ Ver a esse respeito FREITAG, Bárbara. *Itinerários de Antígona. A questão da Moralidade*. Campinas, Ed. Papirus, 1992. p.47.

¹⁷⁷ Ver a esse respeito. *Poder, Estado e Sociedade em Hobbes e Freud: Reflexões sobre Leviatã e o Mal-estar na Civilização*. Rego, João. Disponível em: <www.fundaj.com.br> Acessado em 10/3/2003.

explicação, haja vista valer-se Freud de um modelo maquínico. Porém, a calma reinante só iria durar até a introdução do conceito de pulsão de morte e, com ela a polaridade entre “prazer” e “realidade”. Segundo Freud, há entre o princípio de prazer e o princípio de realidade uma relação xifópaga. A sua total interdependência é tamanha que não há um ou outro princípio que se sobressaia sobre o outro. Em outras palavras, não são opostos entre si.

O problema daí recorrente é o de como ficaria a realidade em relação à ‘convivência’ entre estes dois princípios? Como fica a relação destes princípios com a alteridade, com o outro? Segundo Sérgio de Gouvêa, “a polaridade prazer/realidade, que perpassa a teoria até aqui, de fato não é uma superação do princípio de prazer. A realidade é só um caminho mais longo ao prazer”.¹⁷⁸ Ou seja, seria um mero estratagema para alcançar o seu intento que é, satisfazer-se. O que dito pelo próprio Freud, segundo Paul Ricoeur, “de fato a substituição do princípio de realidade não marca nenhum destronamento do princípio de prazer, mas somente sua salvaguarda”.¹⁷⁹ Como se pode deduzir do que foi visto, a relação com o outro será sempre difícil.

Como já fizemos ver, a introdução do conceito de pulsão de morte veio provocar reformulações e releituras na Psicanálise. Vimos, que Freud colocou a pulsão de morte como a hipótese de regulação e de funcionamento mesmo dos processos psíquicos. Tendo a sua influência abrangido também fenômenos clínicos e sócio-culturais. Com a pulsão de morte, Freud intenta explicar o fenômeno da compulsão de repetição.

Isto posto, a pergunta da Psicanálise acerca do mal-estar na civilização é o porque do fenômeno agressivo, o porquê do aumento do próprio mal-estar mesmo, o porquê da sua potencialização. Em pelo menos dois textos, Freud externou esta sua grande

¹⁷⁸ FRANCO, Sérgio de Gouvêa. *Hermenêutica e Psicanálise na obra de Freud*. São Paulo: Loyola, 1995. p. 152.

¹⁷⁹ RICOEUR, Paul. *Da Interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p.237.

preocupação, sobre um momento aonde, para ele, este paroxismo se traduziria de forma insofismável: nos textos “*Por que a Guerra?*” e “*A desilusão da guerra*”. Deste último texto são estas as suas palavras:

“Duas coisas nessa guerra despertam nosso sentimento de desilusão: a baixa moralidade revelada externamente por Estados que, em suas relações internas, se intitulam guardiães dos padrões morais, e a brutalidade demonstrada por indivíduos que, enquanto participantes da mais alta civilização humana, não julgaríamos capazes de tal comportamento”.¹⁸⁰

Apesar de toda essa animosidade entre os homens, eles não podem viver isolados uns dos outros. A sociabilidade se faz obrigatória por questões de sobrevivência. Há uma frase meio enigmática de Freud que Ricoeur cita “Todo ser vivo morre por razões internas[...]o fim de toda a vida é a morte”.¹⁸¹ É justamente por causa desta tendência interna e solitária que o homem busca a convivência com o seu semelhante, embora esta convivência venha a lhe castrar desde o primeiro momento.

¹⁸⁰ FREUD, S. *A desilusão da guerra*. ESB. Vol. XIV . p. 87.

¹⁸¹ RICOEUR, Paul. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 241.

CAPÍTULO V - THANATOS E CIVILIZAÇÃO.

5.1. Por que há uma civilização e não sua ausência?

Cremos que esta pergunta é por demais pertinente. O que levou os homens a se agruparem e constituírem uma civilização? Há, na Ciência Política, duas principais teorias concorrentes. Uma romântica e outra pragmática que vieram sofrendo, ao longo da história da filosofia, uma série de ataques de autores das mais diversas correntes e origens. Desde Platão até Ernst Tugendhat, passando por David Hume e John Rawls, o contratualismo tem sido criticado, ora por seu aspecto extremamente formal e artificial, ora por não garantir a manutenção dos acordos, sem apelar para outros recursos coercitivos externos tão engenhosos quanto o próprio contrato. Não obstante, apesar desse bombardeio, outros pensadores assumiram a teoria contratual como a mais eficaz em lidar com problemas gerados pela motivação, pela cooperação social e mesmo como alternativa mais adequada para ocupar o centro da moralidade. Enquanto os sofistas, na antiguidade, foram pioneiros em apontar o convencionalismo das regras políticas e morais, modernamente Thomas Hobbes foi o primeiro autor a propor explicitamente uma teoria do Estado baseada no contrato. A idéia primeva do contratualismo partiu inicialmente das definições de Platão e gira em torno de uma natureza humana frágil, e sua forte vontade em sustentar princípios morais que sejam aceitos por todos da maneira mais plausível ao alcance da espécie.¹⁸²

A mais antiga descrição de contrato, como uma lei convencionada entre os cidadãos e destes com uma instituição por eles formada, pode ser creditada a Platão, que nos diálogos *A República* e *Crítón*, além de imaginá-la, também antecipa as primeiras

¹⁸² Ver a esse respeito CHEVALLIER, Jean-Jacques. *História do pensamento político*, Tomo 1, Rio de Janeiro: Zahar, 1982. Mais precisamente o capítulo 1.

objeções. Na *República*, o personagem Gláucon expõe como sendo do senso comum a necessidade das pessoas estabelecerem leis e convenções, através de um acordo mútuo, no intuito de evitarem as ações injustas e a possibilidade de serem vítimas dessas práticas prejudiciais. Assim, justiça seria entendida como um meio termo entre a impunidade para as injustiças cometidas e a incapacidade de aplicar qualquer sanção a uma pessoa injusta.

De imediato, é levantada a suspeita de que o cidadão não seguiria a justiça por ela ser um bem, mas tão somente por não poder ser injusto sem sofrer punição. A convenção, portanto, manter-se-ia apenas enquanto alguém não a pudesse burlar impunemente. A única maneira de um cidadão não se sentir atraído pelo rompimento do pacto que tem com alguém, ou com a cidade, seria a hipótese de que viver conforme a justiça fosse o tipo de boa vida considerado por ele como aquela a ser buscada. Isto é, o contrato por si só não seria suficiente para garantir a sua execução. Somente apoiado por uma certa noção de bem é que, uma vez assumida a convenção como justa, sem coação ou engano, a pessoa a deveria cumprir, sob quaisquer circunstâncias - mesmo naquelas em que lhe fosse mais favorável romper o que foi estabelecido.¹⁸³

Em Platão, o delineamento do contrato, esboçado a partir das falas de Gláucon e Sócrates, tem a preocupação de evitar a formação de um consenso entre os cidadãos e a comunidade sobre as leis, fundado apenas nos interesses meramente particulares do indivíduo, porém que leve em conta o plano de vida de cada um em face de um bom desempenho político, cujo bem a ser gerado é a justiça. Nesse sentido, os interesses individuais deveriam ser contínuos ou afins aos interesses gerais para a constituição de uma cidade justa.

¹⁸³ BECCARIA, Cesare. *Dos delitos e das penas*. Trad. Lucia Guidicini e Alessandro Berti Contessa. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.43.

Para Kant também, o homem é um ser que tende para viver em sociedade. Como também assevera que este mesmo homem tende à destruição desta mesma sociedade e ao isolamento. É o que Kant chama de “a sociabilidade insociável”¹⁸⁴. Esta insociabilidade provém da permanente tensão do próprio convívio social. Diz-nos ele em *A Paz Perpétua*:

“O estado de paz entre os homens que vivem juntos não é um estado de natureza (*status naturalis*), o qual é antes um estado de guerra, isto é, um estado em que, embora não exista sempre uma explosão das hostilidades, há sempre, no entanto, uma ameaça constante”.¹⁸⁵

Ao contrário de Rousseau, o homem kantiano não seria um *bom selvagem*, não seria bom por natureza, mas teria sim um estado constante de hostilidade, onde são todos contra todos. Segundo Kant este impasse só será resolvido por um pacto, pacto este voluntarioso, que terá por finalidade visar “o fim de todas as hostilidades”.¹⁸⁶ Como todo contrato social, o de Kant também é a conjunção das vontades particulares, visando um consenso comum. Firmado o contrato, temos o surgimento da sociedade civil, logo a criação de normas coercitivas que terão repercussões no modo de ser do homem. Segundo Norberto Bobbio:

“A razão última, pela qual os homens se reuniram em sociedade e constituíram o Estado, é a de garantir a expressão máxima da própria personalidade, que não seria possível se um conjunto de normas coercitivas não garantisse para cada um uma esfera de liberdade, impedindo a violação por parte dos outros[...] Aqui o direito é concebido como um conjunto de *limites* às liberdades

¹⁸⁴ KANT, I. Idéia de uma História Universal com um Propósito Cosmopolita. Trad. Artur Morão. In: *A Paz Perpétua e Outros Opúsculos*. Lisboa: Edições 70, 1988. p.25.

¹⁸⁵ Ibidem, p.126.

¹⁸⁶ Ibidem, p.120.

individuais, de maneira que cada um tenha a segurança de não ser lesado na própria esfera de liceidade até o momento em que também não lese a esfera da liceidade dos outros”.¹⁸⁷

Com Hobbes, o viés metafísico do contrato é abolido. A sua teorização baseia-se na concepção materialista da natureza humana e o romantismo grego cede lugar ao pragmatismo humano. Cada um respeitaria o contrato por que assim o seu intuito particular, desde que não desrespeite o direito alheio, poderá ser concretizado. O coletivo é artificial e não orgânico romântico como queria Platão. Essa visão um tanto pessimista de Hobbes, dirão alguns, advém da sua idéia de *estado de natureza* do homem. Em linhas gerais estas são as teorias dominantes no que concerne à explicação do porquê da existência da civilização.¹⁸⁸

A questão da civilização nos remete à relação do sujeito com o corpo social. Freud em seu trabalho “Psicologia de grupo e a análise do ego” estuda justamente esta questão, e reconhece a estreita ligação entre a psicologia individual e a psicologia coletiva. Afirma que quase nunca nos é possível prescindirmos da relação social, isto é, da interação com os outros:

“Invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado mais inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também, psicologia social”.¹⁸⁹

¹⁸⁷ BOBBIO, Norberto. *Direito e Estado no pensamento de Emanuel Kant*. Trad. Alfredo Fait. Brasília: Ed. UnB(Col. Pensamento Político: 63). 1984. p. 73.

¹⁸⁸ Para uma abordagem antropológica da questão remeto à leitura do livro *A evolução cultural do homem*. CHILDE, Gordon, Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1975.

¹⁸⁹ FREUD, S. *Psicologia de grupo e a análise do ego*. ESB, Vol. XVIII. p.91.

Esta relação com o outro é quem vai formar a nossa subjetividade e civilidades, haja vista, confrontar sempre o sujeito consigo mesmo e com o outro. Porém, o conflito também se estabelece com estas relações. No mesmo texto, Freud fará referência a um dos subprodutos indesejados pela relação com o outro: a homogeneização.¹⁹⁰ Nas suas palavras: “O que é heterogêneo submerge ao que é homogêneo”.¹⁹¹ Acarreta desta situação a aversão ao novo, à diferença e o que é mais sério, à negação da individualidade.

A alma coletiva, proporciona, em contraponto, a criação e desenvolvimento de idiomas, cultura (na acepção de folclore), mas afirma Freud, que as grandes criações intelectuais só surgem na solidão. Os impasses e os conflitos oriundos da vida social, segundo Freud, podem ser minimizados quando os sujeitos recuperam algumas das suas referências pessoais em relação ao grupo. Entende que a relação de uns com os outros é da ordem da identificação “um grupo primário desse tipo é um certo número de indivíduos que colocam um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal do ego e, conseqüentemente, se identificam uns com os outros em seu ego”.¹⁹² Os exemplos clássicos sempre recorrentes por Freud são o exército e a Igreja. Nesses grupos, haveria a ilusão de que cada um amaria os demais membros, como a si mesmo. A angústia, nestes casos, advém do relaxamento das estruturas libidinais que mantêm o grupo unido.

A relação do individual com o coletivo passa diretamente pela constituição do eu para um melhor entendimento de como se dá o mecanismo das pessoas que, quando

¹⁹⁰ Para uma abordagem filosófica da relação com o outro leia-se BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro Editora, s/d. Principalmente a terceira parte onde Buber tratará da relação do homem para com o outro e para com Deus. Sobre a relação com o outro ainda, mas desta vez com um viés ontológico, uma passagem clássica é o parágrafo 27 de *Ser e Tempo* de Martin Heidegger. HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 178. Pelo viés da alteridade, da exterioridade absoluta do Outro, veja-se LÉVINAS, E. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1988.

¹⁹¹ FREUD, S. *Psicologia de grupo e a análise do ego*. ESB, Vol. XVIII. p. 97.

¹⁹² FREUD, S. *Ibidem*. p. 147.

inseridas em um grupo, se projetam nele. Mostra-nos a Psicanálise que a relação entre o eu e o objeto é sobremaneira curiosa. A fronteira entre ambos é tênue, a ponto de que em determinados momentos ambos se confundirem, como em alguns estados patológicos e em amores doentios, o que não deixa de caracterizar um estado patológico em si mesmo. Esta relação, nos diz Freud, é resquício da nossa infância. Apesar de o ego no adulto diferir, e muito, do ego infantil, permanece um vínculo entre a situação do ego nos dois momentos.¹⁹³

5.2. Civilização, frustração, agressividade.

Encontra-se no capítulo VI de *O mal-estar na civilização*, a principal reflexão de Freud referente a agressividade e crueldades existentes na civilização, provenientes da inibição das pulsões. Onde se entende o nome originário do livro: *A infelicidade na Civilização*. Acreditava tão piamente que o que escrevia era comum a todos que chegou a dizer “Em nenhum dos meus trabalhos anteriores tive, tão forte quanto agora, a impressão de que o que estou descrevendo pertence ao conhecimento comum e de que estou desperdiçando papel e tinta[...]” e expondo coisas que “são evidentes por si mesmas”.¹⁹⁴

Freud chega a uma conclusão que, confessa o deixou perplexo, partindo de uma afirmação de Schiller: ‘são a fome e o amor que movem o mundo’.

Inicia sua reflexão sobre o problema do desconforto civilizacional com um tema que lhe é muito caro e familiar, alvo, aliás, do seu livro anterior *O futuro de uma ilusão*: a religião. Mesmo considerando-a como uma projeção neurótica, ele não poderia furtar-se deste dialogo, posto que ela trata da origem e do fim, duas questões humanas, demasiado humanas. Início e fim nos atormentam e nos remetem à questão da

¹⁹³ FREUD, S. Ibidem. p. 85-86.

¹⁹⁴ FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. ESB; Vol. XXI. p. 139.

sociedade. O homem nasce inserido entre dois campos, a natureza, anterior e independente das suas vontades e sonhos, e outro que é criação sua, a sociedade. O problema surge na articulação desses dois substratos. É a oposição entre o ser desejante e o princípio limitador da realidade. O princípio do prazer e o princípio da realidade. O homem deseja, mas a natureza é quem determina o que pode e o que não pode. Daí advém que as perspectivas da natureza sejam um paraíso ou um inferno; segundo Rousseau. De a sociedade ser lar ou prisão. Com esta dinâmica interna, tentamos conciliar o relacionamento do Ego com a realidade externa, tornando harmoniosa, na medida do possível, a inter-relação existente entre o próprio ego e os impulsos instintivos de satisfação imediata dos desejos oriundos do id.

Freud dirá que o grande regente deste desconforto é a cultura, mais especificamente a religião. Para explicar este proferimento, distingue a "religião institucional do conceito de religiosidade (o sentimento oceânico inato e inerente a todo homem)".¹⁹⁵ Busca também restituir a significação originária da palavra amor: o amor moral cristão ao amor libidinal, pulsão de vida (Eros). Por ser o único ser que se sabe, isto é, o único que tem consciência da sua existência, o ser humano é por natureza temeroso. A sua racionalidade é incapaz de resolver-lhe a questão da imanência – transcendência. Estas são para si inabarcáveis, por isso a convivência coletiva surge para ele como uma forma de compartilhar estes medos tão bem distribuídos por toda a humanidade. Freud vê a existência como uma concepção trágica, o que levou Lacan a pronunciar no *Seminário VII -- A ética da psicanálise* que *O mal-estar na civilização* é obra definitiva no que diz respeito à questão ética, uma vez que evidencia que a felicidade é mesmo o que deve ser proposto como termo a toda busca, por mais ética que seja.¹⁹⁶ Mas para esta felicidade não há nada absolutamente preparado, nem no

¹⁹⁵FREUD, S. Ibidem. p. 90.

¹⁹⁶LACAN, J. *O Seminário. Livro 7: a ética da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Zahar. p. 15.

macrocosmo nem no microcosmo. É por isso que a ética da psicanálise implica uma dimensão trágica da vida, porque, se por um lado deve visar a uma aproximação do sujeito em relação ao desejo e a um distanciamento do divino, por outro deixa bem claro que não há realização (plena) de desejo e que a psicanálise não tem nada a ver com adaptação ao que o senso comum chama de realidade. Ser bem sucedido na vida, do modo como o conformismo burguês o propõe, seria um enorme reducionismo por parte da psicanálise, se esta tivesse apenas como objetivo a adequação da personalidade do indivíduo para a adequada convivência dentro de determinado sistema social. É através de uma anamnese histórica da formação do ego individual, que vai das suas experiências iniciais de diferenciação em relação à realidade, que Freud procura averiguar de que modo os fatores culturais, principalmente os religiosos são capazes de causar os mais variados desvios do ego, isto é, distorcem a maneira pela qual a realidade é vivenciada pelo ego - levando sempre em consideração as suas interações com o id.¹⁹⁷ Donde concluíra que a necessidade religiosa advém de uma orfandade existencial:

“Não consigo pensar em nenhuma necessidade da infância tão intensa quanto a da proteção de um pai. Dessa maneira, o papel desempenhado pelo sentimento oceânico, que poderia buscar algo como a restauração do narcisismo ilimitado, é deslocado de um lugar em primeiro plano. A origem da atitude religiosa pode ser remontada, em linhas muito claras, até o sentimento de desamparo infantil”.¹⁹⁸

Segundo Freud, nós nascemos programados para realizarmos os nossos anseios e desejos, mas que o mundo não deixa. Daí os problemas. Vivemos em um trágico dilema. Desde o nosso nascimento vivemos em estado de frustração. Há de início o

¹⁹⁷ FREUD, S. *O Mal-Estar na civilização*. E.SB, Vol. XXI p. 84.

¹⁹⁸ Ibidem, p. 90.

sentimento de castração primordial dos instintos mais básicos, castração fundante mesmo da vida em sociedade. Em momento posterior, quando pensamos que pela técnica podemos submeter a natureza ao nosso jugo, temos a sociedade nos impondo restrições iguais ou maiores que a outra instância. Sem ter um outro caminho a seguir, o homem opta por substitutivos, por medidas paliativas.¹⁹⁹ A dor humana tem assim origem orgânica e pulsional, gerada pela castração, pelo impedimento dos plenos desejos instintivos e por fim a dor proveniente da nossa relação com o próximo.

Freud nos aponta caminhos possíveis para o amainamento do sofrimento humano: O primeiro consistiria em desistir do investimento libidinal, isto é, buscar o não querer, o não desejar.²⁰⁰ Segundo, sublimar o desejo e, por fim, a fuga da realidade, mesmo que seja por meio de alucinógenos e rituais sensualistas. Em suma, para Freud não há atitude humana que não represente um subterfúgio para a angústia existencial e civilizacional. Qualquer atitude configuraria defesas do ego para com as exigências do Id, por sua vez premido ante as exigências da realidade em torno. Oprimido entre o Id que tudo quer de imediato e o ego estabilizador, quase estático, só resta a fuga alienante.²⁰¹

Outra forma de diversificação do investimento libidinal se dá por meio da arte e da ciência. O prazer físico cede lugar para o prazer espiritual. O paroxismo da fuga se configura na loucura individual ou coletiva. O indivíduo fecha-se hermeticamente criando para si um mundo próprio regido por mecanismos que só a ele pertencem e fazem sentido. Coletivamente esse estado de alienação se constitui nas práticas religiosas. Desta forma cria-se um mundo para ser o contraposto do mundo em que

¹⁹⁹ ibidem, p. 93.

²⁰⁰ Uma das grandes influências filosóficas para Freud foi Schopenhauer. É de Schopenhauer este ‘conselho’ contido na máxima 8: “Limitar o próprio campo de ação: dessa maneira, cerceia-se a infelicidade; a limitação proporciona a felicidade”. *A arte de ser feliz*. São Paulo:Ed. Martins Fontes,2001. É o mesmo princípio observado há 2600 anos por Lao Tsé no seu *Tao te ching* : “Felicidade repousa em renúncia. Renúncia é a base da felicidade”. *Tao te ching. O livro que revela Deus*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2003. p.141.

²⁰¹ FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. E.SB, Vol. XXI. p . 91.

vivemos, o seu antípoda. Para Freud, em um momento ou outro da vida, nos valem de algum destes lenitivos.²⁰²

Um dos lenitivos mais curiosos pelos efeitos que produz é o amor. O amor é mais das vezes negação de si, é a fusão do Eu e Tu em uma só entidade:

“No auge do sentimento de amor, a fronteira entre o ego e objeto ameaça desaparecer. Contra todas as provas de seus sentidos, um homem que se ache enamorado declara que ‘eu’ e ‘tu’ são um só, e está preparado para se conduzir como se isso constituísse um fato. Aquilo que pode ser temporariamente eliminado por uma função fisiológica (isto é normal) deve também, naturalmente, estar sujeito a perturbações causadas por processos patológicos”.²⁰³

Há também aqueles, os narcisistas, para quem a superação do sofrimento é exageradamente pessoal, atitude inversamente proporcional daqueles que buscam a superação no outro. Não importando o meio utilizado, segundo Freud, qualquer forma de superação traz em seu bojo também desvantagens. Ciência e arte não dependem do querer apenas. O amor pode vir a se transubstanciar em dor, pela perda do objeto amado. A religião deixaria o fiel em estado de letargia permanente e as drogas, pela sua própria constituição, tendem a degradar o usuário física e moralmente. Para Freud a felicidade não é um estado, mas sim um momento. Pois felicidade, para ele, consiste na realização imediata de um desejo pulsional instintivo.²⁰⁴ Não sendo possível esta realização com a constância por nós pretendida, não existe como satisfazer completamente a castração dos instintos, provocada pela nossa peculiar necessidade de viver em sociedades. Por isso, para a nossa própria sobrevivência, precisamos gerar uma série de sofisticados produtos culturais:

²⁰² Quanto às ilusões geradoras das doenças psicossomáticas, Freud cria que estas adviriam da sensação de incompletude experimentada pelo ser humano. Um contraponto a esta perspectiva encontramos em Winnicott. Para quem a ilusão ao contrário do que pensava Freud era sim, fonte de saúde. Ver a esse respeito o ensaio *Amor: ilusão ou realidade?* Winnicott, *Espinosa, psicanálise e filosofia*. Do professor André Martins. Disponível em <<http://www.dwwinnicott.com/artigos/11.htm>>. Acessado em 15/09/2003.

²⁰³ FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. E.SB, Vol. XXI p. 83.

²⁰⁴ Ibidem, p. 95.

“Como vemos, o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início. Não pode haver dúvida sobre sua eficácia, ainda que o seu programa se encontre em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo. Não há possibilidade alguma de ele ser executado; todas as normas do universo são-lhe contrárias. Ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja ‘feliz’ não se acha incluída no plano da ‘Criação.’”²⁰⁵

Por mais que busque a felicidade esta lhe é inacessível como que por uma impossibilidade ontológica. Buscando-a internamente, amando o próximo ou distante, o homem está condenado à infelicidade.

Recapitulando o que temos visto até agora, o conflito é o pai de todas as coisas, garantia Heráclito. Para Freud isto é verdade no concernente à cultura²⁰⁶. Segundo Freud, a cultura é um produto da gigantomaquia entre Eros e Thanatos, sendo eterno e indissolúvel este conflito. Viver em sociedade, exigiria de nós renúncias às nossas satisfações instintivas, o que ocasionaria o narcisismo ou as atitudes de autoflagelo. O surgimento da sociedade é, para Freud, o fenômeno edipiano projetado para o plano coletivo.

Com o conceito de pulsão de morte a “realidade” não representará um momento oposto ao prazer, será sim Ananke encarnada. A pura necessidade, aquela que obriga, que ordena. È Ananke que nos faz adiar o momento de gozo, que até nos faz sentirmos “prazer” em um ato desprazeroso. Nas palavras de Paul Ricoeur “Se pode considerar essa admissão do desprazer em toda conduta humana como um longo desvio que toma o princípio de prazer para se impor em última instância”.²⁰⁷

²⁰⁵ Ibidem, p. 94.

²⁰⁶ Entenda-se cultura aqui na acepção antropológica moderna. Isto é, toda a produção material e imaterial produzido por um povo. Definição esta tão contrastante com a da antiguidade clássica, *Paidéia*. Ver a este respeito JAEGER, Werner. *Paidéia. A formação do homem grego*. São Paulo: Herder, s/d.

²⁰⁷ RICOEUR, Paul. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 237.

Ananke é a realidade inexorável, é o imperativo categórico da existência humana e, para melhor suportá-la, é preferível uma postura estoica perante a vida, como a do próprio Freud e a de Leonardo da Vinci, estudado por Freud em “*Leonardo da Vinci e uma lembrança da infância*”. Esta figura mítica juntamente com Eros, segundo Freud “se tornaram os pais da civilização”.²⁰⁸

5.3. Cultura e Violência.

Nunca se discutiu tanto e, publicamente, a respeito do mal, da violência, da agressividade, quanto hoje. Filósofos, sociólogos, psiquiatras, psicólogos, artistas, cantores, associações de moradores, em suma, todos os segmentos da sociedade dispõem algum tempo para discutir este tema tão grave como este. Viktor Frankl, já em 1978, asseverava “hoje a agressividade tornou-se um tema atual – não diria da moda – tratado em conferências e congressos e, mais importante ainda, a busca pela paz se concentra”²⁰⁹. Embora seja um tema antigo,²¹⁰ contemporaneamente observou-se um aumento estonteante e anormal da violência em todas as esferas da vida humana. Aumento que não se pode atribuir ao fator demográfico, um aumento exagerado da população mundial, posto que proporcionalmente a violência de hoje supera a de qualquer outro período histórico.²¹¹ Explicações há diversas para mostrar um porquê para este aumento, de algumas tratamos em páginas precedentes, como vimos, umas contrárias, às outras, complementares, ou de outra ordem de explicação. Freud não declinou em ensaiar explicações para este problema tão humano, porque:

²⁰⁸ FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. E.SB, Vol. XXI. p. 121.

²⁰⁹ FRANKL, Viktor. *Um sentido para a vida*. Trad. Victor Hugo Silveira Lapenta. Aparecida-SP: Editora Santuário, 1989. p. 65.

²¹⁰ SCATINBURGO, João. *O mal na história: Os totalitarismos do século XX*. São Paulo: Ltr, 1999. p. 80.

²¹¹ Ibid; p. 68.

“Havia, é claro, muitos aspectos da sociedade e suas instituições em que ele estava profundamente interessado e, se procurarmos uma preocupação constante, podemos descobri-la na influência que exercia sobre Freud qualquer questão relacionada com as origens sociais ou com os primórdios de um determinado fenômeno social ou cultural”.²¹²

Não há, para Freud, questão mais original na formação da sociedade do que a violência.²¹³ A violência que, para ele, foi o ato fundador da sociedade, da cultura. Com o livro “Totem e tabu” Freud elabora a sua teoria do crime primevo e, não tendo como se libertar dele vive a humanidade a perpetuá-lo ritualmente.²¹⁴ Assim, a violência seria traço característico e essencial da vida em sociedade. O sentimento de culpa, ao nível filogenético, também, é oriundo do parricídio primevo. A esse respeito diz Freud:

“O que começou em relação ao pai é completado em relação ao grupo. Se a civilização constitui o caminho necessário de desenvolvimento, da família à humanidade como um todo, então, em resultado do conflito inato surgido da ambivalência, da eterna luta entre as tendências de amor e de morte, acha-se ele inextricavelmente ligado a um aumento do sentimento de culpa, que talvez atinja alturas que o indivíduo considere difíceis de tolerar”.²¹⁵

²¹² WOLHEIM, Richard. *As idéias de Freud*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 225.

²¹³ Há é verdade uma carta de Freud a Pfister onde ele diz não estar muito interessado com o tema do bem e do mal. Porém, esta recusa consiste de certa forma em querer ele delimitar as suas investigações das elucubrações filoteológicas. *Cartas entre Freud e Pfister. 1909 – 1939. Um Diálogo entre a Psicanálise e a fé Cristã*. Trad. Karin Hellen K. Wondracek/Ditmar Junge. Viçosa: Ultimato, 1998. p. 84.

²¹⁴ CANETTI, Elias. *Massa e poder*. Trad. Sérgio Tellalori. São Paulo: Cia das Letras, 1995. p. 138. Neste tópico Elias Canetti trata da simbologia do *primeiro morto*, nas maltas primitivas.

²¹⁵ FREUD, S. *Totem e Tabu*. ESB, Vol. XIII. p. 151.

Para Freud, civilizar-se é renunciar ao prazer. É deixar-se estar premido pela repressão advinda de si, da natureza e da sociedade. A dúvida consiste em saber se esta renúncia é válida. Parece que sim, haja vista nós nos submetemos a ela. Visto assim não é simplesmente uma renúncia, mas uma troca: evita-se o prazer para se evitar a dor.²¹⁶ A violência é origem e fim da sociedade, combustível e comburente. Através dela se forma e por ela se transforma cotidianamente.

Fosse vivo hoje, Freud diria que as suas observações, a esse respeito, se confirmam mais e mais. Freudianamente falando, cada ser humano traz em si, latente, no seu aparelho psíquico um cabedal de frustrações. Frustrações estas que se potencializam ao se unir em com outros indivíduos com a mesma situação. Daí a inevitabilidade das agressões. Não lhe bastasse esta determinação biopsíquica há ainda os catalisadores sócio-tecno-culturais. Uma das situações mais características, segundo Freud, em que se poderia ver a violência humana em seu estado puro seriam as guerras.

5.4. Freud, guerra e pacifismo.

Os seus estudos a respeito da agressividade, crueldade e maldades humanas levaram Freud a chegar a conclusão de que inerente a agressividade há também uma fonte de prazer advinda deste ato agressivo, haveria um complemento entre ambos.²¹⁷

Ao lado de uma agressividade inerente no ser humano, Freud, também fala de um *pacifismo orgânico*. É o que explicita em carta a Einstein:

“Porque nos levantamos com tanta força contra a guerra, o senhor e eu, e tantos outros como nós? [...] Creio que o motivo essencial por que nos levantamos contra a guerra é que não podemos agir de outro

²¹⁶ FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. E.SB, Vol. XXI p. 137.

²¹⁷ ROUDINESCO, E. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 491.

modo. Somos pacifistas porque temos de sê-lo, em virtude de motivos orgânicos.”²¹⁸

Para Freud, mesmo havendo uma propensão para o mal, o homem não é deterministicamente nem bom nem mau, mas sim bom e mau. O momento é quem vai revelar-lhe a atitude. Em termos comportamentais o homem é um vir-a-ser. O ser humano é o único ser vivo que mata o seu semelhante conscientemente e independente de um litígio válido: alimento, espaço territorial e reprodução. Em algumas pessoas parece haver prazer mesmo em infligir dor ao outro. “Se a agressividade é inerente à natureza humana, é por também ser fonte de prazer e, como tal, ser complementar ao amor.”²¹⁹

Verdade que na maioria de nós a razão parece refrear este impulso. Sendo o termômetro para se designar uma sociedade civilizada ou não o seu grau de violência. Assim, o convívio entre semelhantes arrefece o ímpeto destrutivo. Aparentemente. As respostas mais clássicas a este respeito se polarizaram: de um lado o romantismo rousseauiano do bom selvagem, do outro o determinismo beligerante hobbesiano. Freud perfila-se com a tese de Hobbes. Porém, leva em consideração a interação com o meio físico e cultural para a potencialização ou não dos requintes de maldade. Dependemos dessa forma da educação que recebemos, da geografia e da cultura envolventes, mas sem esquecermos que “a inclinação para a agressão constitui, no homem, uma disposição pulsional original e auto-subsistente”.²²⁰

5.5. A cultura como uma segunda natureza

A cultura, aparece-nos como uma segunda natureza humana. Não podendo deixar de ser os seres culturais, temos as nossas determinações libidinais, pulsionais e

²¹⁸ FREUD, S. *Por que a guerra?* ESB, Vol. XXIII. p. 132.

²¹⁹ ROUDINESCO e PLON. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 491.

²²⁰ FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. ESB, Vol. XXIII. p. 125.

orgânicas neutralizadas pela cultura, nos diz Freud. Por isso diz que “Eros e Ananke [Amor e Necessidade] se tornaram os pais da civilização humana”.²²¹

Sendo a natureza humana constitutivamente má:

“A cultura aparece como o grande empreendimento para fazer a vida prevalecer contra a morte: e sua arma suprema é fazer uso da violência interiorizada contra a violência exteriorizada; seu ardil supremo é fazer trabalhar a morte contra a morte[...] em última análise, o ‘mal-estar na civilização’ é ‘o sentimento de culpa engendrado pela civilização’.”²²²

A violência é o momento mais grave desse mal-estar. E a guerra o seu paroxismo. Por mais sublimações e recalques que o ser humano consiga, algo da energética pulsional agressiva exterioriza-se, sendo a guerra um retorno à primordialidade psíquica, e uma forma de protesto por conta da violência civilizacional:

“A guerra corresponde a realidades psíquicas profundas. Ela tem a função de gratificar os impulsos agressivos dos homens, que a civilização tenta domesticar, mas sem êxito durável, porque eles estão entre as forças-motrizas mais poderosas do comportamento humano. A guerra é portanto uma regressão, eticamente lamentável mas psicologicamente fundada, e produz ela própria regressões psíquicas, igualmente lamentáveis – as barbaridades cometidas pelas nações mais civilizadas comprovam essa regressão a estados psíquicos próximos da selvageria primitiva – e igualmente compreensíveis à luz da psicanálise”.²²³

²²¹ Ibidem, 121.

²²² RICOEUR, P. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 236.

²²³ ROUANET, Sergio Paulo. *Mal-Estar na modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.113.

Vê-se assim a diferença entre o *mal radical* kantiano e a *destrutividade freudiana*. Para o filósofo de Königsberg o mal radical é uma propensão,²²⁴ logo, contingencial. Para Freud, uma natureza mesmo. Diz-nos Garcia-Roza:

“A principal diferença entre o mal radical kantiano e a destrutividade freudiana reside no fato de que esta última não é considerada como uma propensão, inclinação ou tendência, mas como um princípio, isto é, como algo que está presente a cada momento regendo cada começo”.²²⁵

Parece haver um consenso, perigoso consenso, entre muitos estudiosos a respeito da inevitabilidade da beligerância humana. O perigo reside no ar de permissividade que dele se revestem todas as atitudes violentas, colocando-as todas em um único nível de destrutividade. Beccaria já advertia que há uma gradação dos delitos posto que “cada delito, embora privado, ofende a sociedade, mas nem todo delito procura sua destruição”.²²⁶ Para Roudinesco:

“O crime, a barbárie e o genocídio são atos que fazem parte da própria humanidade, daquilo que é característico do homem. Por estarem inscritos no cerne do gênero humano, não podem ser eliminados do funcionamento singular de cada sujeito nem da coletividade social, nem mesmo em nome de uma pretensa animalidade externa ao homem. A famosa “besta imunda” de Bertolt Brecht não provém da animalidade, mas do próprio homem que é habitado unicamente pela força da pulsão de morte, a mais cega, a mais compulsiva, a mais intensiva”.²²⁷

²²⁴ KANT, I. *A religião nos limites da simples razão*. Lisboa: Edições70, s/d, p. 26.

²²⁵ GARCIA-ROZA, L. A. *O Mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1990. p.155

²²⁶ BECCARIA, C. op.cit; p. 155.

²²⁷ ROUDINESCO, E. *Por que a Psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. p. 123.

Derrida, com uma pretensão exclusivista, pontifica que “nenhum outro saber estaria disposto a se interessar por algo como a crueldade – salvo o que se chama de psicanálise”.²²⁸ Freud, mais parcimonioso que Derrida, nos diz que “A psicanálise nos ensina não apenas o que podemos suportar, mas também o que devemos evitar. Ela nos diz o que deve ser eliminado. A tolerância para com o mal não é de maneira alguma um corolário do conhecimento”.²²⁹

Paul Ricoeur, diante de tantas teorias, perguntas e respostas, não convincentes, para o problema do mal, nos chama atenção para o fato de que é neste problematizar, neste buscar, que à primeira vista parece infecundo ou não bem sucedido, que reside o “progresso” na discussão do problema: “a sabedoria não será reconhecer o caráter *aporético* do pensamento sobre o mal, caráter aporético conquistado pelo próprio esforço de pensar mais e de modo diferente?”.²³⁰ Para concluir: “o problema do mal não é somente um problema especulativo: exige a convergência entre pensamento, ação (no sentido político) e uma transformação espiritual de sentimentos”.²³¹

5.6. Desamparo e mal-estar.

Para Freud, dois tipos de experiência remetem-nos ao estado de desamparo, um acúmulo crescente de tensão e o súbito desprazer da dor: “quer o ego esteja sofrendo de uma dor que não pára ou experimentando um acúmulo de necessidades instintuais que não podem obter satisfação, a situação econômica é a mesma, e o desamparo motor do ego encontra expressão no desamparo psíquico”.²³²

²²⁸ DERRIDA, J. *Estados-da-alma da psicanálise: o impossível para além da soberana crueldade*. São Paulo: Ed. Escuta, 2001. p. 9.

²²⁹ Estas palavras foram proferidas em uma rara entrevista concedida por Freud a George Sylvester Veireck em 1926. O valor da Vida. In SOUZA, Paulo César (org). *Sigmund Freud e o gabinete do dr. Lacan*. São Paulo: Brasiliense: 1990. p. 122.

²³⁰ RICOEUR, Paul. O Mal: um desafio à filosofia e à teologia. Trad. Maria da Piedade Eça de Almeida. Campinas-São Paulo: Papirus, 1985. p. 47.

²³¹ RICOEUR, P. *Ibidem*, 47.

²³² FREUD, S. *Inibições, Sintomas e Angústia*. E.SB, Vol. XXII. p.173.

Segundo Freud, todas as formas de mal que acometem a humanidade são geradas devido ao conflito, ao irresoluto problema entre o mundo pulsional e o mundo social. Credo, no início das suas pesquisas, em uma possibilidade de resolução harmoniosa entre estas duas instâncias, irá, por fim, desacreditar desta possibilidade e aventará a “problemática do desamparo do sujeito no campo social”²³³, como componente gerador deste Mal-estar. A modernidade legou ao homem, um mundo de mudanças inabarcáveis; a velocidade e o imediatismo lhe são umas das características principais, daí serem geradoras de certo desamparo que por seu turno gera o descontentamento civilizacional.

O tema do desamparo em Freud, embora seja de suma importância para a metapsicologia freudiana, não mereceu do criador da Psicanálise um estudo pormenorizado, embora tenha escrito um artigo articulando o desamparo ao inconsciente²³⁴, o que não diminui em nada a sua importância para o entendimento da problemática do mal-estar na civilização, pois como nos dizem Berlinck e Rodriguez, "a palavra recalcada está intimamente vinculada à violência e à dor. Não se fala o que dói e a violência silencia"²³⁵.

Dilema impossível de ser resolvido, o que nos resta, nas palavras de Birman é a "gestão do desamparo", o que significa "uma espécie de gestão interminável e infinita do conflito".²³⁶ A questão do desamparo na obra freudiana ganha maior vulto a partir da introdução do conceito de pulsão de morte. Teria, podemos dizer, se materializado.

²³³ BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999. p.129.

²³⁴ FREUD, S. *Uma dificuldade no caminho da Psicanálise*. ESB, Vol. XVII. p. 171-184.

²³⁵ BERLINCK, M. e RODRIGUEZ S. (org.) - *Psicanálise de Sintomas Sociais*. São Paulo: Escuta, 1988. p.10.

²³⁶ BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999. p.130.

Em Freud a violência é o ato fundador da civilização. Todos somos herdeiros e co-autores do crime primevo, perpetuado e negado peremptoriamente. Reféns do complexo edipiano, eternos amantes platônicos das nossas mães e assassinos potenciais dos nossos pais, não há fuga para esta situação, que nos faz viver desamparados no mundo. Como diz Aulagnier:

"Psique e mundo se encontram e nascem um com o outro, um para o outro; são o resultado de um estado de encontro que dissemos ser coextensivo ao estado de existente. A inevitável violência imposta pelo discurso teórico ao objeto psíquico decorre de sua necessidade de dissociar os efeitos desse encontro"²³⁷.

5.7. Desamparo, inconsciente, o outro e a violência.

Em “*Uma dificuldade no caminho da Psicanálise*” (1917), Freud faz menção ao terceiro golpe ao narcisismo humano imposto pela sua descoberta do inconsciente. Não bastasse ter sido deslocado do centro para uma periferia qualquer do universo, ser da mesma linhagem evolutiva dos seres inferiores, ainda por cima se descobre regido por uma instância por ele desconhecida.

Ferido mortalmente em seu narcisismo incorrigível, sem poder refugiar-se no outro, no seu semelhante, menos ainda em si próprio, posto que humilhado ao descobrir-se um ente desamparado, desacreditado até mesmo do “sentimento oceânico, sentimento primário cujo conteúdo ideacional a ele apropriado seria exatamente o de ilimitabilidade e o de um vínculo com o universo”²³⁸

²³⁷ AULAGNIER, P. *A Violência da Interpretação*. Do Pictograma ao Enunciado. Rio de Janeiro, Imago, 1975. p.33.

²³⁸ FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. ESB, Vol. XXI. p.77.

Desde muito cedo, segundo Freud, nós começamos a ensaiar formas de proteção para a violência e o desamparo, oriundos das nossas pulsões e do exterior. Essa primeira violência Aulagnier chama de “Violência primária”:

"Chamaremos de violência primária à ação psíquica pela qual se impõe à psique de um outro uma escolha, um pensamento ou ação, motivado pelo desejo daquele que o impõe, mas *que* são, entretanto, apoiados num objeto que para o outro corresponde à categoria do necessário"²³⁹.

Freud, em “O Mal-Estar na Civilização”(1930), relata as sensações experimentadas pelas descobertas que um bebê faz ao longo da sua infância, referentes ao seu corpo e ao mundo exterior. O bebê, referentemente à sua mãe, experimenta uma angústia com o seu afastamento, o que representa a ausência da sua primeira fonte de alimento fora do útero, carinho, calor e ao mesmo tempo vai se apercebendo da sua total dependência para com este ser externo.

Com o desenvolvimento em "Além do Princípio do Prazer", da sua teoria das pulsões, Freud irá estabelecer as bases de como, apesar de todos os problemas oriundos da vida em comunidade, a civilização é um avanço, comparado a épocas pretéritas, e necessário para a manutenção da vida humana, perante o desamparo proporcionado pela natureza. Referente à união dos homens em sociedade nos diz Freud:

"Essas reuniões de homens devem estar libidinalmente ligadas umas às outras. A necessidade, as vantagens do trabalho em comum, por si sós, não as manterão reunidas, Mas o natural instinto agressivo do homem, a hostilidade de cada um contra todos e a de todos contra

²³⁹ AULAGNIER, P. *A Violência da Interpretação: Do Pictograma ao Enunciado*. Rio de Janeiro, Imago, 1975. p.33.

cada um, se opõe a esse programa de civilização. Este instinto agressivo é o derivado e o principal representante do Instinto de Morte que descobrimos lado a lado de Eros e com esse divide o domínio do mundo. E é essa batalha de gigantes que nossas babás tentam apaziguar com sua cantiga de ninar sobre o céu"²⁴⁰

Sendo uma das fontes do desamparo humano, a sociedade curiosamente é necessária para a manutenção do próprio homem: "A civilização, portanto, consegue dominar o perigoso desejo de agressão do indivíduo, enfraquecendo-o, desarmando-o e estabelecendo no seu exterior um agente para cuidar dele como uma guarnição numa cidade conquistada"²⁴¹

O termo utilizado por Freud, em alemão, para designar o estado de desamparo é *Hilflosigkeit*, excitação, estímulo, e, segundo Luis Hans:

“É antiga a idéia em Freud de que o excesso de *Reize* é vivido pelo sujeito como algo avassalador que o leva ao estado de desamparo (*Hilflosigkeit*). Esse termo é carregado de intensidade, e expressa um estado próximo do desespero e do trauma. Esse estado é semelhante àquele vivido pelo bebê, o qual é incapaz, pelas próprias forças, de remover o excesso de excitação pela via de satisfação, sucumbindo à *Angst*".²⁴²

Segundo o mesmo autor no seu “Glossário Alemão – Português”, o termo *Reiz*, por seu turno deriva do verbo *Reizen*, que deriva também do verbo *Reißen*, (risco,

²⁴⁰ FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. ESB. Vol.XXI. p. 126.

²⁴¹ Ibidem, 127.

²⁴² HANNS, L - *Dicionário comentado do Alemão de Freud* Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.228.

arranhão) originariamente. Hodiernamente tem o significado de rasgar, de separação violenta. Portanto, o desamparo é um efeito traumático de abandono, de falta.

Para Zeferino Rocha, não há estado de desamparo maior do que o experimentado pela criança, posto que refém de sua tênue idade é um sujeito passivo quanto à exterioridade:

“A *Hilflosigkeit* freudiana refere-se, primeiramente, ao estado em que se encontra o recém-nascido, completamente impossibilitado de poder ajudar-se a si mesmo com seus próprios recursos. De fato, dificilmente se poderia imaginar um estado de desamparo maior do que esse do recém-nascido, o qual, por causa de sua imaturidade motora e psíquica, é um “*Hilflos*”, vale dizer, alguém incapaz de satisfazer sozinho às suas necessidades vitais de sobrevivência[...] Sem dúvida, esta incapacidade biológica é um dado inevitável, tem força de uma predestinação e marca a condição humana, desde o início, com o selo do desamparo. Todavia, não é só do ponto de vista biológico que a situação do recém-nascido é emblemática. Ela também significa *uma situação de desamparo diante do desejo do outro*. Freud parece ter consciência disso quando, em *Totem e Tabu*, anuncia a existência de alguns tabus, criados para proteger culturalmente a criança e o velho, desamparados diante das ameaças do desejo dos outros”.²⁴³

Assim, o desamparo é parte constitutiva do aparelho mental do homem, e virá à tona com maior intensidade toda vez que for submetido a uma situação traumática, de perigo, de grande tensão, diante da qual não terá o que fazer. Nestas situações o

²⁴³ ROCHA, Zeferino. Desamparo e Metapsicologia – Para situar o conceito de desamparo no contexto da metapsicologia freudiana. *Síntese*, Revista de Filosofia. Belo Horizonte, Vol. 26, nº86, 1999. p. 335.

indivíduo perde toda a capacidade de representação espaço-temporal. Nas observações clínicas de Ferenczi:

"O choque é equivalente à aniquilação do sentimento de si, da capacidade de resistir, agir e pensar com vistas à defesa do si mesmo. [...] A comoção psíquica sobrevém sempre sem preparação. Teve que ser precedida pelo *sentimento de estar seguro de si*, no qual, em consequência dos eventos, a pessoa se sentiu *decepcionada*; antes, tinha excesso de confiança em si e no *mundo circundante*; depois, muito pouca ou nenhuma. *Subestimou* sua própria força e viveu na louca ilusão de que *tal* coisa não podia acontecer; 'não à mim'. [...] A *subtaneidade* da comoção psíquica causa um *grande desprazer que não pode ser superado*" ²⁴⁴(grifos do autor).

A sensação de desamparo nos remete para a realidade inelutável da morte. A única certeza do ser vivente, mas que nós nos recusamos a aceitar. A primeira relação da morte que temos é por intermédio do outro. Com a morte do nosso semelhante nós nos lembramos da nossa finitude. Freud em "Reflexões para o tempo de guerra e morte" afirma: "a escola psicanalítica pode aventurar-se a afirmar que, no fundo, ninguém crê em sua própria morte, ou dizendo a mesma coisa de outra maneira, que no inconsciente cada um de nós está convencido de sua própria imortalidade".²⁴⁵ Ratifica esta sua conclusão em "O ego e o Id", ao afirmar que "a morte é um conceito abstrato com um

²⁴⁴FERENCZI, S. "Reflexões sobre o trauma". In: *Obras completas*, vol. IV. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 109-110.

²⁴⁵FREUD, S. *Reflexões para o tempo de guerra e morte*. ESB, Vol. XIV. P. 327.

conteúdo negativo para o qual nenhum correlativo inconsciente pode ser encontrado”

246 .

²⁴⁶FREUD, S. *O ego e o id*. ESB, Vol. XIX, p.75.

CONCLUSÃO

Como a questão filosófica do mal inquieta os homens desde tempos imemoriais, “*Começamos interrogando e interrogando é que terminamos*”. Porém, após esse estudo, podemos dizer que as nossas interrogações apresentam agora um caráter mais *epistêmico* e menos de *doxa*. O nosso princípio norteador foi o de compreender mais e julgar menos.

O objeto do nosso estudo foi uma leitura do mal, suas fontes, origens e conseqüências na civilização, em *O mal-estar na civilização*. Embora Freud já tivesse tratado do tema do mal, da violência, da cultura e da civilização em obras anteriores, esse texto de 1929-30 é o mais representativo e mais substancial neste concernente. É uma obra de referência para quem deseja estudar o Mal-Estar na Modernidade e na Pós-modernidade.

Pudemos perceber que, para Freud, a natureza humana tem uma tendência constitutiva para a destruição. Opondo-se a esta determinação pulsional, uma outra de mesma ordem, mas de natureza diferente, oposta para sermos mais precisos, a *pulsão de vida*, atuaria concorrendo para a perpetuação do homem e seria a responsável pelo sutil equilíbrio da vida. Tendo uma pequena proeminência neste embate.

Do estudo efetuado, identificamos as três principais fontes do sofrimento humano: o desconforto gerado pela natureza circundante, aquele advindo da própria constituição corporal e psíquica do homem e, por fim, o mais incisivo, aquele oriundo da convivência em comunidade. Identificamos também, as soluções provisórias propostas por Freud, a arte, a ciência, e o seu diagnóstico da cultura, da civilização.

O que se aduz da pesquisa é a finalidade mesma da Psicanálise, qual seja, sendo impossível a felicidade plena, mesmo através da religião, arte e ciência, o que nos resta

é desenvolvermos meios menos traumáticos de gerenciarmos o desconforto advindo deste desamparo, impossível de enganar ou de esconder. Frustrados na nossa sexualidade e culpados pela nossa agressividade, diante das incertezas civilizacionais o que a Psicanálise nos pode oferecer é nos ensinar a verbalizar os nossos temores inconscientes, fazer com que reconheçamos e aprendamos a traduzir em palavras o sofrimento da incompletude, a ver que nós, outrora “sua majestade o bebê,” somos agora vassalos de forças infinitamente superiores às nossas. Não é pouca coisa.

Filho de um século que tinha a esperança na potencialidade da ciência e da razão para a resolução de todos os problemas humanos, inclusive de ordem existencial, Freud foi um homem do seu tempo. Logo, o contexto em que viveu foi o gestor do texto estudado *O mal-estar na civilização*, que, por sua vez, destinava-se à compreensão de um mal-estar inerente à própria cultura.

Passados pouco mais de cem anos, todas as esperanças aventadas pelas projeções da época mostraram-se vãs. O próprio Freud, na sua longa existência, teve oportunidade de rever o seu prognóstico quanto à cura das neuroses.

Comparada à *Revolução Copernicana*, temos aquela provocada no pensamento humano levada a cabo por Darwin, Nietzsche e Freud. Esses três mestres da suspeita, como felizmente anotou Paul Ricoeur, são responsáveis por algumas reavaliações de algumas “certezas” humanas.

Freud assevera a autonomia da pulsão de morte, e com isso, declara o homem um ser pulsional, que não pode ser tachado *a priori* de bom ou mal, dependendo para isto da conjuntura do momento por ele vivido.

É também com essa dualidade e incerteza que Freud encerra *O mal-estar na civilização* e, assim, nos proporciona o sonho do homem acordado, a esperança, como dizia Aristóteles. Embora tenhamos um poder outrora inimaginável sobre a natureza,

origem também da sua inquietação, não podemos prever como nos esquivar destas mesmas forças artificiais por nós adquiridas. Ainda aqui, *Eros* e *Thanatos*, apelando para o primeiro, Freud não aposta quem sairá ganhador.

Um final de fel, sem dúvida, porém um final coerente com o diagnóstico a que Freud chegou. Devido à grandiosidade do que almejava, abriu muitos flancos em sua teoria e críticas. Malgrado alguns equívocos em que uma empreitada como essa pode incorrer, não se pode negar ao Dr. Freud a criação de uma construção cerebral invejável. E parafraseando uma célebre assertiva de Paul Ricoeur, podemos dizer que ‘o mal-estar na civilização dá a pensar’.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obra primária.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização.** Vol. XXI. In: _____. *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. Edição Standard Brasileira em 24 volumes/ Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey e Alan Tyson; tradução do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. – Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Outras obras de Freud

_____. *Projeto Para uma Psicologia Científica*. ESB, Vol. I.

_____. *A interpretação dos sonhos*. ESB, Vol. IV.

_____. *Psicopatologia da vida cotidiana*. ESB, Vol. VI.

_____. *Cinco lições de Psicanálise*. ESB, Vol. XI.

_____. *Totem e tabu*. ESB, Vol. XIII.

_____. *Reflexões para o tempo de guerra e morte*. ESB, Vol. XIV.

_____. *Pulsões e destinos das pulsões*. ESB, Vol. XIV.

_____. *Os Instintos e suas Vicissitudes*. ESB, Vol. XIV.

_____. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. ESB, Vol. XIV.

_____. *A desilusão da guerra*. ESB, Vol. XIV.

_____. *Leonardo da Vinci e uma lembrança da infância*. ESB; Vol. XIV.

_____. *Uma dificuldade no caminho da Psicanálise*. ESB, Vol. XVII.

_____. *Psicologia de grupo e análise do ego*. ESB, Vol. XVIII.

_____. *Além do princípio do prazer*. ESB, Vol. XVIII.

_____. *O Ego e o Id*. ESB, Vol. XIX.

_____. *O problema econômico do masoquismo*. ESB; Vol. XIX.

- _____. *O futuro de uma ilusão*. ESB, Vol. XXI.
- _____. *Inibições, Sintomas e Angústia*. ESB, Vol. XXII.
- _____. *Por que a guerra?* ESB, Vol. XXII.
- _____. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. ESB, Vol. XXII.
- _____. *O Desmembramento da Personalidade Psíquica In Novas Conferências Introdutórias da Psicanálise*. ESB, Vol. XXII.
- _____. *Correspondência completa para Wilhelm Fliess. 1887-1904*.
- _____. *A história do movimento psicanalítico*. ESB, Vol. XXXIX.
- _____. *Cartas entre Freud e Pfister. 1909 – 1939. Um Diálogo entre a Psicanálise e a fé Cristã*. Viçosa: Ultimato, 1998.

Bibliografia secundária

- ADOUM, Jorge. *Grau do aprendiz e seus mistérios*. Esta é a maçonaria. São Paulo: Editora Pensamento, 1993.
- ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- _____. *Eichmann em Jerusalém (um relato sobre a banalidade do mal)*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- ALVES, Roque de Brito. *Criminologia*. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- AGOSTINHO, S. *Solilóquios*. Porto-Portugal: Livraria Apostolada da Imprensa, 1897.
- _____. *Confissões*. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984.
- AULAGNIER, P. *A Violência da Interpretação: do Pictograma ao Enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- ASSOUN, Paul-Laurent. *Introdução à Epistemologia Freudiana*. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- _____. *Metapsicologia freudiana: uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BANDURA Albert. *Modificação do Comportamento*, Rio de Janeiro: Editora Interamericana Ltda, 1969.

BARACHO, José Alfredo de. Teoria geral do principio da proporcionalidade. *Revista da academia brasileira de letras jurídicas*. V.1, n.1 (Jan./Jun.) Rio de Janeiro: Academia, 1985.

BERGER, I. Peter. *Um rumor de anjos*. Rio de Janeiro: Vozes, s/d.

BECCARIA, Cesare. *Dos delitos e das penas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOBBIO, Norberto. *Direito e Estado no pensamento de Emanuel Kant*. Brasília: UnB (Col. Pensamento Político: 63), 1984.

BERLINCK, M.; RODRIGUEZ S. (org.) - *Psicanálise de Sintomas Sociais*. São Paulo: Escuta, 1988.

BROCA, Brito. *Ensaio de mão canhestra*: Cervantes, Goethe, Dostoiévski, Alencar, Coelho Neto, Pompéia. São Paulo: Polis, 1981.

BIRMAN, J. *Ensaio de teoria psicanalítica, 1*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

_____. *Estilo e Modernidade em Psicanálise*. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. *Mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro Editora, s/d.

CANETTI, Elias. *Massa e poder*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

CAPALBO, Creusa. *Fenomenologia e Ciências Sociais*. Londrina: UEL, s/d.

CARVALHO, Olavo de. *O imbecil coletivo*: Atualidades Inculturais Brasileiras. Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade, 1996.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *A anti-semitismo na era Vargas (1930-1945)*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CASTIGLIONE, Teodolino. *Lombroso perante a criminologia contemporânea*. Bahia: Ed. Sapiência, 1972.

CHEVALLIER, Jean-Jacques. *História do pensamento político*, Tomo 1, Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

CHILDE, Gordon. *A evolução cultural do homem*. São Paulo: Zahar, 1975.

COHN, Norman. *A conspiração mundial dos judeus*: Mito ou realidade? Análise dos protocolos e outros documentos. São Paulo: Ibrasa: 1967.

DAMÁSIO, Antônio R. *O erro de Descartes. Emoção, Razão e Cérebro humano*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1995.

DA CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. S. Paulo: Nova Fronteira, 1997.

DERRIDA, J. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

_____. *Estados-da-alma da psicanálise: o impossível para além da soberana crueldade*. São Paulo: Escuta, 2001.

DRAWIN, Carlos Roberto. *Psicanálise e Metafísica. O esquecimento da razão. Síntese Nova Fase*. jul-set. 1990.

EINSTEIN, A. *Como vejo o mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FRANCO, Sérgio de Gouvêa. *Hermenêutica e Psicanálise na obra de Freud*. São Paulo: Loyola, 1995.

FRANKL, Viktor. *Um Psicólogo no campo de concentração*. Trad. Nuno Santos. Lisboa: Editorial Aster, s/d.

_____. *Um sentido para a vida*. Aparecida-SP: Editora Santuário, 1989.

FERENCZI, S. "Reflexões sobre o trauma". In: *Obras completas*, vol. IV. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

FREITAG, Bárbara. *Itinerários de Antígona. A questão da Moralidade*. Campinas, Ed. Papirus, 1992.

FROMM, Erich. *A anatomia da destrutividade humana*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar Editores, 1975.

GAY, Peter. *Uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

HANNS, Luiz Alberto. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Série Analytica. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *Seminários de Zollikon*. Editados por Medard Boss. São Paulo: Educ; Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

HUXLEY, Aldous. *Huxley e Deus*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1995.

JACOB, André. *O homem e o mal*. Lisboa: Piaget, 2000.

JAEGER, Werner. *Paidéia. A formação do homem grego*. São Paulo: Herder, s/d.

- JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- JAPIASSU, H. *Psicanálise: ciência ou “contraciência”?* Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- JONES.E. *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- KANT, I. *Textos Escolhidos*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- _____. *A Paz Perpétua e Outros Opúsculos*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- _____. *A religião nos limites da simples razão*. Lisboa: Edições 70, 1992.
- KAPLAN, Harold I. *Compêndio de Psiquiatria: Ciências do comportamento e psiquiatria clínica* / Harold I. Kaplan, Benjamin J.Sadock e Jack Greeb. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- KARDEC, Allan. *O livro dos Espíritos*. Trad. J. Herculano Pires. São Paulo: Editora EME, 1996.
- LACAN, J. *O Seminário. Livro 7 : a ética da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- _____. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar: 1998.
- LOPARIC, Z. Psicanálise: uma leitura heideggeriana. *Veritas*. Porto Alegre. V.43, n.1.
- LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- LABERGE, Jacques. Real e repetição. In: *Anais da V Jornada Freud-Lacanianana*, Recife, 1999.
- LÉVINAS, E. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- LIMA VAZ, H.C. Religião e modernidade. *Síntese Nova Fase*. Belo Horizonte. Abr./jun. 1991.
- LORENZ, K. *A Agressão: uma história natural do mal*. Lisboa: Moraes Editora, 1979.
- MAXIMILIANO, Carlos. *Hermenêutica e aplicação do Direito*. Rio de Janeiro: Forense, 2002.
- MARX, Melvin H ;HILLIX, William A. *Sistemas e teorias em Psicologia*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix,1997
- MEZAN, Renato. *Psicanálise, Judaísmo: Ressonâncias*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- _____. *Psique, Alma e Aparelho Psíquico*. São Paulo: Caminhos Cruzados, s/d.
- MORRIS, Desmond.*O macaco nu*. Um estudo do animal humano. Rio de Janeiro: Record, 1998.

MUSSEN, P.H. *O desenvolvimento psicológico da criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

PACHECO E SILVA, A.C. *Psiquiatria Clínica e Forense*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1940.

PAULO II, João. *Fides et Ratio*. São Paulo: Paulinas, 1998.

POPPER, Karl. *A miséria do historicismo*. S. Paulo: Cultrix/EDUSP, 1980.

PRADO, Bento (Org.) *Filosofia da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

RAIKOVIC, P. *O sono dogmático de Freud: Kant, Schopenhauer, Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

REICH, Wilhelm . *Psicopatologia e sociologia da vida sexual*. São Paulo: Global editora, s/d.

RIBEIRO SILVA, A. F. *A metapsicologia de Freud*. Belo Horizonte: Passos, 1995.

RICOEUR, P. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. *O Mal: um desafio à Filosofia e à Teologia*. Campinas: Papyrus, 1988.

ROUANET, S. P. *O mal estar na modernidade*. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

ROUDINESCO e PLON. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ROUDINESCO, E. *Por que a Psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

ROCHA, Zeferino. *Freud: Aproximações*. Recife: Ed. Universitária/UFPE, 1995.

ROSENFELD, D. *Do mal*. Porto Alegre: LePM, 1988.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Ed Zahar, 1990.

_____. *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

_____. *Introdução à Metapsicologia Freudiana*. Vol. I. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1995.

_____. *Acaso e repetição em Psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SCANTIMBURGO, João. *O mal na história: Os totalitarismos do século XX*. São Paulo: Ltr, 1999.

SCHEIDT, J.V. *As experiências de Freud*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

- SCHOPENHAUER, S. *A arte de ser feliz*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001.
- SCHULTZ, Sidney Ellen. *História da Psicologia Moderna*. São Paulo: Cultrix, s/d.
- SIMON, Bennet. *Razon y Locura en la Antigua Grécia*: las raíces clásicas de la psiquiatria moderna. Trad. Felipe Criado Boado. Madrid: Akal Editor, 1984.
- SOUZA, Paulo César (org). *Sigmund Freud e o gabinete do dr. Lacan*. São Paulo: Brasiliense: 1990.
- SOUPA, Anne; BOURRAT, Michèle. *Deve-se acreditar no diabo?* São Paulo: Paulinas, 1998.
- STEVENSON, R. L. *O Estranho caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde*. Trad. Marques Rebêlo. Rio de Janeiro: Ediouro, 1971.
- TREVISAN, Dalton. *O vampiro de Curitiba*. 29ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.
- TSE, Lao. *Tao te ching. O livro que revela Deus*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2003.
- VAZ, H. C. de Lima. *Antropologia Filosófica*. Vol.II. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- WEBER, Max. A ciência como vocação. In: GERTH H. H.; MILLS, C. W. (Orgs). *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.
- WOLHEIM, Richard. *As idéias de Freud*. São Paulo: Cultrix, 1977.

Na Internet:

BALLONE, Geraldo J. *Componente Biológico da agressão*. Disponível em, < <http://www.psiqweb.med.br/forense/biocrime.html> >. Acessado em 05 de Agosto de 2003.

Jornal eletrônico *O indivíduo*. Disponível em <<http://oindivíduo.com/entrevista/renegirard.htm>> . Acessado em 31 de Outubro de 2003..

MARTINS, André. *Amor: ilusão ou realidade? Winnicott, Espinosa, psicanálise e filosofia*. Disponível em, < <http://www.dwwinnicott.com/artigos/11.htm> >. Acessado em 15/09/2003.

REGO, João. Poder, Estado e Sociedade em Hobbes e Freud: *Reflexões sobre Leviatã e O mal-estar na Civilização*. Disponível em: < www.fundaj.com.br > Acessado em 10/3/2003.

